



ANTONIO FERREIRA BARROS

(JOSÉ PAMPILHO)

AFICIONADOS E GANADEROS

PERFIS E CRITICAS
ANEDOCTAS E CASOS PITTORESCOS



LISBOA

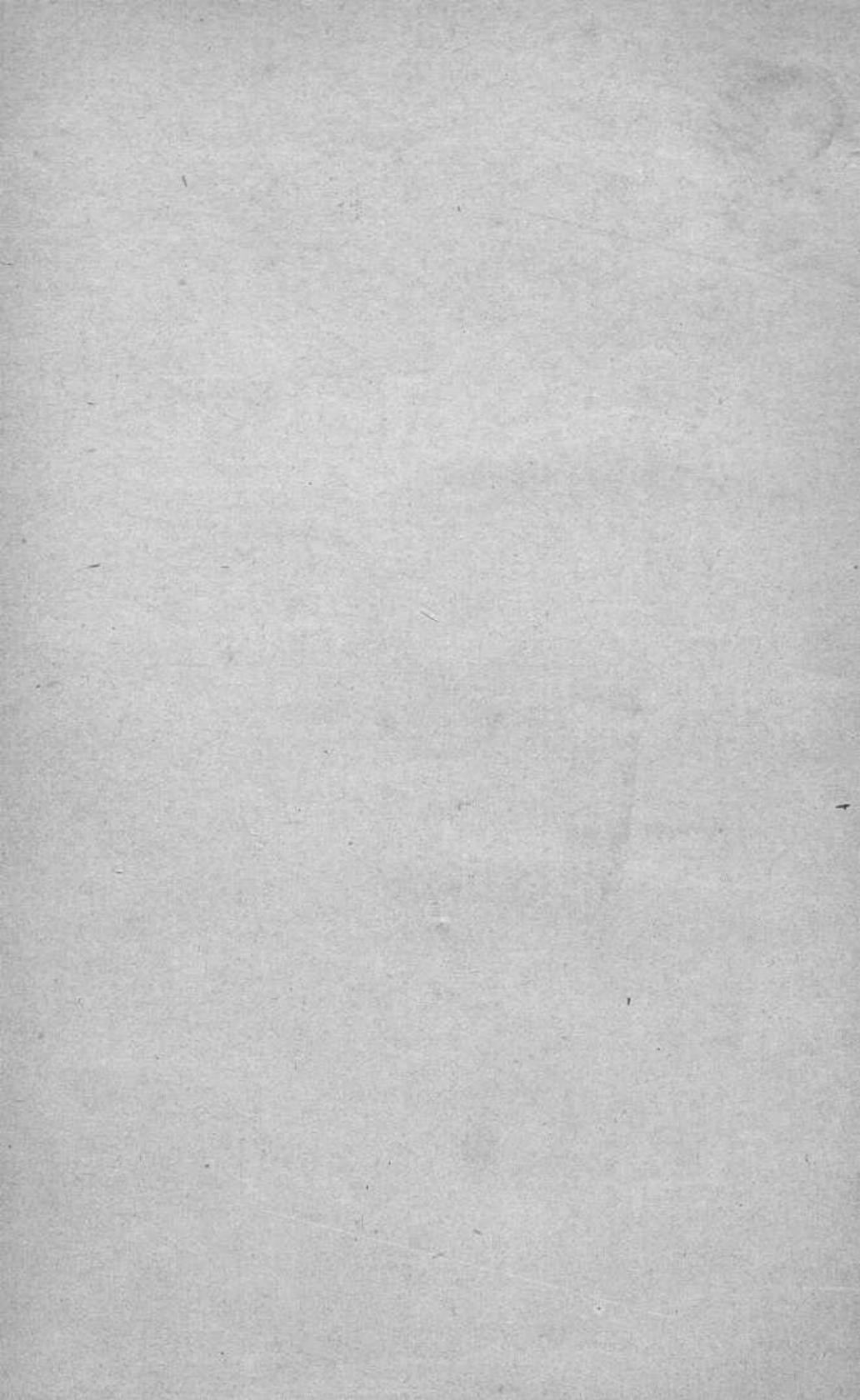
MANUEL GOMES, EDITOR

Livreiro de Suas Magestades e Altezas

61 — RUA GARRETT (CHIADO) — 61

M DCCCC I

AFICIONADOS E GANADEROS



ANTONIO FERREIRA BARROS

(JOSÉ PAMPILHO)

Amator

A FICIONADOS
E GANADEROS

PERFIS E CRITICAS
ANEDOCTAS E CASOS PITTORESCOS



LISBOA

MANUEL GOMES, EDITOR

Livreiro de Suas Magestades e Altezas

61 — RUA GARRETT (CHIADO) — 61

M DCCCC I

AOS LEITORES

Este livro é o segundo que escrevo sobre tauromachia; e porventura outros se seguirão ainda, se o publico continuar a manter-lhes a acceitação lisongeira, que deu ao meu primeiro volume, *Toireiros e Toiradas*, publicado em fins de 1896, e que constituiu um verdadeiro successo de livraria no nosso paiz. Devo attribuir esse favor ao vivo interesse, que a litteratura tauromachica despertou sempre no publico portuguez, tão entusiasta pelo nobre e empolgante divertimento nacional. E por isso me abalanço a novo commettimento, apresentando hoje aos amadores de toiradas os *Aficionados e Ganaderos*.

Este, como aquelle, não é um alcorão taurino, nem um cathecismo tauromachico. É uma collecção de perfis, de artiguitos, de anedoctas e de casos pittorescos, que vieram ao correr da penna, sem intuitos de prelecção, nem vaidades de publicista. Foi escripto despretenciosamente, em horas de desfado, sem preoccupações de ensinar ninguem. Deixo esse encargo aos mestres, que por signal são rarissimos.



PARTE I
GANADEROS



SUA Magestade EL-REI O SENHOR D. CARLOS I

Sua magestade el-rei o senhor D. Carlos

Affirmava um philosopho da primeira metade d'este seculo, que a arte não tem balizas nem barreiras. Paraphraseando os dizeres conceituosos do discipulo de Voltaire e de João Jacques Rousseau, um bacharel em canones asseverou um dia no Penedo da Saudade — ha que annos isso foi! — que as artes liberaes se expandem livremente por todo o orbe terraqueo. Abstraindo — contradictou o conselheiro Accacio — os paizes refractarios a innovações.

O mesmo não acontece á arte tauromachica, porque essa só creou fundas raizes na peninsula, onde se acclimou, desenvolvendo-se e aperfeiçãoando-se.

*

* *

O *pan y toros* dos hespanhões — como o *panen et circenses* dos romanos, — não é um paradoxo de litterato. E' uma verdade com fóros de cidade. Tirem-lhes o pão, e sobretudo os toiros, que o mesmo é que arrancar-lhes as mais doces illusões da sua alma. Porque as toiradas são o seu divertimento favorito, aquelle em que mais gosam, e com que mais se emocionam.

Todos os seus pintores, que são notaveis; todos os seus dramaturgos, que são eminentes; todos os seus romancistas, que são servidos por uma imaginação rica e pujante; tudo isso, que é muito, é nada também em comparação com as estocadas do Frascuelo, com os quieibros do Gordito, com as largas inimitaveis do Lagartijo, com os quites do Mazzantini, com a muleta do Guerrita e com o capote do Antonio Fuentes.

*

* *

Se o paiz, que foi berço do Cid Campeador e de Cervantes, é profundamente aficionado, não o é menos a nação que gerou Vasco da Gama e Luiz de Camões, dois sóes de primeira grandeza, que illuminaram o mundo com os fulgores da sua audacia incommensuravel e do seu genio colossal. Para não fallar de outros insignes varões, cujos feitos heroicos a historia regista em letras de oiro.

Se a sociedade protectora dos animaes — de parceria com outros corações sensiveis, defensores natos de bichanos vadios e de ratos transmissores da peste bubonica — não antepõe a um quadro de Columbano ou a uma marinha de João Vaz uma pega de cara do Pedro de Oliveira ou um rabejamento do Jorge Rebello da Silva; se não troca uma sorte á tira do Luiz do Rego, uma estribeira do Alfredo Marreca ou uma garupa do D. Antonio de Siqueira (S. Martinho) pelos *Peraltas e Secias*; se prefere a voz finamente modulada da Virginia aos cuarteos do Duarte Pinto Coelho e aos segos do Antonio Pestrello; — a maioria do publico portuguez ado-

ra, no emtanto, a nobre arte de sortear rezes bravas; e, se nos mezes de inverno corre, pressurosa, ás exposições do Gremio Artistico a admirar os quadros dos nossos pintores, ao theatro lyrico a presenciar as scenas capitaes da *Hebrea*, e ao D. Amelia para vêr a figura impeccavel de correcção do marquez de Villemer e o porte brilhante e cavalheiresco do duque de Aleria,—no estio, de fatos claros e leves, a pé ou de americano, tressuando, lá vae caminho do Campo Pequeno, em cujo redondel se desenrolam as pugnas homericas entre o homem e o toiro.

*

* *

E o povo tem rasão. Porque, se não ha nada mais grandiosamente sensacional do que ver o espada Guerrita, um clarão no olhar, posição esculptural, que faria a admiração do estatuario grego, abater a seus pés—depois d'uma faena soberba de muleta—um antagonista formidavel, n'esse momento supremo, que Theophilo Gautier considera superior a todas as tragedias shakespereanas, é igualmente admiravel uma sorte bem citada e rematada á estribeira do Victorino Froes, um soberbo par de bandarilhas do Simão da Veiga, e uma valente e arrojada pega de cara executada pelo Narciso de Oliveira David.

*

* *

Nascido n'este bello paiz de Portugal, onde o inicio das toiradas se perde na noite dos tempos, e neto de reis que manearam o rojão com

uma valentia e donaire inegalaveis, que as chronicas mencionam encomiasticamente, sua magestade el-rei o senhor D. Carlos não podia deixar de ser aficionado. Se, como alguns dos seus illustres antepassados, sua magestade não mata touros a rojão, porque essas luctas não estão no seu animo, e attendendo a que as leis por que modernamente se rege o paiz tal não permittiriam, o egregio principe interessa-se comtudo pelas coisas de tauromachia, a ponto de ser reputado como um dos aficionados mais entusiastas e entendedores.

Quando os deveres da sua alta magistratura não lhe põe embargos, sua magestade el-rei — que leva a sua aficção a ponto de ser o maior accionista da praça do Campo Pequeno, protegendo em tudo os toureiros, offertando de quando em quando magnificos corceis de combate aos cavalleiros tauromachicos — assiste a todas as corridas, seguindo com a maxima attenção os lances, que se desdobram no ruedo, quer seja uma faena de muleta de diestro insigne, a lide a cavallo d'um artista consagrado ou ainda uma pega de cara de forçado audacioso e valente.

*

* *

Como lavrador — e sua magestade el-rei é um dos mais abastados e dos mais illustres — tem no mais alto apreço a criação de gado bravo. Assim é, que vemos o senhor D. Carlos pôr todo o cuidado na sua ganaderia, que está installada na magnifica herdade do Vidigal, em Vendas Novas.

Certo, que sua magestade el-rei não possui gado bravo para ser corrido em praças publicas,

porque não deseja de modo algum fazer concorrência aos ganaderos. Os seus toiros têm sido lidados á porta fechada para divertimento de sua magestade, dos seus convidados e dos povos de Vendas Novas e proximidades — quando o chefe do estado vae em digressão á provincia do Alemtejo.

Os cornupetos, que dão melhor lide, demonstrando bravura e nobreza, são destinados para sementaes. D'esta fórma o moderno rei lavrador — que se dedica ás coisas da agricultura com todo o desvelo d'um iniciado e d'um sabedor — contribue tambem pela sua parte para o aperfeiçoamento das rezes bravas, as quaes, em carne e em preço, valem muito mais do que gado manso da mesma idade, quer seja indigena, quer das mais afamadas raças estrangeiras.

*

* *

Tal é o perfil, como lavrador e aficionado, de sua magestade el-rei o senhor D. Carlos.

D. Caetano de Bragança.—Tiveram em tempo uma grande fama os toiros dos duques de Lafões. Os chronistas da epoca são unanimes em affirmar, que o gado bravo d'aquelle casa era um dos melhores, que então se lidavam nas praças de Portugal. Não sabemos, porque não somos d'aquelle tempo. Effectivamente a casa Lafões, de que é representante o senhor D. Caetano de Bragança, tem alugado toiros para muitas praças do paiz, os quaes, na sua maioria, honram galhardamente o nome do seu dono. Pertenciam ao sympathico fidalgo os cornupetos corridos no dia 6 de agosto de 1899, na praça do Campo Pequeno, em beneficio dos bandarilheiros Torres Branco e Manuel dos Santos. Exceptuando tres rezes, que saíram algo brandas, as restantes deram bôa conta da missão que foram chamadas a desempenhar no circo da capital.

O senhor D. Caetano de Bragança tambem tem toireado a cavallo em corridas de fidalgos e de beneficencia, sendo alvo de sinceras ovações pela maneira como prende os ferros e pela forma como maneja os seus soberbos corceis.



Emilio Infante da Camara.—Dizem os de tempos idos, que eram terriveis os toiros de Emilio Infante, pae. Saiam do curro da praça do



EMILIO INFANTE DA CAMARA

Campo de Sant'Anna como um furacão, levando tudo adiante de si. Os de pé davam que fazer aos homens de montera, que n'aquelle tempo eram rijos e muito sabedores do seu officio; e os de cavallo, arrancando de largo a largo, faziam suar o topete a cavalleiros como Manuel Mourisca, José Bento de Araujo, Alfredo Tinoco e Luiz do Rego.

Actualmente, se os toiros do abastado lavrador de Valle de Figueira não são melhores, também não são peiores.

O sr. Emilio Infante tem alugado soberbos toiros para varias praças do paiz, e n'este anno de 1900, que vae correndo, mandou á praça de Algés alguns curros, que satisfizeram por completo os assistentes.



Estevão de Oliveira.— Data do tempo do Infantado a ganaderia d'este lavrador.

O primeiro sangue d'esta ganaderia foi de vaccas e toiros do lavrador Damaso, do Cartaxo; o segundo, de Troca, do Ribatejo; o terceiro, de Jacome Ratton, de Barroca de Alva; o quarto, de Vicente Luiz Vinagre, da Ribeira de Coruche; o quinto, do barão de Almeirim.

No cruzamento d'estas differentes raças predominou sempre o sangue bravo.

Nas celebres corridas ao desafio, effectuadas no Campo de Sant'Anna, com toiros de Raphael José da Cunha, João de Sousa e Estevão de Oliveira, os d'este ultimo saíram sempre victoriosos.

Os toiros de Pancas tambem eram muito

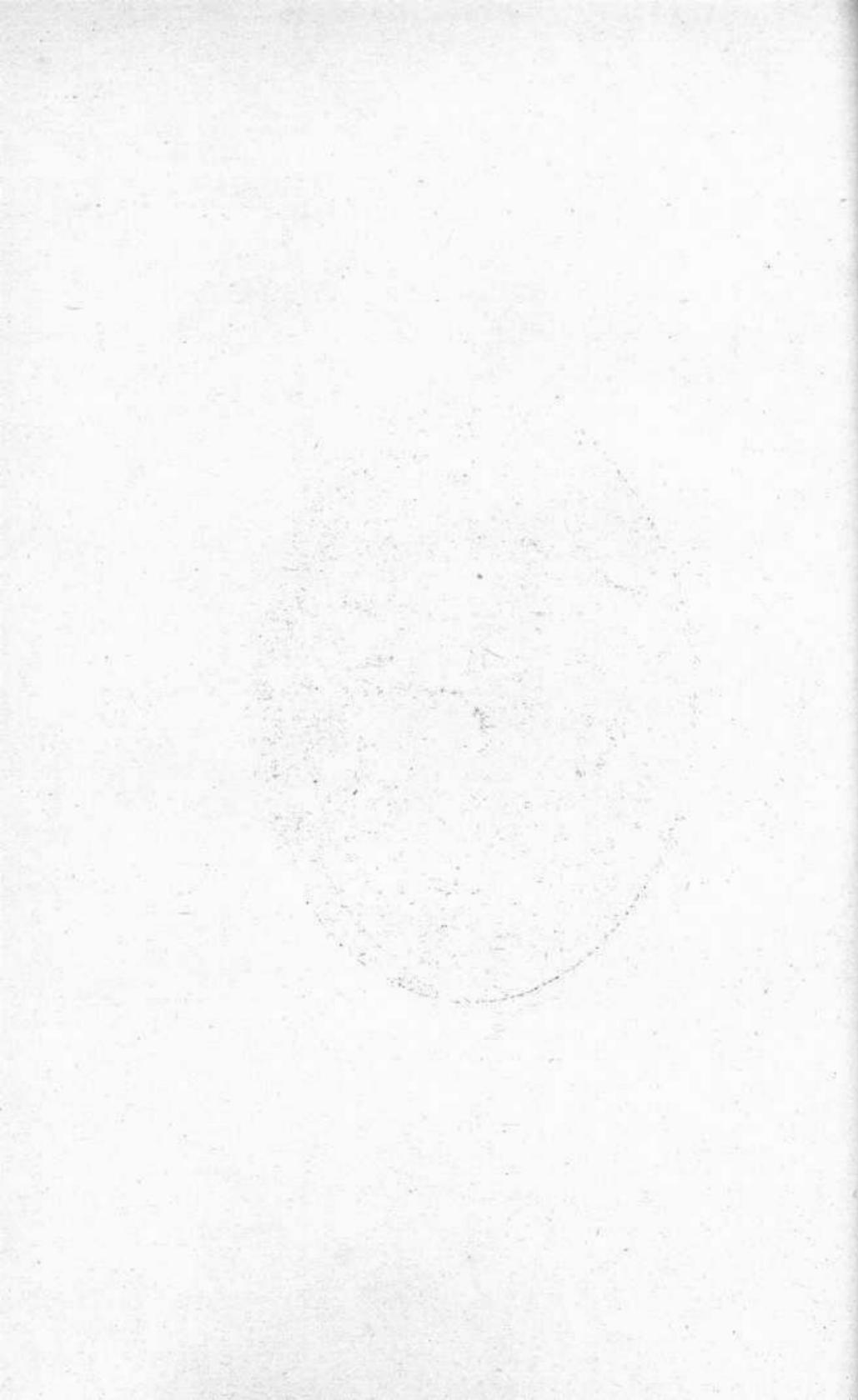
apreciados em Hespanha, onde foram lidados durante 10 annos, com uma media de 50 por epoca. Frascuelo gostava immenso d'estes cornupetos, que despachava com aquellas estocadas monumentaes, que fizeram a sua fortuna e a sua gloria.

O mesmo não acontecia com os outros diestros, incluindo Lagartijo, que, vendo a extraordinaria bravura e corpulencia dos animaes, que eram d'uma grande dureza e pegajosos como nenhuns outros, nunca voltando a cara ás puyas, chegando sempre ao terceiro tercio com grande poder, produzindo n'uma tarde em Madrid tres colhidas graves, resolveram não estoquear toiros d'esta procedencia. Para tal fim lavraram uma escriptura, impondo-se a multa de 5 contos a todo o diestro, que toireasse bichos tão ferozes. Salvador Sanchez tentou demover os seus collegas de tal proposito, mas o terror, que lavrava nas fileiras dos espadas era tal, que o grande matador nada pôde fazer. Frascuelo primeiro resistiu, mas depois, por espirito de camaradagem, annuiu, participando o caso a Estevão de Oliveira, que pouco se importou com o facto. Em tão longo espaço de tempo nenhum dos seus toiros levou um unico par de bandarilhas de fogo!

Durante alguns annos o sr. Estevão de Oliveira não deu toiros para serem corridos nas praças de Portugal. Em 1897 recommçaram os toiros de Pancas a apparecer nas arenas do paiz, dando uma lide satisfactoria. O sr. Estevão de Oliveira não descure a sua ganaderia, que dentro em pouco tempo será uma das melhores d'este e do outro lado do Tejo.



ESTEVÃO DE OLIVEIRA





LUIZ DA GAMA

Faustino da Gama.—Possue este acreditado creador uma ganaderia, que dentro em pouco tempo poderá competir vantajosamente com as melhores do paiz visinho, pois que conta com elementos para formar uma casta, que reunirá todas as condições exigidas para que a lide resulte brilhante quando os cornupetos forem toireados dentro dos preceitos, que a arte indica, o que infelizmente raras vezes succede.

Data de 1877 a formação d'esta ganaderia, com vaccas do marquez de Bellas, visconde da Abrigada e conde de Belmonte, cruzadas com dois toiros muito bravos, de nome *Labrusco* e *Bogalho*, do conde de Sobral. Em 1888 foram adquiridos dois novos sementaes pertencentes a Estevão de Oliveira e a D. Caetano de Bragança, de cujo cruzamento não conseguiu o sr. Faustino da Gama tão bons resultados.

Os toiros procedentes do cruzamento Sobral denotavam na sua maioria bastante bravura, tornando-se alguns celebres como o *Limão*, que foi lidado á hespanhola no Colyseu Portuense, aguentando 12 puyazos sem virar a cara, recargando e demonstrando bastante poder; e o *Labrusco*, que deu sempre boa lide nas muitas corridas em que entrou, accommettendo com coragem e nobreza. Os toiros denominados *Retinto* e *Carqueja* tambem foram notaveis pela bravura que accusavam, sendo por tal motivo escolhidos para sementaes.

O sr. Luiz da Gama, sobrinho d'este brioso ganadero e aficionado dos mais entusiastas, tomou a direcção da ganaderia, e convencido de que se tornava necessario fazer uma boa selecção, a fim de começar o apuramento, que idealisava, tentou nos annos de 1893 e 1894 todas

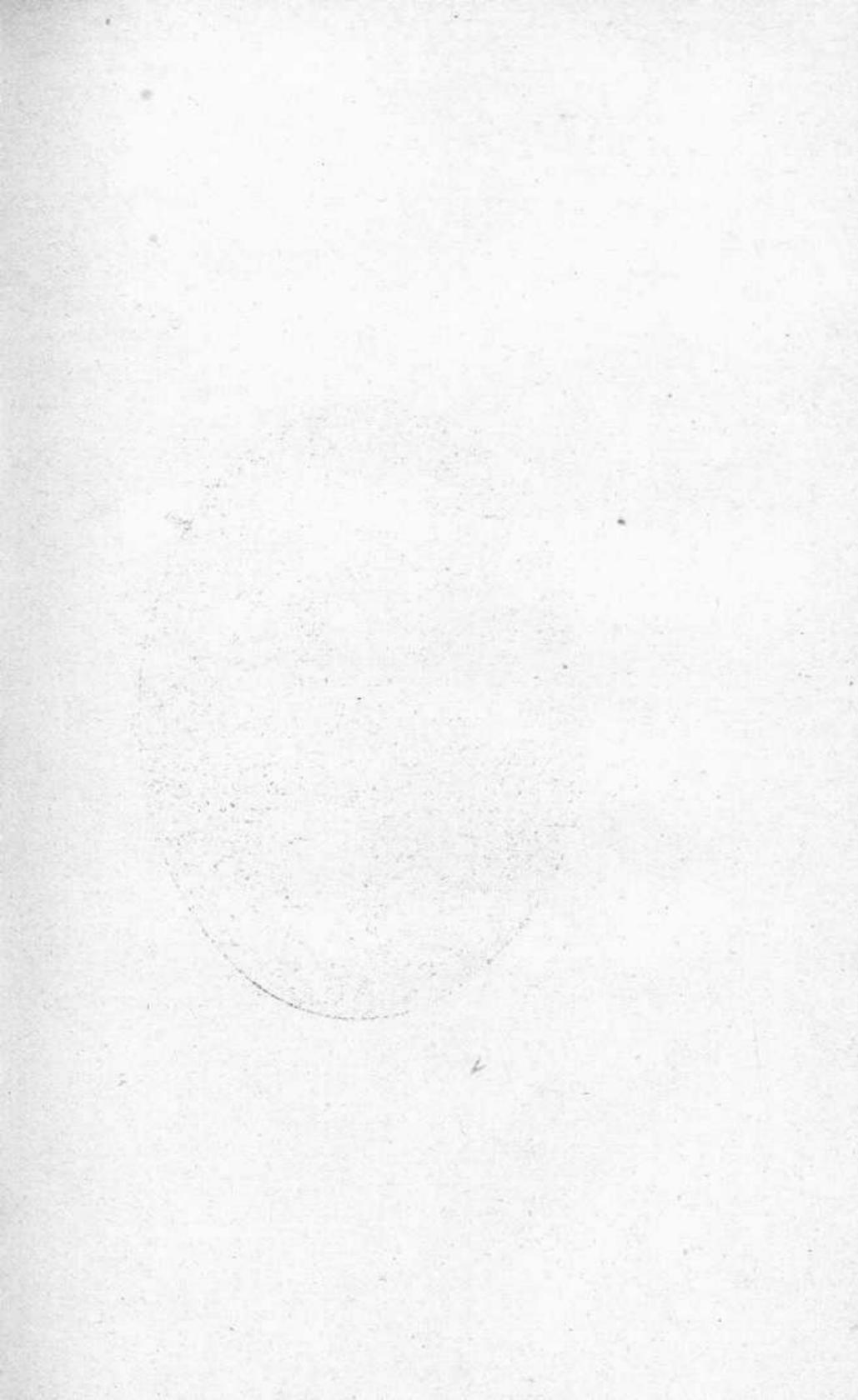
as suas vaccas, em numero de 380, das quaes apenas apurou 110, que em 1894 e 1895 foram cruzadas com o toiro *Jaqueton*, de Luiz Mazzantini. Este toiro foi escolhido d'entre 35 bezerreros, que tinham sido tentados em Linarejos, proximo de Madrid.

Todos os que assistiram á tenta foram de opinião, que o bezerro mais bravo que appareceu foi *Jaqueton*. Note-se que não faltavam opiniões auctorisadissimas, como a de Salvador Sanchez (Frascuelo). N'um palmo de terreno tomou o famoso bezerro 8 puyazos, recargando em todos, occasionando, apesar do seu pouco poder, uma violenta colhida a Fernando Campillo, colhida de que não resultou ferimento grave, graças á opportuna intervenção de Mazzantini e Taravilla, que acudiram ao logar do perigo.

Na mesma occasião foram retentadas as vacas e tentadas as bezerras de 2 annos, escolhendo o sr. Luiz da Gama 30 vaccas das mais bravas e toda a piara das bezerras de anno, que eram 33. Estas foram tentadas no novo tentadero, que este cavalheiro mandou construir na magnifica propriedade denominada Varzea da Rainha, de seu tio, em Obidos. Foram apuradas 8, unicamente as superiores.

O sr. Luiz da Gama, ainda não contente com os resultados obtidos, seguiu nova orientação e com enorme difficuldade conseguiu um semental e 14 vaccas da afamada ganaderia andaluza de D. Joaquim Muruve, approvadas na tenta que se realisou em Utrera em 1897; escolheu mais 15 vaccas e egual numero de bezerras e em 1898 adquiriu mais 12 vaccas com nota de superiores.

O primeiro toiro semental de Muruve, cha-





JOÃO THOMAZ PITEIRA

mado *Cucharero*, foi morto em Caceres no dia 30 de maio de 1898 pelo espada Antonio Fuentes. No primeiro tercio aguentou 9 puyas por cinco caidas e 4 cavallos arrastados. Esteve bem em bandarilhas e á hora da morte não offereceu difficuldades.

Hoje os sementaes provenientes da ganaderia de Muruve são dois toiros finissimos, chamados *Malagueño* e *Bravio*, dois exemplares do que de melhor se pode obter na casta de rezes bravas. Nada lhes falta: sangue apuradissimo, lamina superior e typos dos melhores. Conseguiu o sr. Luiz da Gama obter o que até hoje ainda nenhum ganadero portuguez pôde realizar, isto é, possuir o puro sangue d'uma raça considerada como das primeiras não só da Andaluzia como de toda a Hespanha.

Com a sua muita aficion, esclarecida intelligencia e conhecimento do assumpto, certamente ha-de conseguir o resultado que ambiciona, e assim a ganaderia do sr. Faustino da Gama será dentro em pouco das melhores, pois que são raros os que dispõem de tão bons elementos.



João Thomaz Piteira.—Mais de cincoenta annos são passados, que este antigo lavrador, que tem a sua ganaderia em Canha, comprou a José Elias Bettencourt, de Coruche, algumas vaccas bravas e um toiro, possuindo, pouco tempo depois, toiros finos. O sr. João Thomaz Piteira começou então a alugar cornupetos para quasi todos os cosos do paiz, vendendo tambem al-

guns a varios individuos. O primeiro a adquirir rezes bravas de Canha foi o sr. Francisco Leal Batefolha, que fornecia toiros para differentes praças. O sr. Thomaz Piteira vendeu tambem por muitas vezes toiros aos irmãos Robertos. Os insignes bandarilheiros mandaram um anno dois cornupetos para Badajoz, sendo um d'elles o mais nobre da corrida. Ha quatro annos que vende toiros ao cavalleiro José Bento de Araujo, para o Brazil. O primeiro toiro, que Manuel Casimiro farpeou na praça do Campo de Sant' Anna, e que saiu magnifico, pertencia ao sr. Thomaz Piteira. Tambem o primeiro cornupeto, que Adelino Raposo toireou na praça de Aldeia Gallega, era propriedade d'este lavrador. Actualmente os toiros do sr. Thomaz Piteira não agradam no Campo Pequeno, talvez devido a serem muito moles de unhas. Pastando em terrenos areosos não teem a resistencia necessaria para pisarem o macadam. D'ahi o molestarem-se muito nos caminhos, que teem de percorrer para irem para as differentes praças.



José Palha. — E um dos creadores portuguezes, que mais cuidadoso se tem mostrado no apuramento da sua ganaderia, que foi fundada com 150 vaccas apuradas por meio de tenta e cruzadas com o famoso toiro *Guitarrero*, de Concha y Sierra, que transmittiu aos filhos bravura e bom sangue. Annos depois adquiriu alguns magnificos novilhos de Miura, que continuaram a depurar a raça, que actualmente é uma das pri-



MANUEL THEOTÔNIO LARANJA

meiras do nosso paiz. Ha annos que o sr. José Palha não dá toiros para as praças portuguezas, mandando-os para Hespanha, onde teem boa cotação. Os primeiros cornupetos, que enviou para a praça de Madrid, foram estoqueados no dia 28 de abril de 1889, dando uma lide que mereceu os mais rasgados elogios da imprensa hespanhola.



Manuel Duarte Laranja. — Abastado lavrador de Coruche, cuja ganaderia foi fundada ha quarenta annos com bois e vaccas da antiga raça de Vieira Raposo. Poucos annos depois adquiriu o sr. dr. Manuel Duarte Laranja algumas vaccas do barão de Almeirim e toiros de José Elias Betencourt, da raça de Raphael José da Cunha. Em 1882 a ganaderia foi refrescada com um toiro de Ferreira Roquette, um animal bravo e de muitas arrobas, que foi farpeado n'uma festa artistica de Alfredo Tinoco, celebre corrida em que os 14 toiros foram todos lidados a cavallo. De então para cá nunca mais entrou elemento estranho na manada. Os cornupetos d'este lavrador teem sido corridos no Campo de Sant'Anna, Campo Pequeno, Porto, Cartaxo, Cintra, Cascaes, Setubal, Algés, Aldegallega, Almada, Barreiro, Montemór, Evora, Azaruja, Santarem, Salvaterra, Coruche, Thomar. Até 1882 o sr. dr. Manuel Duarte Laranja fornecia gratuitamente os seus toiros para beneficios. Começou a alugar-os para todas as corridas n'aquelle anno. Superintende na sua ganaderia seu sobrinho Manuel Theotónio Laranja, um bom aficionado muito versado em assumptos tauromachicos.

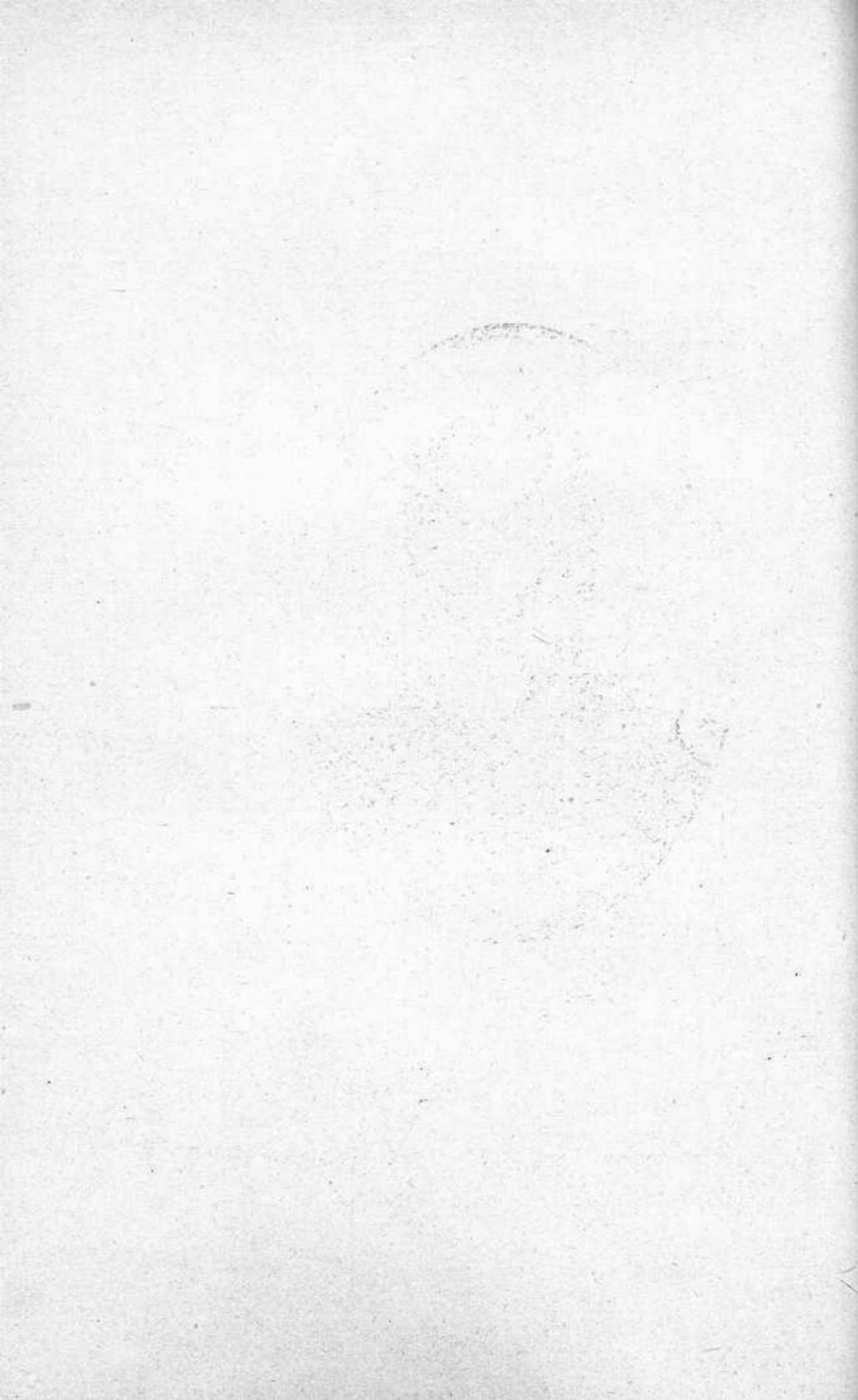
Maximo da Silva Falcão.—Quando o abastado fazendeiro Francisco da Silva Falcão falleceu, deixou os seus toiros ao dr. Maximo da Silva Falcão, seu sobrinho, que nascera na villa de Constança a 5 de dezembro de 1831, e se formara na faculdade de direito no dia 13 de julho de 1853. Os toiros legados descendiam de vacas bravas pertencentes ao lavrador de Santarem, João Salinas Benevides. Estes cornupestos davam sempre um jogo magnifico, sobretudo os de pé, e no geral eram pretos, de pello assestinado, de pernas curtas e abarbellados. E d'ahi até hoje, o dr. Maximo Falcão tem apresentado curros de primeira ordem, não só na praça de Lisboa como nas da provincia. A sua ganaderia figura entre as mais bem cotadas de Portugal.



Visconde de Varzea.—Esforça-se por elevar a sua ganaderia,—para o que tem dispendido grossas quantias—a uma das melhores do paiz. Não se tem poupado a despezas para ir depurando cada vez mais o seu gado bravo. Nos ultimos tempos tem apresentado bons curros. No dia 18 de maio de 1899, n'uma corrida effectuada na praça de Algés em honra da officialidade do *Adamastor*, apresentou dez toiros, que saíram nobres e voluntarios; e no dia 22 do mesmo mez os seus toiros corridos na Covilhã proporcionaram-lhe uma ovação estrondosa. N'este anno de 1900, o visconde de Varzea tem alugado toiros para as praças de provincia, que cumpriram na maioria.



VISCONDE DE VARZEA



O sympathico titular tambem é um excellente rejoneador, dispondo d'uma mão de redea primorosa e d'um braço direito magnifico. Em muitas corridas de fidalgos e de beneficencia tem demonstrado os seus profundos conhecimentos sobre equitação e tauromachia.

OS OUTROS GANADEROS

Dos restantes lavradores, entre os quaes se contam os srs. Luiz Patricio, Roberto da Fonseca, Manuel Duarte de Oliveira, Paulino da Cunha e Silva, Correia Branco, José Fernandes Orvalho e Antonio Rodrigues Santo, pouco tenho a relatar, porque não pude obter dados sobre as suas ganaderias.

Direi, no emtanto, do sr. Luiz Patricio, que tem fornecido toiros para quasi todas as praças do paiz, incluindo a do Campo Pequeno, e que, como alguns dos seus collegas, trata de apurar cada vez mais a sua ganaderia.

O sr. Roberto da Fonseca, que foi um bandarilheiro insigne e hoje é um opulento lavrador, tambem tem alugado para varias praças cornupetos, que são nados e creados nos campos de Salvaterra de Magos, e que ora saem bravos, ora não dão jogo apreciavel. O curro lido no anno da graça de 1899, na praça do Campo Pequeno, na festa artistica do bandarilheiro Raphael Peixinho, cumpriu no geral, havendo mesmo alguns toiros finos e bravos.

Do sr. José Fernandes Orvalho já vi um curro na praça de Santarem, que saiu bravissimo, e

um outro no Campo Pequeno, que deixou completamente satisfeitos artistas e espectadores.

O sr. Antonio Rodrigues Santo adquiriu ha pouco tempo a ganaderia do conde de Sobral, que elle trata de afinar o mais possivel.

E' na Ribeira do Cartaxo, que pastam pachorrentamente os toiros do sr. Manuel Duarte de Oliveira, que de vez em quando, no estio, são sangrados nos redondeis d'esta nação, que por um triz não foi feita em estilhas no dia 13 de novembro de 1899. Alguns toiros portam-se bem; mas outros não se conduzem com a mesma hombridade. Talvez effeitos dos vapores do Cartaxo.

Pertenciam ao sr. Correia Branco, de Coruche, os dez cornupetos, que foram lidados no dia 15 de julho d'este anno na praça do Campo Pequeno.

Exceptuando tres rezes, que saíram algo malesas, as sete restantes satisfizeram tanto no primeiro como no segundo tercio. Já ha muitos annos, que o sr. Correia Branco aluga toiros para muitas praças do paiz.

Todos sabem que é nos sitios da Commenda, em Santarem, que o abastado lavrador e proprietario, sr. Paulino da Cunha e Silva, tem a sua ganaderia. Temos visto toiros bons d'esta procedencia, a par de outros que deixam muito a desejar.

Finalmente, a Companhia das Lezirias, que possui muito gado bravo, tem alugado toiros e garraios para innumeradas diversões taurinas. Muita gente, e boa, é de opinião que estes toiros são melhores no prato do que no ruedo. Não será tanto assim, mas cada um pode expender livremente a sua idéa, ou idéas.

CAVALLEIROS

Alfredo Marreca.—Em varias praças d'este reino pegou, em bons tempos que já lá vão, muitos toiros. Um valentissimo forcado. Nos campos da Gollegã derribou a la falseta, na companhia de Carlos Relvas e outros cavalleiros. Pulso vigoroso e animo temerario. Em quasi todos os ruedos d'este paiz tem lidado toiros formidaveis, uns bravissimos e nobres e outros sabendo mathematica na ponta das unhas e dos cuernos. Um grande mestre na arte de farpear; um equitador insigne e um toireiro consummado. Dispondo d'um vigor extraordinario, d'um arrojo assombroso e d'uma serenidade inalteravel, Alfredo Marreca mede geometricamente os terrenos, entra e sae da reunião com toda a oportunidade e pericia, rematando as sortes com o maximo brilhantismo e galhardia.



D. Antonio de Siqueira Freire.—Pelos seus poderosos dotes de equitador e pelas suas enormes faculdades de rejoneador é um dos marrechaes do toireio a cavallo. Quem o vê no rondel cavalgando soberbamente e farpeando com a maxima valentia e donaire, não sabe o que mais ha-de admirar: se a pujança do cavalleiro, se a sciencia do toireiro. D. Antonio S. Martinho tem tomado parte em innumeradas cor-

ridas de beneficencia, sendo alvo sempre de rubras e prolongadas ovações de todos os espectadores, que teem no mais alto apreço as qualidades artisticas e pessoas do sympathico fidalgo, que é evidentemente uma das figuras mais notaveis da tauromachia portugueza.



Luiz do Rego.— É eminente como toireiro e como equitador, sendo um dos membros mais notaveis e prestigiosos da immensa pleiade de toireiros amadores. Estrelando-se ha annos na praça de Villa Franca de Xira, foi depois a quasi todas as arenas de Portugal, incluíndo a do Campo de Sant'Anna, theatro dos seus mais ruidosos triumphos, onde o publico admirava extactico não só as exuberantes faculdades do equitador, mas a assombrosa envergadura do toireiro. Em Hespanha rejoneou toiros desembolados, sendo alvo de estrondosas ovações; e em Paris, aonde foi em companhia de Alfredo Tinoco, fascinou por completo os francezes com a sua lide alegre, elegante e altamente artistica. O seu nome ficará inscripto em letras luminosas no livro de oiro da tauromachia, onde teem sido registados os mais soberbos lances das arenas portuguezas.



Victorino Froes.— E' lavrador — e se tem apresentado alguns toiros mansos, tem feito exhibição, em cambio, de cornupetos bons. Foi bandarilheiro — e se mettia os palitroques com

bravura, manejava o capote e a muleta com todo o desafogo e brilhantismo. Mas onde o trabalho de Victorino Froes attinge as raias da correcção impecavel é no toireio a cavallo, em que é uma das figuras mais culminantes, sendo considerado, com toda a razão, um mestre na arte de sortear rezes bravas, e um dos representantes mais lidimos do conde de Vimioso, do marquez de Castello Melhor e de outros rejoneadores, que deixaram um nome inapagavel na historia do toireio lusitano.



D. Antonio de Portugal e Castro.—Quem o vê a pé, figura desempenada, alto, magro, barba cerrada, calças apertadas, com o andar proprio de quem monta a miudo a cavallo, dirá: «Vae ali um cavalleiro». Quem o tem visto nos ruedos, cavalgando com preceito e farpeando com todas as regras da arte, pensará: «Eis ali um equitador e um toireiro de fina tempera». E assim é. Ha annos, porém, que os aficionados não teem o gosto de presenciar o seu toureio classico.



D. José Manuel da Cunha Menezes.—A sua estreia nas lides taurinas foi auspiciosissima. Entrou com o pé direito, como se usa dizer. Domando com suprema facilidade o seu cavallo rebelde, farpeou com tanto sangue frio, com tanta serenidade, que dir-se hia um artista consagrado. Se no picadeiro é insigne em ensinar um corcel, no ruedo era notavel pela forma como iniciava e rematava as sortes.



Fernando de Almeida.—Quando o vi, ha annos, em S. Pedro do Sul, toírear a cavallo, disse de mim para mim: «Que pena este rapaz não se dedicar á vida de toireiro, em que havia de ir longe, porque tem faculdades para isso.» Mas a sciencia de Hypocrates, de que elle é ornamento, não prescindia do seu concurso, e lá foi para a Gollegã curar dos doentes do corpo, com os seus conhecimentos scientificos, e dos doentes do espirito com os seus conselhos de homem experiente e desinteressado. Mas como é muito aficionado, ás vezes não tem mão em si e lá desce ao redondel a defrontar-se com os cornupetos. Assim é que o vimos no Colyseu Portuense n'uma corrida em favor da subscrição nacional, tomando parte, de então para cá, em muitas corridas particulares na Gollegã, Chamusca e outras terras, sempre com agrado da assistencia. Em 1899 na praça do Campo Pequeno, n'uma corrida promovida por seu irmão Manuel Casimiro em favor do Sanatorio de Carcavellos para escrofulosos, farpeou artistica e brilhantemente o 1.^o toiro da 2.^a parte. Montando muitissimo bem, deixou no morrillo da fera alguns ferros largos e curtos, que lhe renderam uma ovação entusiastica e sincera.



D. José de Siqueira Freire.— Se não dispõe das faculdades extraordinarias de seu irmão D. Antonio, farpeia no emtanto com denodo e

sangue frio. Ainda no dia 1 de junho de 1899, na inauguração da praça de Braga, toireou por tal forma, que recebeu muitos applausos dos espectadores.



Visconde de Alverca.—Farpeia com frescura e elegancia, como fresca e elegante é a sua pessoa. Quando o gracioso cavalleiro remata uma sorte, não ouve palmas só da parte mascula da assistencia, porque formosas damas ha, que palmeiam tambem com as suas mãos breves e finamente enluvadas.



José Casimiro de Almeida.—E' filho do distincto e festejado cavalleiro Manuel Casimiro, tão querido e apreciado do nosso publico. O juvenil amator, que apenas conta 17 annos de idade, estreiou-se em 1894, em Meleças, n'uma vaccada. Mais tarde, em 1896, entrou n'uma corrida particular em Algés, como bandarilheiro. Pouco depois, em Valle de Figueira, n'uma tenta de garraios de Emilio Infante da Camara, bandarilhou quatro bezerras e farpeou duas garraias com toda a frescura e aprumo. No anno de 1899, porem, é que o joven e sympathico amator começou a salientar-se. Em Vizeu, pelas festas de Santo Antonio, tomou parte em duas corridas como cavalleiro, sendo alvo d'uma lisongeira ovação; nas toiradas de 25 e 29 de junho em Evora os espectadores tributaram-lhe muitas palmas pela forma donairoza como far-

peou; em 3 de setembro, em Setubal, lidou o 4.^o toiro, collocando cinco ferros largos, e dois curtos, soberbos; e dias depois, na praça da capital, em beneficio do Sanatorio de Carcavellos para escrofulosos, rejoneou o 4.^o toiro com todo o preceito e graciosidade, ouvindo applausos de todos os assistentes. José Casimiro tomou parte este anno na festa artistica de seu pae, e no dia 22 de julho, no beneficio de Theodoro Gonçalves e Jorge Cadete, farpeou dois toiros. Tanto n'uma como n'outra corrida continuou a revelar as suas notaveis faculdades para o toureiro.



João Marcellino de Azevedo.—Ainda deve ter nos ouvidos a ovação, que o publico lhe tributou no dia 2 de julho de 1899 na praça do Campo Pequeno, no beneficio de Fernando de Oliveira. Farpeou luzida e artisticamente o primeiro toiro, que era um animal bravissimo do sr. Faustino da Gama. Além d'esta corrida, temol-o visto rejonear em outras toiradas, mostrando sempre superiores aptidões.



BANDARILHEIROS

Affonso Villar. — Tem bandarilhado em quasi todas as corridas promovidas pelo Real Club Tauromachico. Afora outras diversões taurinas, que os nossos olhos peccadores não tem visto. A gente não pode estar em toda a parte. Isso é apenas para os que tem o dom da ubiquidade.



Alexandre Caldas. — Nasceu em Santarem, terra de muitos e bons aficionados, e onde tambem ha bom vinho, e algumas raparigas de se lhes tirar o chapéu. Alexandre Caldas, que é um bandarilheiro elegante, tem tomado parte nas festas taurinas dadas pelo Real Club Tauromachico. Para não fallar de outras corridas, em que figurou, e a que não nos foi dado assistir.



Antonio Perestrello de Vasconcellos. — Deve ter ainda de memoria as ovações ruidosissimas, que lhe tributava o publico, quando elle, muito aprumado e elegantemente vestido, se ia ao toiro de cara, e, cuadrando-se na cabeça da rez, lhe deixava as bandarilhas, que nem pintadas. Era um bandarilheiro distinctissimo, que já

ha annos deixou as lides da arena. Que bella coisa se todos tivessem a aptidão d'elle! Tambem manejava o capote e a muleta com muita habilidade.



Carlos Silva. — Passa por ser um dos melhores bandarilheiros, que conta a cidade da Virgem, que possui a honra de conter dentro dos seus muros o coração do senhor D. Pedro IV. Carlos Silva tem toireado, com applauso, em varias praças do paiz.



D. Diogo Pina Manique. — Como seus irmãos, tambem foi um toireiro amator muito distincto. Dedicou-se ás luctas taurinas, como bandarilheiro, contando apenas 14 annos de idade. Em 1866 apresentou-se na praça do Campo de Sant'Anna, sendo alvo d'uma quente ovação pela forma artistica e vigorosa como cravou os rehiletos. E d'ahi até ha poucos annos entrou em muitas festas tauromachicas.



Duarte Pinto Coelho. — Quando estudante da escola medica, apresentou-se em muitas corridas, recebendo sempre as ovações mais calorosas dos espectadores pela forma brilhante como toireava. Seguro em todas as sortes de bandarilhas, era comtudo nos cuarteos que elle

se revelava insigne. Medico, substituiu as bandarilhas pelo bisturi. Se a medicina ganhou, perdeu a tauromachia um dos seus lidadores mais queridos e festejados.



Felix Saraiva.—Muitas vezes tem descido ao ruedo este bandarilheiro amator, que é um dos rapazes mais elegantes de Lisboa. As palmas, que tem ouvido, provam-lhe exuberantemente, que o seu trabalho satisfaz os espectadores. Tem toireado em Lisboa, no Porto, em Aveiro, em Cascaes, em Espinho e outras terras.



Fernando de Noronha (D.)—Ha muitos annos que não se vê toirear este amator, que apontava as bandarilhas com desaforo e bravura. Deixou as lides da arena pelos trabalhos da burocracia, que, se são mais socegados, não são tão gloriosos como os do redondel.



Henrique Freire.—Não sabemos onde nasceu, e que idade tem, mas o que podemos affirmar é que maneja os rehiletos e a flammula com muita habilidade. Vimol o uma unica vez, mas foi o bastante para lhe aquilatar o merecimento.



João Ferreira Pinto Basto.—Tem entrado em muitas corridas como bandarilheiro. Ainda me lembro de o ver, em 1892, n'uma toirada effectuada na praça do Barreiro em beneficio dos operarios sem trabalho. Coube-lhe em sorte o 7.^o toiro, no qual cravou alguns pares de bons zarcillos.



Julio Cesar dos Santos.—Para mim era completamente desconhecido este bandarilheiro amador, que vi pela primeira vez no ruedo da praça do Campo Pequeno n'uma corrida de fidalgos, que ali se realisou ha tempos. Claro, que não podia exhibir um toireio artistico, porque lhe falta a pratica; mas, estudando e seguindo os exemplos dos mestres, pode vir a ser um bom peão de lide.



Manuel Constantino da Silva.—Não só os jornaes de Angra, onde derramou as primeiras lagrimas, mas tambem alguns compatriotas seus, que teem vindo esparecer a Lisboa com a mira de verem o elevador da Estrella entrar pela igreja do Loreto dentro, são concordes em affirmar que este cavalheiro, que não tenho a honra de conhecer, prende as bandarilhas com habilidade.



Mario Duarte. — Nasceu na Anadia no dia 7 de abril de 1870 este festejado amator, que tem bandarilhado em varias praças do paiz, incluindo a do Campo Pequeno. Depois d'uma corrida, em que elle toireou, ouvi no Leão de Oiro o seguinte dialogo entre um homem dos seus 60 annos e uma gentil donzella (?) dos seus trinta e picos. Dizia ella: «Que sympathico homem é o Mario Duarte! E sobretudo que lindos olhos!» O Sebastião Casqueiro, ao ouvir isto, deixou cair um copito de aguardente de vinho, que lhe molhou as calças côr de alecrim e deitou á Theodolinda um olhar furibundo. Por seu turno a Theodolinda fez-se purpura e percebeu que tinha dito asneira. — «Com que então, regouga o Casqueiro, o Mario Duarte tem uns lindos olhos?» «Não é isso; tu não percebeste. Quero eu dizer na minha, que elle tem uma vista muito apurada para o toireio. Vê bem os toiros e mede bem os terrenos.» Ah! disse o Casqueiro, que esvasiou mais um copito de aguardente. E nunca mais fallaram no Mario Duarte.



Paulo David. — Salientou-se com as bandarilhas na corrida promovida no anno de 1899 no Campo Pequeno em favor do Instituto D. Affonso, e francamente gostei muito do trabalho do juvenil bandarilheiro. Nunca o tinha visto no redondel. Claro está, que não deve inferir-se

d'aqui, que era a primeira vez, que pisava o chão d'uma arena. Talvez já tenha toireado n'outras praças.



Pedro de Figueiredo. — Conta apenas 32 annos de idade, mas é longa a sua folha de serviços. Começando, ha muitos annos, por pegar, de cara e de cernelha, vaccas bravas, tornou se a breve espaço um dos amadores mais enthu-siastas. Indo uma vez a Salvaterra de Magos assistir a uma ferra, conduziu-se de tal maneira com as bandarilhas, que Vicente Roberto felicitou-o calorosamente.

Pouco depois entrou n'uma toirada na Labrugeira, promovida por D. Antonio de Siqueira Freire, em que se lidaram toiros de todos os tamanhos e feitios. O ultimo corrido era um animal tão possante, que ao saltar as taboas partiu uma grande parte da trincheira da sombra. Toirearam tambem n'essa tarde Antonio Perestrello, Salvador da França e José Pinto de Campos. Mais tarde foi a Alfazeirão, onde pareceu com agrado dos espectadores. A seguir entrou em uma corrida em Alcobaça. Foi aqui que se organisou o grupo de que era chefe Victorino Froes. Na grande toirada realisada em Cintra, em favor da subscrição nacional, fez parte do grupo de bandarilheiros.

E d'ahi até agora o seu nome tem figurado nos cartazes de muitos certamens taurinos. No anno de 1899 foi á Alhandra, a Salvaterra, ao Campo Pequeno, á Barquinha e a Villa Franca. Na primeira d'estas localidades teve alguns fer-

ros bons, sendo um par na sorte de gaiola; em Salvaterra executou duas sortes á gaiola, que lhe valeram muitas palmas; na toirada, em Lisboa, a favor do Instituto D. Affonso, conduziu-se com acerto e valentia; na Barquinha toireou vigorosamente dois cornupetos bravissimos do dr. Maximo Falcão, e, finalmente, em Villa Franca de Xira, teve uma tarde de triumpho. Pedro de Figueiredo conserva como recordação muitos brindes dos seus amigos e de varias commissões promotoras de corridas.



Raphael de Pina Manique (D.). — Estreiou-se como bandarilheiro amador na praça do Campo de Sant'Anna em 1870, tomando em seguida parte em muitas corridas não só na praça da capital, mas nas da provincia. Era muito valente e corajoso, e parecia conforme prescrevem os canones taurinos.



Sabino Caldas. — Toda a gente em Santa-rem conhece este amador, que tem promovido algumas corridas, em que tem entrado como bandarilheiro. Dispondo de faculdades, bandarilha por ambos os lados, entrando e saindo das sortes guapamente. Tambem tem pegado toiros de cara com a maior facilidade, porque tem muita vista e sobretudo pulso rijo.



Simão da Veiga. — Bandarilha primorosamente e passa de muleta com arte e elegancia. Se se dedicasse á vida de toireiro, iria longe, muito longe, porque dispõe de faculdades para ser um grande artista. A primeira vez que o vi defrontar-se com cornupetos foi na Figueira da Foz, em 17 de setembro de 1893. Tanto os portuguezes como a colonia hespanhola fizeram uma ovação delirante ao gentil amador. Simão da Veiga mandou construir na sua propriedade do Lavre uma praça, onde tem toireado rezes desemboladas. Consta-me que tambem tem estoqueado, com fortuna, alguns toiros.



FORCADOS

Alberto de Albuquerque. — Chefe prestigioso d'um bom grupo de forcados amadores. Quando elle vae para a cabeça d'um toiro os espectadores não sabem qual mais admirar: se o sangue frio e coragem inexcedivel com que cita o toiro, se a forma artistica como realisa a pega. O publico tambem não lhe regateia applausos, que são merecidissimos.



Alexandre Villa Real. — Forcado amador da velha guarda, dos bons tempos em que a rapaziada fina pegava toiros amiudadas vezes. Hoje é raro ver forcados amadores a valer. Invadiu os redondeis uma turba multa de forcados incipientes e inaptos — e ineptos tambem! — que não se sabe d'onde surgiram. Alexandre Villa Real, que ha muitos annos deixou de pegar toiros, era um forcado valentissimo, que subjugava brilhantemente um cornupeto ao primeiro intento.



Alfredo Cambournac. — Rapagão alto, forte, de boas côres, bello cavaqueador e excellente moço. Consta-me que tem tomado parte em

muitas festas taurinas, mas vi-o só uma vez, como bandarilheiro, na praça do Campo Pequeno, n'uma corrida promovida pela Real Club Tauromachico.



Alfredo Temple Barbosa. — Pelo seu ar-rojo e valentia tem recebido algumas moñas ofrecidas por gentis senhoras em varias corridas de amadores, em que elle se tem apresentado como forçado.



Antonio do Couto Paixão. — Tem pegado muitos toiros de cara e de costas, quasi sempre com exito. N'uma corrida apanhou duas pequenas boladas d'um furioso tunante. Ao primeiro percalço disse a mulher d'um embarcação para o marido, ou primo: — «Lá metheu o Couto agua por bombordo e estibordo. Por um pouco não vae para os peixinhos». Ao segundo derrote, a supradita mulhersinha gemeu: — «Lá vae o Paixão a pique». Não foi, felizmente, porque o sympathico forçado amator anda por ahi são como um pero.



Antonio de Sousa Pinto. — Os jornaes do Porto teem-se referido por vezes com louvor a este amator, que veste de longe a longe os calções de anta de forçado.

Antonio Martins. — Rijo, musculoso, de-
frontou-se em tempo com muitos cornupetos,
que ficavam admirados pela forma artistica e
airosa como elle os fazia parar na carreira. Um
bello dia deixou o forcado e empunhou o florete,
sendo voz constante e unanime, que é um in-
signe mestre de armas.



Armando da Fonseca. — Vae para a cabeça
dos toiros com toda a despreocupação, com
todo o sangue frio, certo de que, com a habili-
dade que Deus lhe deu, desempenhar-se-ha bem
do seu compromisso. E assim é. Bate as palmas
a um cornupeto, este arranca furioso, mas imme-
diatamente pára na carreira, porque dois braços
musculosos o envolvem n'um duro amplexo.



Carlos Cacella. — Se não pode dizer como
Antonio Carmona: «Por um par de bandarilhas
«al quiebro» recebi do banqueiro Salamanca
dois cigarros envoltos n'um bilhete de banco de
1:000 reales», pode no emtanto ufanar-se com a
moña que, n'uma corrida em beneficio dos bom-
beiros voluntarios da Figueira da Foz, recebeu
d'uma formosa e gentil senhora.



Jayme Henriques. — Hoje já não pega toi-
ros, mas no seu tempo — e com isto não quero

dizer que seja velho, pois nasceu em 1856 — foi um dos mais eximios forcados, executando pegadas formidaveis, que faziam babar de contentamento velhos e novos. E tambem novas e velhas. Hoje dirige corridas, no que revella rara proficiencia.



Henrique Arthur Peixoto da Fonseca. — Em tempos idos entrava sempre nas corridas de amadores, que se effectuavam na antiga Scalabis, fazendo alarde da maior coragem e sangue frio.



Henrique Feijó Barreto. — E' um aficionado distincto e foi um bom forcado amator. Se a memoria me não falha e o intellecto não descarrila, pegou um toiro de cara na praça do Barreiro em 1892.



D. Jeronymo Coutinho. — Foram muitas as corridas em que brilhou este destemido forcado, que começou a pegar rezes bravas ahi por 1868, epoca em que não existiam ainda as academias de bilhar, onde a mocidade inexperiente deixava ainda ha pouco todas as noites bastos cobres. A qual mocidade, de tres assobios, não está para luctas de arena. Luctas só as da Bica — acrescenta a supradita mocidade.



João Fletcher. — No seu tempo de rapaz entrou em muitas corridas como abegão e moço de curro, pegando os toiros com summa perfeição.



João Sarmiento. — Os seus primeiros vagidos foram soltos na ilha da Madeira, aos 18 de dezembro de 1849. Estreiou-se como moço de curro em 14 de agosto de 1873, em Lisboa, n'um certamen taurino promovido pela comissão tauromachica permanente. Nas muitas pegas, que depois executou, havia-se sempre com destreza e desassombro.



D. João Pereira Coutinho. — No tempo em que as libras estavam a 47500 réis e em que se não prendiam Pinas a torto e a direito, fazia parte d'um dos mais valentes grupos de forcados, que teem dado agua pela barba, ou barbella, de temiveis chavelhudos. Era um forcado de muita vista e d'um arrojo extraordinario. Ha annos, porem, que deixou as pugas do ruedo. As quaes pugas, no dizer conceituoso d'um agiota, que empresta dinheiro a 85 % ao anno, só devem seduzir rapazes novos.



Jorge Rebello da Silva. — Distincto amador, que tem entrado em innumeradas corridas, quer como cavalleiro, quer como forçado. Farpeia com valentia e graciosidade; mas é pegando toiros, de cara ou de cernelha, que elle se tem evidenciado mais. Dispondo d'um grande vigor e destreza, chega a pegar n'uma tarde seis ou sete toiros, sem ser uma unica vez desfeitoado pelos cornupetos.



José de Barros Lima. — Na lista dos forçados amadores tem um nome muito saliente pela orna artistica como reduzia á impotencia um toiro de muitas posses.



José Calazans. — Dispondo d'uma força extraordinaria, tem realisado pegadas de cara e de cernelha com o maximo lusimento e valentia. Em cambio, tem sido alvo de frementes ovações, que naturalmente ainda lhe resoam aos ouvidos.



José de Castello Branco. — N'uma das ultimas toiradas promovidas pelo Real Club

tauromachico pegou denodadamente o 7.^o toiro, recebendo, em premio, uma artistica moña, que elle deve conservar como grata recordação.



José Galache. — Hoje já não toireia, mas é um gosto ouvil-o discorrer sobre assumptos tauromachicos. Os seus contemporaneos affirmam, que era um forcado audacioso. Em 9 de novembro de 1892 dirigiu com todo o acerto no Campo Pequeno uma toirada de amadores.



Julio Caldeira. — Foi um dos mais notaveis forcados de outros tempos. Não se deduza, porem, d'estas palavras, que seja um velho, pois nasceu em 29 de agosto de 1849, e estreiou-se como moço de curro em Setubal, a 11 de agosto de 1872, n'uma corrida promovida por cavalheiros d'aquella cidade em beneficio do asylo da infancia desvalida. Seguidamente entrou em muitas toiradas como forcado, havendo-se sempre d'uma forma digna de elogios.



Leopoldo Finzi. — Faz parte da grande legião de pegadores de toiros, mas pertence ao grupo dos mais distinctos. Dispondo d'um sangue frio inexcedivel e d'uma grande coragem, tem effectuado pegas archi-superiores, que lhe

teem valido rubras ovações e ricas e vistosas moñas! Não ha nada como premiar o merito onde elle se manifesta. Tal a opinião, que eu acho sensatissima, d'uma charuteira — perdão, manipuladora de charutos — que habita para os lados da Graça.



Luiz Augusto Dias. — Este esclarecido funcionario do ministerio das obras publicas é um amador da velha guarda. Ha annos, na praça de Santarem, pegou de cara com toda a valentia um toiro de seis annos, que a estas horas — se não morreu — ainda está admirado, de que haja homens tão rijos de pulso.



Luiz da Cunha Menezes (Lumiães). — Bom forçado amador, que tem realisado excellentes pegas, e bandarilheiro muito apreciado. No dia 16 de julho de 1899, na praça da Barquinha, lidou dois toiros do dr. Maximo Falcão, empregando alguns pares de rehiletos, que enthusiasmaram os povos d'aquella povoação ribatejana.



Manuel Braamcamp Freire. — Ainda os «endireitas» não tinham apparecido no horisonte do norte do paiz, já elle ajustava contas, de cara e de cernelha, com quadrupedes corneos

dos campos de Villa Franca e de Salvaterra. Ha tempos, que não o vejo dominar um toiro. Talvez tivesse medo dos alludidos «endireitas» e abalasse para Almeirim.



Manuel Ferreira Pinto Basto. — Na phalange numerosissima de forcados amadores occupa um logar proeminente. Foi um pegador de pulso, alma e saber. Via chegar os toiros como poucos, o que lhe proporcionava pegas brilhantissimas, que os assistentes premiavam condignamente. Ha 20 annos que não desce ao redondel, mas continua sendo um entusiasta pela tauromachia.



Manuel Lopes. — Basta attentar n'elle para se ver que é um rapaz forte. A ultima pega que executou este forcado amator — não me recordo em que anno e em que praça — foi coroada por uma ovação delirante. Uma dama, entusiasmada, não pôde conter-se, que não gritasse para o marido ou coisa que o valha: «Que rapagão tão valente e tão sympathico!» «Cala-te, acudiu o velhote. Não digas asneiras; não quero que pensem que somos pessoas de cacaracá».



Miguel Guedes Coelho. — E' mais magro do que o Chaby Pinheiro, porem é mais gordo

do que o Augusto Ribeiro. Quando elle batia as palmas a um toiro para uma pega de cara, que era soberbamente executada, não havia mãos que se conservassem quietas. E uma vez não me lembro em que circo tauromachico, ouvi dizer a uma velhota, dirigindo-se ao marido: «Que esbelto moço! Estava mesmo ao pintar da faneca para marido da nossa Felismina». O companheiro da velhota approvou, com a cabeça.



Narciso de Oliveira David. — Asseveram — e não seja eu que o contradicte — que este corajoso e destro forçado tem subjugado mais chavelhudos do que mulheres tinha o Gungunhana, que a estas horas ainda não sabe o motivo por que o enviuvaram.



Nuno Infante da Camara. — Tem pegado mais toiros do que Pinas foram presos nos mezes de abril e maio de 1899. Ha quatro ou cinco annos farpeou n'uma corrida em Algés, promovida pelo Real Club tauromachico.



Pedro de Oliveira. — Forçado amador de summo merito. Pela coragem inquebrantavel com que faz parar no impeto furioso um pos-

sante cornupeto e pela forma artistica por que o faz humilhar, tem recebido de formosas e illustres senhoras vistas e lindas moças, que elle conserva como uma reliquia. Pedro de Oliveira, que tem domicilio em Mafra, porque é professor muito distincto de gymnastica e esgrima na escola pratica de infantaria, é uma das personalidades mais sympathicas e insinuantes da tauromachia lusitana.



Pedro Navarro. — Em uma das ultimas corridas promovidas pelo Real Club tauromachico pegou, com toda a proficiencia, um toiro de cara. Em premio do seu arrojado levou para casa uma lindissima moça, offerta d'uma illustre senhora da nossa primeira sociedade.



Roberto Schiappa. — Antigo forcado de merecimento. Depois de pegar de frente muitos toiros, sempre com applauso, dedicou-se a dirigir corridas de amadores, havendo-se com todo o acerto no espinhoso cargo. Hoje maneja o theodolito com rara proficiencia, o que quer dizer, que é um habil conductor de obras publicas.



Ruy Rebello de Andrade. — Debutou como moço de curro na toirada realisada na praça do Campo de Sant'Anna em 5 de agosto de 1880.

Seguidamente envervou innumeradas vezes os calções de camurça, executando pegadas brilhantissimas, que lhe rendiam enormes ovações e riquissimas moñas de formosas damas. Ruy Rebello de Andrade, que deixou os duellos tauro-machicos ahí por 1892, é um primoroso cavalleiro e um habilissimo funcionario do ministerio da fazenda.



Ruy de Siqueira Freire. — Como todos os seus irmãos é .amador de toiros. Tem-o visto pegar rezes bravas, mas as lusas gentes não teem que se admirar se o virem d'aqui não a muito tempo entrar no toireio a cavallo, em que seu irmão Antonio tem um nome aureolado.



Simão de Sousa Coutinho. — Tinha fatalmente de ser aficionado. Não fosse elle neto do conde de Vimioso! Pegava de cara com valentia e rabejava na perfeição.



AFICIONADOS

Adriano de Azevedo. — Se é capaz de comer dois jantares a seguir e duas ceias com pequeno intervallo — que bello estomago! — é capaz tambem de ver sete corridas n'uma semana. Nem ao setimo dia descansava, porque nunca se farta de assistir a diversões taurinas.



Albino José Baptista. — Fez parte da firma Dias, Monteiro & C.^a, emprezaria da praça do Campo Pequeno. E tanto esta como o seu estabelecimento da rua Nova do Almada mereciam-lhe os maximos disvellos e attenções. Quando a sua pessoa, nutrida, aloirada e sorridente, não se encontrava no sitio onde D. Diniz e D. Affonso IV fizeram as pazes, achava-se com certeza na rua que leva ao largo do Pelourinho, onde em todos os tempos tem havido acaloradas discussões, algumas das quaes acabam em grossa pancadaria.



Alfredo de Bettencourt e Mello. — Habilissimo conductor de obras publicas e professor de mathematica na escola industrial Principe Real, foi o auctor do projecto da praça de toiros de Algés, onde, nos primeiros tempos, promoveu algumas corridas.



Alfredo Luiz de Campos. — Nos ruedos da capital dos Açôres centraes tem mostrado por vezes a sua habilidade este grande amator, que é ao mesmo tempo um dos mais distinctos jornalistas da cidade de Angra de Heroismo.



Andrade Neves. — Um jornalista de valor, abordando com facilidade varios e complexos assumptos. E' elle que, na *Vanguarda*, faz actualmente as resenhas das corridas, que são muito apreciadas pelos leitores da folha republicana.



André Eloy de Ornellas Bruges. — Tem toireado a cavallo nas praças de Angra do Heroismo, cujo castello formidavel serviu de prisão por algum tempo ao senhor rei D. Affonso VI, cujas desventuras ainda fazem chorar muitas almas sensiveis.



Antonio Borges Leal Côte Real. — Asseveram gentes de todos os partidos politicos, que o sr. Antonio Borges é um dos melhores cavalleiros amadores da cidade, que ha poucos mezes teve a dita de presenciar o baptisado do Gungunhana e dos seus companheiros de infortunio.



Antonio Raymundo da Cunha e Silva.— Apesar de ter pouco cabello, é novo e sympathico. Duas coisas lhe absorvem por completo a attenção quando não está a comer ou a dormir: a repartição de contabilidade no ministerio do reino, de que é empregado zeloso e assiduo, e a tauromachia, de que é amador acerrimo.



Antonio Abranches Queiroz.— Presidente da assembléa geral do Real club tauromachico, onde tem grande preponderancia. E' um aficionado distinctissimo este illustre general e brilhante official de cavallaria.



Anselmo de Andrade.— No seu excellente livro *Viagem em Hespanha* deixou uma pagina assignaladamente formosa acerca das corridas no paiz das castanholas e das pandeiretas. O dr. Anselmo de Andrade é um distincto jornalista e um publicista notavel. Antes de ser ministro não faltava a uma corrida no Campo Pequeno; desde, porem, que envergou a farda de conselheiro da corôa os espectadores não teem tido o gosto de o ver nos *fauteuils* da sombra. Primeiro que tudo os negocios do estado.



Antonio Bandeira. — Chapeu sempre na nuca — pelo menos no verão — e bigode provocantemente retorcido, Antonio Bandeira, que orna semanalmente as paginas do «Supplemento illustrado» do «Seculo» com piadas chistosissimas e historietas de immensa graça, assigna as suas notas taurinas com o pseudonymo de Zé Jaleco Filho.



Antonio José Dias da Silva. — E' um fanatico pela tauromachia. Antes de haver praça em Lisboa andava, como tantos outros, em peregrinação pelas terras onde havia corridas. Architecto distinctissimo, foi elle que elaborou o projecto da praça do Campo Pequeno, que offereceu á Casa pia por intermedio do ministerio do reino. Trabalhou durante dois annos, isto é, desde 1890 a 1892, no projecto em geral, ou sejam todos os desenhos, dez copias d'estes, caderno de encargos, orçamento, memoria descriptiva. Fez grandes despezas com trabalhos annexos ao projecto, duvidando sempre que se fizesse tão dispendioso edificio, cuja grandeza e estylo foram aconselhados pela camara municipal de então, que era presidida pelo mallogrado Fernando Palha. O primeiro projecto, muito mais simples, fora regeitado. Com o segundo e definitivo projecto, o illustre architecto metteu nos cofres da Casa pia a quantia de 465:000.000 réis como os senhores vão ver: 90 annos a 3:500.000 réis, no fim dos quaes recebe o edi-

ficio, que custou 150:000\$000 réis. D'isto tudo não tirou resultado algum. Em compensação empregou 5:000\$000 em acções da empresa taumachica. Depois de tanto trabalho nem um «muito obrigado» do ministerio do reino ou da Casa pia. Dias da Silva tambem fez o desenho e planos e tomou a direcção superior da construcção d'uma igreja em Reguengos de Monsaraz. E' um templo de arcaria magestosa, com tres naves, sustentando elegantes e espaçosas abobadas e com uma torre octogana de 35 metros de altura. Lembra, no seu conjuncto, a magestade architectonica das cathedraes medievas. Para não fallar de outras construcções, que elle concebeu e delíneu, citarei apenas o magnifico jazigo dos bombeiros municipaes no cemiterio dos Prazeres, o projecto do theatro da rua dos Condes, e o projecto e ampliação, que dirigiu desinteressadamente, do albergue dos invalidos do trabalho. Dias da Silva, que é um homem muito trabalhador, e um bello character, é empregado da camara municipal ha 26 annos, e exerceu, durante 3 annos, o cargo de architecto do primeiro municipio do paiz.



Antonio Rodovalho Duro (Zé Jaleco).— E' o critico taumachico do *Seculo*. Escreve com graça e critica com acerto. Publicou ha tempos um livro muito apreciado intitulado *Taumachia*, que o publico aficionado acolheu favoravelmente. E' loiro, possuindo uns magnificos cabellos, e bem posto. No mez de agosto de 1898, na Figueira da Foz, fez andar a cabe-

ça á roda de duas sevilhanas rubias, que por tal signal cantavam uma malagueñas com todo o salero das deliciosas filhas da ridente provincia da Andaluzia, que todos os annos vão refrescar os corpos gentis nas frescas e azuladas aguas do mar.



Antonio Tavares Ferreira. — Nascido n'uma pequena localidade da ilha de S. Miguel, em 22 de maio de 1832, foi, ahi por 1858, para a ilha Terceira, onde abundam o gado bravo e os aficionados. Em Angra tomou muito gosto pelo divertimento nacional, e hoje, apesar dos seus 68 annos, a sua aficção não tem decrescido. Chanceller distribuidor e contador da camara ecclesiastica de Angra é muito popular não só n'aquella formosa terra mas em todas as ilhas do archipelago açoriano.



Antonio Vellez Caldeira.—Começou como neto, depois foi bandarilheiro e seguidamente cavalleiro. Vi-o muitas vezes na praça do Campo de Sant'Anna toireando no celebre *Camões* de Alfredo Tinoco. E' empregado superior do governo civil de Lisboa, para onde ia todos os dias montado n'uma linda egua chamada *Pimenta*. Elle felizmente ainda é vivo, mas ella, a *Pimenta*, nunca mais foi vista. Talvez já marchasse d'esta para melhor vida.



Armando da Silva.— Não será positivamente um aficionado na verdadeira accepção da palavra, mas basta a sua notavel *Carta de Bellas*, inserta no meu livro *Toireiros e Toiradas*, publicado em dezembro de 1896, para ter um lugar aqui. D'elle escreveu então um critico as seguintes palavras: «Armando da Silva defende com talento e argumentos irrespondiveis a festa popular e põe n'esse trabalho o vigor e o entusiasmo d'um espirito lucidissimo, como é o do brilhante jornalista. A *Carta de Bellas* é um primor pela forma e um trabalho para citar, pela clareza e logica com que estão deduzidas as suas asserções.»



Arthur Telles.— Um grande aficionado e um critico abalisado. No *Sol e Sombra*, onde assignava os seus escriptos com o pseudonymo de Don Severo, escreveu notaveis artigos sobre o aperfeiçoamento das rezes bravas, dando valiosas indicações sobre a forma do cruzamento de vaccas finas com sementaes de boa procedencia. Alguns lavradores teem seguido, com optimo resultado, os conselhos do distinctissimo aficionado. Arthur Telles fez parte da empreza, que inaugurou a praça do Campo Pequeno, e redigiu o regulamento interno da referida praça.



Augusto Cesar Barjona de Vasconcellos.— Creio que não chegou a ver no Campo de

Sant' Anna o cavalleiro Batalha e o bandarilheiro Caixinhas, porque é muito novo; mas conta a idade sufficiente para ter presenciado no velho circo tauromachico as garupas do Alfredo Tinoco e as navarras e veronicas memoraveis do Sancho, hoje invalido.



Baptista Borges. — Despretenciosamente, sem assignatura, publica ás segundas feiras no *Diario de Noticias* as suas impressões sobre o que viu na vespera no coso. Nas suas resenhas que são muito pormenorizadas, transparece sempre a sua enorme aficção. Como homem é o que se chama um coração de oiro.



Baptista Machado. — Tem tanta affeição aos toiros como á sua Benta. Se nos «Ridiculos», com o pseudonymo de Zaragueta, faz rir os mais sisudos com as suas alfinetadas na epiderme de varios marotinhos, nas suas criticas de toiradas demonstra que acompanha com toda a attenção os variados lances da lide.



Barros e Silva. — Alto, magro e de lunetas azues, é elle o substituto, no *Seculo*, do Rodvalho Duro, quando este vae para Vidago, a aguas, ou para a Figueira, a banhos. Barros e Silva, que é redactor effectivo da gazeta da rua Formosa, collaborador dos *Echos da Avenida* e

correspondente do importante jornal brasileiro, *Correspondencia do Pará*, usa do pseudonymo de *Zé Calvo*, com que assigna as suas resenhas taurinas muito bem urdidas e intessantissimas.



Carlos Abreu.—Enthusiasta por tudo quanto diz respeito a tauromachia, tem lançado na circulação alguns jornaes taurinos, que pouco tempo viveram, porque os lisboetas, se gostam de toiros, não gostam de ler. Actualmente é o correspondente em Lisboa do *Sol y Sombra*, de Madrid, onde publica soberbas resenhas das corridas de toiros no Campo Pequeno.



Carlos Avellar da Costa Freire.—No dia 29 de setembro de 1899, na praça de Santarem, recebeu uma bonita ovação pela forma distincta como farpeou o 1.º toiro da corrida. Revelou coragem e sangue frio.



Clemente dos Santos.—Este antigo aficionado, que exerce a clinica em Villa Franca de Xira, escreveu ha annos, na *Revolução de Setembro*, chronicas tauromachicas, que eram lidas com avidez pelos leitores da gazeta regeneradora.



Carlos Krus.—Em companhia de Alfredo Tinoco e de outros cavalleiros farpeou algumas vezes na demolida praça do Campo de Sant' Anna, que viu nascer para a arte tantos artistas de nome, dos quaes uns ainda vivem e outros foram empolgados pelas garras aduncas da morte.



Conde de Fontalva.—Promoveu grandiosas corridas de toiros, destacando-se entre ellas a que se realisou por occasião da visita a Portugal do rei D. Affonso XII. O sympathico titular, então simplesmente Alfredo Anjos, gastava rios de dinheiro n'aquellas festas taurinas, que eram a sua predilecção. Tambem toireou algumas vezes a cavallo.



Conde das Galveias.—Toda a gente foi unanime em dizer, que nunca se vira uma estreia tão auspiciosa. Ha dez annos, na praça de Cintra, farpeou um toiro tão denodada e galhardamente, que o publico fez-lhe uma ovação, que durou alguns minutos.



Cesar Augusto Kuchenbuck dos Prazeres.—Quando era commandante de infantaria 6 não perdia uma unica corrida na Serra do Pi-

lar ou no Colyseu Portuense. E algumas vezes veiu a Lisboa expressamente para presenciar a brega colossal do mais prestigioso toireiro, que tem pisado os ruedos da Hespanha, França, Portugal, Cuba e Mexico. E agora, que o illustre militar é commandante de infantaria n.º 5, lá o vemos todos os domingos de toiros no Campo Pequeno, no sector n.º 2.



Conde de Sobral. — Tiveram fama os seus toiros, que pastavam nos campos de Almeirim. Ha pouco tempo desfez-se da ganaderia, vendendo as suas rezes bravas ao sr. Antonio Rodrigues Santo.



Cypriano Batalha. — E' um critico de grande auctoridade. Penna elegante, tem escripto em varios periodicos, mas onde revelou melhor as suas brilhantes qualidades de escriptor tauromachico foi no *Sol e Sombra*, onde publicou excellentes criticas com o pseudonymo de Tio Franquezas. Foi proprietario, com Salvador Marques, do *Toireiro*, e socio fundador da Empresa Tauromachica Lisbonense, proprietaria da praça do Campo Pequeno, de que foi director até 12 de novembro de 1892.



Eduardo Aguilar. — Na *Toirada* e outras gazetas da especialidade tem posto em evidencia os seus bons dotes de critico tauromachico

este douto aficionado, que é natural da cidade invicta.



Eduardo Fernandes. — Ha annos publicou n'um jornal republicano da manhã chronicas tauro-machicas cheias de graça e bom humor. O endiabrado Esculapio, que nunca está triste, tambem fez inserir no *Sol e Sombra* gazetilhas chistosissimas intituladas *Piadas à volapié*, e que eram lidas sempre com todo o agrado.



Eduardo de Noronha. — E' jornalista, litterato e professor. E no jornalismo, na litteratura e no professorado tem revelado grandes merecimentos. Quando em Africa, em commissão do governo, Eduardo de Noronha, que é official do estado maior de infantaria, fundou o *Futuro de Lourenço Marques* e o *Commercio de Lourenço Marques*. De regresso a Portugal publicou *O Districto de Lourenço Marques e a Africa do Sul*, *A rebellião dos indigenas em Lourenço Marques*, *Carta do districto de Lourenço Marques*, publicada pela commissão de cartographia, *O Transvaal e o Estado Livre de Orange*, *A Hespanha Antiga e Moderna*, *A Hespanha Contemporanea*, e no dia 1.º de agosto d'este anno foi posto á venda nas livrarias o seu ultimo livro, *A Inglaterra e suas colonias*. Nas *Novidades*, de que é secretario da redacção, tem publicado artigos litterarios d'um grande poder descriptivo, e traduziu os romances *Alice Lisle* e *Flor do Monte*. A sua obra primacial, porém, é a *His-*

toria das Toiradas, um trabalho profundo, de grande erudição e enorme investigação, em que Eduardo de Noronha, n'um estylo levantado e por vezes scintillante, faz a historia do toireio desde o seu inicio e atravez dos seculos até á actualidade.



Eduardo Rodrigues da Costa. — No seu tempo—não pensem que conta mais de 40 janheiros—pegou alguns toiros de cara e de cerneilha. Leva a sua aficção a tal ponto, que deixa tudo, inclusivamente o seu grande estabelecimento de chapéus no Rocio, para ver uma corrida de toiros. Gosta immenso do toireio hespanhol, pelo que tem visto mais corridas em Hespanha do que pombos, ou pombas, poisam no arco da rua Augusta em dias estivaes.



Egydio de Almeida. — Critico tauromachico da *Patria*, e auctor d'um magnifico livro intitulado *Perfis taurinos*, publicado em 1896. E' um rapaz muito modesto, muito trabalhador e dotado d'uma intelligencia lucidissima.



Emygdio Lino da Silva Junior. — Como filho da muito nobre e leal cidade de Angra do Heroismo não podia deixar de ser amator de toiros. Na formosa ilha, que lhe foi berço, viu innumeradas corridas e em Portugal e Hespanha tem presenciado muitas diversões taurinas.



Faustino da Fonseca.—Um rapagão forte e espadaudo. Também tem molhado a sua sopa, isto é, tem pegado e bandarilhado rezes bravas. Não fosse elle filho da ilha Terceira, aquella perola formosissima encravada no meio do oceano atlantico! Em dia de toiros no Campo Pequeno não quer saber se os allemães andam embriagados por essas ruas beijocando serias damas, ou se os gafanhotos invadiram esta ou aquella localidade do Algarve, porque tudo isso é nada em comparação dos quiebro do Reverte e dos passes de muleta do Algabeño. Antigo director da *Vanguarda*, é actualmente redactor do *Seculo*.



Filippe Mendes Leal.—E' dos primeiros a chegar á praça dos toiros e dos ultimos a sair. Não perde um atomo da corrida este excellente rapaz, que faz as suas resenhas para o orgão dos partidarios do senhor D. Miguel de Bragança. O qual senhor, como os leitores devem saber, varava toiros a rojão, que era um gosto ver. Ao lerem isto, são capazes alguns membros da sociedade protectora dos animaes de exclamar:—«E' por estas e outras, que ha garotos de 14 e 15 annos, que tratam os paes por tu e fumam diante dos auctores dos seus dias». Mas que culpa tem o sr. D. Miguel ou qualquer outro rejoneador da moderna geração da bandalheira dos tempos, que vão correndo?



Francisco Costa. — Se organisa bem uma corrida de toiros, descreve uma diversão taurina com rara proficiencia. Publicou no *Correio da Noite* e no *Dia* criticas muito vivas, e que eram lidas com interesse pelos leitores dos dois jornaes nocturnos. Francisco Costa foi durante quatro annos director tecnico da praça do Campo Pequeno.



Francisco Xavier de Almeida. — Deixa tudo para ver a brega do Algabeño e os recortes do Antonio Reverte. Escreveu em tempo sobre toiros na *Tarde*, mas no fim de alguns annos deixou de transmittir ao papel as suas impressões. E' muito intelligente e muito bem posto. Vivo como o azougue, é um reporter da «Arcada» de primeira ordem.



Guilherme Maia. — Para este sympathico rapaz não ha nada que chegue a um par de bandarilhas do Guerrita, a uns passes de peito do Fuentes e a uma estocada do Mazzantini. Aprecia tambem uma bella sorte á tira ou á estribeira, um bom par de bandarilhas do Theodoro Gonçalves e uma rija pega de cara. Guilherme Maia, que é um dos caracteres mais primorosos que conheço, é um aficionado intelligentissimo e pres-timoso. As suas resenhas taurinas nos *Echos da Avenida* são muito apreciadas pelo publico ama-

dor. Está sempre alegre, porque nada tem a remoder-lhe a consciencia. Nas praças de toiros e cá fora tem piadas espontaneas e engraçadissimas, que fazem rir os mais sizudos. N'esta hora estou-me recordando de duas. Foi ha dois annos, na estação de Alfarellos. Quando o comboyo parou, elle poz-se á portinhola. Um rapazola sae da carruagem para ir ao bufete tomar qualquer coisa. Corre, tropeça n'uma casca de melancia, e cae de joelhos. Piada do Guilherme Maia: «Meus senhores, ahi teem um quiebro de rodillas.» Passa um homem sobraçando uma enorme manta. Diz-lhe um companheiro: «Era melhor deixares esse cache-nez ali na casa da guarda». Piada do Maia: «O' homem, aquillo não é um cache-nez, é um suadoiro». E como estas outras mil. E diz aquillo com a maior naturalidade e com aquella cara franca e aberta, que Deus lhe deu.



Jacinto Carlos da Silva.—Não ha terra que conte mais affeçoados ás lides taurinas do que a ilha Terceira e principalmente Angra do Heroismo. Quando as duas praças da cidade fidelissima á carta constitucional não dão corridas, é de ver as romarias que se estabelecem para as localidades onde haja toiros de corda. Pois é n'esta ilha toireira, que reside este intelligente aficionado, que é uma das individualidades mais sympathicas da aristocracia açoriana.



Jacinto Ignacio Cabral.—Antes de ser o engenheiro distincto, que é, residiu muitos an-

nos na ilha Terceira, onde tomou gosto pelas corridas de toiros. Em Lisboa cresceu lhe a aficção, que subiu ao delirio, quando viu ha annos, na praça de Madrid, Lagartijo e Frascuelo estoquearem 6 rezes do duque de Veragua.



João Barata.—Habil critico tauromachico do *Correio da Noite*, onde ha annos publica excellentes resenhas sobre o que vê não só no redondel do Campo Pequeno mas nas outras arenas do paiz. Tambem collaborou na *Toirada, Jornal de Lisboa e Campo Pequeno*. João Barata tem toireado á porta fechada e publicamente garraios e toiros de varios lavradores. E', porém, mais apreciado manejaudo a penna do que empunhando os palitroques. E' director da *Arena*, unico jornal da especialidade, que se publica actualmente em Lisboa.



João de Deus Guimarães.—Os leitores do *Tempo* liam sempre com soffreguidão as resenhas engraçadissimas de João de Deus Guimarães, que usa do pseudonymo de João Diabo, e que pula de contentamento quando vê annunciado, que vem á praça da capital, o Antonio Fuentes ou o Luiz Mazzantini. Este illustrado aficionado — que é João de Deus para os bons artistas e João Diabo para os maletas — escreveu ha annos n'aquelle jornal notaveis artigos advogando os toiros de morte. Mas as suas palavras, assim como as de outros escriptores taurinos, que

o acompanharam n'essa crusada, não encontraram echo nas regiões onde as questões magnas se resolvem. Em compensação, atira-se aos pobres pombos, que é de fazer chorar as pedras, e caça-se em tempo defeso, que é mesmo um desaforo, isto para não fallar n'outros casos mais nefandos. João de Deus Guimarães, que foi condecorado ha pouco tempo pelo governo francez com a Legião de Honra, foi director do jornal *O Portugal* desde o primeiro numero até ao dia 27 de julho do anno que vae correndo.



D. João de Menezes.— Dizem os do seu tempo, que era um cavalleiro muito correcto. Os da moderna geração affirmam, que é um cavalleiro dotado de bellos dotes de character.



João de Ornellas Bruges.— Os jornaes da terra d'onde ha 67 annos saíram uns milhares de soldados, que desembarcaram na praia dos Ladrões, segundo uns, e na praia do Mindello, segundo outros, teem-se referido com elogio a este cavalleiro amator.



João Gagliardi.— Não ha ahi ninguem, que não conheça este eminente professor de equitação, que já tem descido á arena a defrontar-se com rezes bravas dos campos do Ribatejo. Mas na verdade vos digo, senhores, que gosta mais

de tratar com russos do que com cardeños. Os primeiros são mais macios de cabeça.



João de Lemos Bettencourt. — Quem o tem visto nas praças de Angra do Heroísmo assevera, que toireia muito bem a cavallo. Não tenho a dita de o applaudir, porque centenaes de leguas me separam d'aquella encantadora cidade.



Francisco Moniz Barreto Côrte Real. — Os angrenses apreciam muito este distincto amator, que toireia a cavallo. Quando as libras estiverem a 4.7500 réis o auctor d'este livro terá talvez occasião de ir presenciar o trabalho do conhecido açoriano.



João de Mello Barreto. — De vez em quando vemol-o nos toiros, e de longe a longe escreve uma resenha no *Diario Illustrado*, n'um estylo fluente e finamente rendilhado. A sua resenha da toirada realisada no dia 25 de junho de 1899 em beneficio do Instituto D. Affonso era um primor no genero.



João Jacintho Nunes. — A sua aficion leva-o todos os domingos de toiros ao circo da capital d'estes reinos, e a dar de vez em quando

uma saltada a Madrid, Sevilha e Badajoz. E' um bom aficionado e um amigo leal este activo e intelligente industrial.



João Patricio.—Na lista dos bons aficionados occupa um dos primeiros logares, porque é um profundo conhecedor da tauromachia em todas as suas manifestações. E' irmão do sympathico lavrador Luiz Patricio.



João Pedro Monteiro.—Costumam dizer certos philosophos do vulgacho, que por ahí vegetam, que filho de peixe sabe nadar. Paraphraseando, eu direi, que filho de aficionado ha de ser aficionado necessariamente. É o que acontece com este meu perfilado, que é um rapaz novo, vivo, bem posto e um entusiasta por tudo quanto diz respeito a tauromachia. Tem descido por vezes ao redondel, sendo sempre applaudido, quer pareando, quer correndo os toiros com o capote. Ha annos, na praça de Carlos Relvas, na Gollegã, foi alvo d'uma grande ovação pela forma como sangrou os rubios d'um grande toiro e pelo modo como manejou o capote. Durante alguns annos inseriu na *Vanguarda* criticas taurinas, que eram lidas com o maximo prazer.



Joaquim Lima.—Todos os domingos de toiros vemol-o commodamente sentado no seu *fauteuil* da praça do Campo Pequeno. Se a voz

melodiosa da Eva Tetrzzini o emociona profundamente, as bregas do Fuentes levam o seu entusiasmo ao rubro. Ao pé d'estes dois artistas o maximbombo da Estrella, a peste bubonica no Porto, a gaita dos azeiteiros em Lisboa e outras ninharias, não valem um chavo. Joaquim Lima, um cavalheiro primoroso, é chefe de repartição no ministerio dos estrangeiros e redactor das *Novidades*, onde tem publicado *sultos*, que fazem rir os mais sizudos.



João Talone da Costa Carvalho (Ribamar).—Se a voz maviosa d'uma cantora eximia lhe põe na alma sensações estranhas, a bréga inconfundivel e inegualavel do Rafael Guerra offuscava o por completo. Adora a arte em todas as suas manifestações mais pujantes este aficionado, que é um agronomo distinctissimo e um dos rapazes mais elegantes de Lisboa.



Joaquim Fraga Pery de Linde.—Affirma elle a quem o quer ouvir, que não ha nada no globo terraqueo, que chegue a uma sorte á tira do Fernando de Oliveira, a um passe de moliinete do Lucano da Cordova moderna e a uns passes de peito do guapo Antonio Fuentes. E tem razão este aficionado, que ha annos escreveu resenhas taurinas na *Folha do Povo*, e que é um vivo reporter da gazeta da antiga rua dos Calafates.



Joaquim Pedro Monteiro. — A tauromachia nacional deve serviços relevantes a este antigo amador, que nasceu em 28 de agosto de 1838 em Villa Franca de Xira, onde chegou a ter lavoura e gado bravo, que foi corrido em diferentes praças. Escreveu em tempo, usando do pseudonymo de *Zé Cabresto*, chronicas taurinas em varios jornaes, e quando era rapaz desceu por vezes aos redondeis a bandarilhar cornupetos de muitas patas e libras, saindo-se sempre airosamente do commettimento. Joaquim Pedro Monteiro, que é um excellente character, fez parte da firma Dias, Monteiro & C.^a, emprezaria da praça do Campo Pequeno.



Dr. Joaquim Tello. — Antigo critico theatral, e dos mais bem cotados, tem em subido apreço a nobre arte de sortear rezes bravas. Não faltava a uma corrida na praça do Campo de Sant'Anna e actualmente quando o cartaz é bom não falha a uma toirada no Campo Pequeno.



Joaquim Tamagnini Carvalho Barbosa. — Como seu pae, o conselheiro Tamagnini Barbosa, é d'uma grande correcção de maneiras e d'uma bonhomia extraordinaria. Vivendo quasi todo o anno na sua magnifica propriedade de Thomar, não falta a uma ferra ou tenta dos la-

vradores seus visinhos, pegando toiros, garraios e vaccas bravas com todo o aprumo e valentia. N'estes exercicios se lhe teem desenvolvido d'uma maneira notavel as forças physicas.



Dr. José de Almeida.—Lá o vemos todas as tardes de toiros no Campo Pequeno, no sector n.º 1. Exerce ha annos a clinica no concelho de Oeiras, onde é muito estimado por todos aquelles povos. Medico distinctissimo e homem de coração, os pobres encontram n'elle um amigo e um protector. Foi o fundador e é o director do Sanatorio para escrofulosos em Carcavellos. E' irmão do cavalleiro Manuel Casimiro.



José Antonio de Carvalho.—Não ha ahi aficionado que não conheça o Carvalho, ou o Carvalhinho, como é tratado pelos seus amigos mais intimos. Alto, magro, chapéu á Mazzantini, charuto constantemente na bocca, em dia de corrida anda sempre n'um virote d'um lado para o outro, dando ordens e indicações aos seus subordinados. O Campo Pequeno sem o Carvalho é o mesmo que a Sociedade de Geographia sem o sr. Luciano Cordeiro.



José Antonio Fernandes.—Não é velho, apesar dos seus cabellos brancos, que começa-

ram a alvejar-lhe antes de tempo. Entusiasta desde pequeno pela tauromachia, vae a toda a parte onde haja corridas. Era mais facil o seculo XIX acabar no dia 31 de dezembro de 1899 do que elle deixar de ser aficionado.



José Augusto Guerreiro. — Quando pronuncia os nomes de Guerrita, Reverte e Fuentes fal-o com tanto affecto, com tanto respeito e ao mesmo tempo com tanto enthusiasmo, que basta isto para a gente adivinhar que está na presença d'um grande aficionado. E' raro o anno em que não vae a Hespanha assistir a uma ou duas corridas.



José Borges Pacheco de Faria. — E' Infias, é bacharel e é 1.º official do ministerio da fazenda este illustre aficionado. O seu maior desejo é que houvesse toiros de morte em Portugal, mas como a sociedade protectora dos animaes e outros preclaros varões e varôas não estão para ahi virados, lá vae elle de vez em quando a Hespanha gosar o toireio verdadeiro.



José de Faria. --Sempre de sobreceño carregado, parece um irritado permanente, mas se a sua cara, trigueira, é de poucos amigos, a alma é branca como o arminho. As apparencias illumdem na maioria das vezes. Nada de fiar n'ellas.

Antigo critico da *Nação*, onde inseria resenhas cheias de verdade e bom humor, é o actual revisiteiro do *Jornal do Commercio*, em que continúa, com a mesma proficiencia, a passar em revista o que se passa nos redondeis d'este paiz de maduros. E de maduras, que abundam n'uma percentagem assustadora.



José Maria Pereira e Sá. — A cidade de Santarem, d'onde é natural, considera-o como um dos aficionados mais entusiastas. Na sua qualidade de mordomo do hospital de Nosso Senhor Jesus Christo tem promovido boas corridas em beneficio d'aquella casa de caridade. E os chinezes da sociedade protectora dos animaes a intrigarem por toda a parte, que os amadores de toiradas são uns selvagens!



José Maria dos Santos Junior. — As suas chronicas no *Dia* eram suggestivas e muito bem escriptas. Com rigor e verdade transmittia ao papel o que via no redondel. Um perfeito photographo. Escreveu um livro notavel intitulado *Passes de castigo*, que obteve um successo de livraria. Posteriormente, a retirada inesperada de Rafael Guerra das lides da arena inspirou-lhe um delicioso livro intitulado *Guerrita*, que se esgotou dentro em pouco, e que mereceu os maiores elogios da imprensa hespanhola. Santonillo é o critico taurino do *Gabinete*

dos Reporters, redactor do *Correio da Noite* e foi alguns annos secretario da empresa do Campo Pequeno.



José Martins Pinhão. — Deve-se a este antigo aficionado portuense, de collaboração com Diogo José Seromenho, Raphael Peixinho e Carlos de Abreu, a fundação da Sociedade cooperativa e caixa de pensões tauromachica portugueza.



José Pinto de Campos. — Como seu fallecido e illustre pae, é um aficionado de primeira agua. No *Commercio de Portugal* e no *Sol e Sombra* deixou alguns artigos sobre tauromachia. Ha tres annos, porém, largou a pena para se dedicar de corpo e alma á vida de actor, que é, e dos mais estimados do theatro de D. Maria.



José Ribeiro da Cunha. — Todo o homem que se presa, e que não tem capilé nas veias, é amator de toiradas. Ora como elle tem sangue, e do melhor, não podia deixar de ser aficionado. Assim é, que o vemos assistir a todas as corridas que se realisam em Lisboa, e ir todos ou quasi todos os annos a Madrid ou Sevilha ver matar uma dezena de cornupetos. Porque aqui, infelizmente, não se mata o toiro. Quando muito mata-se o bicho com aguardente

de figo, ou de alcool industrial. José Ribeiro da Cunha é um bom aficionado e um *sportman* distinctissimo.



José Roquete de Oliveira. — Põe na sua conversação sobre tauromachia todo o entusiasmo d'um crente, e dos mais sinceros. E' um defensor acerrimo da arte, que tem feito a fortuna dos Lagartijos e dos Guerritas, e a desventura dos Esparteros e dos Lesacas. Nem tudo são rosas n'este mundo. Tambem os que andam por cima das aguas do mar teem a pelle em perigo. Para não fallar dos que andam aos bordos por essas ruas, com risco de partirem a cabeça n'uma esquina.



Lambertini Pinto. — Alto, magro, um pouco curvado, polido de maneiras, amavel para com todos, sempre sorridente, tem publicado no *Popular* excellentes resenhas de corridas de toiros. Escreve muito bem porque é um jornalista illustre, e descreve com acerto, porque atravez das suas lunetas vê melhor do que outros, que se teem na conta de mestres em tauromachia.



Leonel de Mello. — Aficionado esclarecido e intelligente é o terror dos maletas, a quem dá agua pelos queixos, na praça, com as suas piadas finas e aceradas como a ponta d'um punhal, ou no *Tempo*, e modernamente no *Portugal*, quando lhe dá para escrever.



Leopoldo Madeira. — Possui um bello coração e é dono d'uma penca formidavel. Depois do nariz do Angel Pastor e da narigueta d'uma pessoa que nós sabemos, não conheço outro maior. Podiam lá caber todos os soldados europeos que se encontram na China. Escreveu ha annos no *Tempo* resenhas de corridas effectuadas em Lisboa e n'outras terras mais pacatas, que os leitores da gazeta dos 3o p. c. a menos nas inscrições vivamente apreciavam.



Lombré Ferreira. — Era na *Vanguarda*, que elle nos dava as suas impressões sobre as corridas realisadas no circo d'esta endiabrada cidade. Um bello dia deixou-se de escrever, não sei porquê. Talvez algum irritado lhe acenasse com a faca de Cartouche. Tem-se visto. Nos bastidores theatraes ha mais intrigas, mas nos curros pullulam os zaragateiros de chapéu desabado. Ou de côco, conforme as posições sociaes.



D. Luiz Lobo da Silveira. — De vez em quando topamos com uns sujeitos entrados em annos, que nos dizem enthusiasmadamente: «No meu tempo é que eram corridas! Que cavalleiros, que bandarilheiros, e que forcados! Olha, menino, ahí está por exemplo o Luiz Lobo,

que era um forcado d'uma canna. Um toiro nas mãos d'elle era o mesmo que um cordeiro nas garras d'um lobo. Que pulso e que alma de homem! »



Luiz da Cunha Rodrigues. — Se não viu o toireio a cavallo do Manuel Mourisca e do Francisco Batalha, e as faenas do Frascuelo e do Lagartijo, porque é muito novo, tem presenciado, em cambio, innumeradas vezes o trabalho do Fernando de Oliveira e do Manuel Casimiro e o trasteio do Antonio Reverte e do Algabeño.



Luiz Fernando Coelho de Mello Mexia. — Vimol-o torear a cavallo, na praça de Elvas, em 22 de setembro de 1895. Demonstrou habilidade e arrojo, e por certo que ainda conserva gratas recordações dos applausos, que o publico elvense lhe dispensou n'aquella tarde.



Manuel Figueira Freire. — Nos circulos taurinos é muito conhecido este ardente aficionado, a quem se deve, em muito, a construcção da praça de Algés. Quando o commendador Custodio Ignacio Periquito teve noticia de que Algés ia ser dotada com um circo taurino, lamuriou para a governanta. «Era melhor que fizessem mais um hangar para os pobres cavallos, como aquelle que está no Corpo Santo».

«Era melhor, era, condescendeu a governanta; por amor da pelle dos pencos do Pinoia e do Pisa-flôres».



Manuel Carlos Teixeira.—No fim das temporadas taurinas organisa este intelligente aficionado uma estatistica das corridas, que se effectuam na praça do Campo Pequeno. E' as-saz curioso esse trabalho, onde se vê quantos ferros largos e curtos e quantas bandarilhas foram inutilisados; quantas pégas se realisaram, e quantas rezes saíram bravas ou mansas.



Maximo Julião Paes.—Apesar dos seus 65 annos de idade continua a ser aficionado como de antes. Foi fiscal do caminho de ferro do sul e seguidamente director telegrapho-postal em Evora, Leiria, Vizeu, Vianna do Castello e Angra do Heroismo, onde vive ha muitos annos, e onde não falha a uma corrida de toiros. No continente tomou parte em quatro toiradas. Na primeira, em Almada, em 1858, bandarilhou juntamente com João Roberto e Vicente Roberto. Era cavalleiro o conde de Vimioso, a quem o certamen foi dedicado. Em 1859 entrou n'uma corrida na praça do Campo de Sant'Anna, em beneficio d'um individuo que ia para o Brazil. Em 1860, em Setubal, toireou em beneficio do asylo de S. João de Lisboa. O cavalleiro foi o morgado Cabral. N'esta corrida foi gravemente ferido, porque ao saltar a trincheira bateu fortemente com a cabeça

n'uma columna de pedra. Finalmente, em 1861, em Vendas Novas, serviu de abegão n'uma corrida em beneficio d'um empregado do caminho de ferro do sul, chamado Valerio. O cavalleiro era o marquez de Bellas. Como o sr. Maximo Julião Paes deve ter saudades d'aquelles bellos tempos, que infelizmente já não voltam!



D. Nuno de Almada e Lencastre. — Serviu de neto na corrida effectuada no Campo Pequeno no dia 25 de junho de 1899, e promovida por sua magestade a rainha D. Maria Pia, em favor do Instituto D. Affonso. Nunca vi um neto tão catita. Elegantemente vestido e muito bem montado, conduziu-se com todo o acerto no desempenho do seu cargo. Posteriormente tomou parte como cavalleiro n'uma corrida effectuada em Cascaes no dia 15 de outubro do mesmo anno, em favor de dois estabelecimentos de caridade, e em 29 de julho d'este anno, na praça de Algés, em festa artistica do cavalleiro Simões Serra, farpeou um cornupeto com toda a desenvoltura d'um professional.



Paulo Bray — Aficionado intelligente e enthusiasta. Desde muito novo que é assiduo frequentador dos certamens tauromachicos, que elle acha superiores ás *pochades*, que os theatros de opereta exhibem, ás arlequinadas dos Colyseus, e ás insulsas corridas de cavallo. Isto para não fallar n'outros divertimentos favoritos dos espiritos derrancados.



Roberto Duff. — Forma na ala dos aficionados mais entendedores. Fallando com grande vivacidade, as suas conversações sobre tauromachia são attrahentes e interessantissimas. Tem visto muitas toiradas em Hespanha, porque foi immensas vezes á patria do Cid Campeador, que Deus haja em sua santa gloria, como premio das suas proezas bizarras.



Sabino Correia. — Com o pseudonymo de Zé Boieiro escreveu ha annos resenhas de corridas de toiros na *Folha do Povo*. Em se lhe fallando em cornupetos illumina-se-lhe o rosto franco e aberto, porque consagra uma profunda affeição ao grande divertimento nacional.



Salvador Marques. — Se é distincto no theatro, onde tem trabalhos de valor, sobresaindo a sua peça *Os campinos*, que é uma copia fiel da vida dos homens de barrete e pampilho dos campos do Ribatejo; se as suas biographias de artistas tauromachicos insertas no *Toireiro* são flagrantés de verdade e brilhantes na forma; os seus artigos sobre tauromachia, disseminados por varias publicações diarias e da especialidade, são trechos lucidissimos de boa prosa portugueza e onde transparece, sempre, a sua enorme aficcion.



Santos Franco. — Lá está elle, todos os domingos, na sua barreira do Campo Pequeno, assistindo com interesse aos diversos episodios da lide. A idade já é avançada, os cabellos e as barbas alvejam-lhe, destacando-se de entre os cabellos pretos dos outros espectadores, mas não é elle o que menos se enthusiasma quando um bandarilheiro crava um excellente par de ferros, ou quando o cavalleiro colloca uma bella farpa á estribeira.



Segismundo Costa. — E' um dos criticos tauromachicos mais notaveis de Portugal, e foi fundador do *Sol e Sombra*, o jornal taurino mais bem redigido que se tem publicado no nosso paiz. D'uma independencia rara nos seus escriptos, dá aos artistas indicações valiosas sobre o seu trabalho. Com o pseudonymo de Tio Justo escreveu magnificas revistas e artigos no *Economista*, no *Sol e Sombra* e no *Sol e Moscas*. Actualmente é collaborador do *Sol y Sombra*, de Madrid, onde tem publicado, em boa linguagem castelhana, as biographias de varios toureiros portuguezes. Segismundo Costa, que professa um verdadeiro culto pela arte tauromachica, tem uma bibliotheca da especialidade, de primeira ordem, perto de 400 volumes, entre os quaes se encontram obras rarissimas. Possui muitas cartas do grande e inolvidavel escriptor hespanhol Sanches de Neira, que tinha por elle muita estima, bem como de Carmena y Millan,

o brilhante publicista, que tem elogiado muito os seus escriptos.



Silva Pereira. — Se os annos lhe teem posto no rosto, alegre e prazenteiro, umas pequenas rugas, signal evidente de que a idade não passa impunemente, o seu talento, que é de bom quilate, conserva-se sempre viçoso e malleavel. Representa hoje como representava ha 30 annos, com a mesma frescura, a mesma vivacidade e a mesma sciencia do «metier». Todos sabem isto. Agora o que nem todos sabiam é que elle é um apaixonado pela tauromachia, tendo uma verdadeira veneração pelo gran-kalifa de Cordova, que elle considera a ultima palavra do toireio moderno. Silva Pereira, para ter occasião de pronunciar muitas vezes o nome do seu idolo, possui um gato a que poz o nome de Guerrita. O qual bichano, que é preto como azeviche, senta-se muitas vezes á meza com o distincto comediante.



Victorino Braga. — Percorrendo a collecção do *Toireiro* deparamos com muitos artigos firmados por este distincto aficionado, que escreve e discorre proficientemente sobre tauromachia.



Victor Marques. — Durante sete epochas fez as resenhas de corridas de toiros no *Universal*, referindo com graça e verdade o que se passava

no ruedo. Amador entusiasta, effectuou em tempo algumas pégas de valor, que lhe vale-ram bellas moñas.



Visconde de Asseca. — Quando rapaz foi um bom cavalleiro — dizem os do seu tempo. Hoje dirige corridas de fidalgos com toda a proficiencia — digo eu.



Visconde da Graça. — Um bello typo de homem, alto e desempenado, que toireava a aprasimento das multidões. Prendia as bandarilhas com pericia e farpeava com vigor e donaire. Manejando bem o capote, via chegar os toiros como poucos, e tanto assim que dava com facilidade o quiebro de rodillas.



Visconde de Pereira Machado. — Os portuenses, que o teem na maior estima e consideração, apreciam em muito o toireio a cavallo d'este titular, que é arrojado, dispondo de grande sangue frio.



Visconde do Tojal. — Entre outras corridas, em que tem tomado parte, entrou na da inauguração, em 1892, da praça do Barreiro.



PARTE II

CASOS VERIDICOS

E CASOS PITTORESCOS

Rafael Guerra

A thesoura homicida, manejada pelas mãos de sua esposa D. Dolores Molina Guerra, relegou o grande artista para o montão anonymo dos burguezes endinheirados. Cortou a coleta o mais formidavel toireiro, que tem pisado os ruedos da Peninsula e do Novo Mundo; deixou as bregas do coso o mais completo diestro que tem apparecido nos redondeis de Hespanha, França, Portugal e America, e isto na força da vida, pois apenas contava 37 annos de idade.

*

* * *

O trabalho de Rafael Guerra era inconfundivel. Incansavel, sempre no seu posto, correndo os toiros, abrindo-os, cerrando-os e refrescando-os, fazendo quites, recortando os, collocando-se sempre onde devia, toireava de meio corpo para cima, que é como se toireia de verdade. Diante dos toiros fazia gala, sem esforço algum, d'uma desenvoltura inverosimil.

Nenhum outro espada tinha a vista de aguia d'aquelle monstro; ninguem desdobrava como elle os requintes d'uma lide filigranada, com um aprumo extraordinario, com uma frescura inegualavel, com uma elegancia suprema, como se as suas faenas estivessem ensaiadas entre elle e os cornupetos, como se se conhecessem intimamente.

*
* *

Guerrita, que desenhava e matava toireando, com as bandarilhas era um colosso, com a muleta um maestro e na brega um portento.

Bandarilhando tomava os toiros em dois palmos de terreno, dirigia-se para elles e saía voluntariamente em falso, quedando-se parado a um metro de cara; emendava em seguida o terreno para traz, detinha-se rapidamente, e, situado a uma distancia insignificante, ia-se ao toiro, e embrocando-se sobre muito curto cravava admiravelmente o par.

Guerrita arrimava-se ao toiro, recortava-o, galleva-o a corpo limpo, passava pela cara dando uma volta airosissima roçando pelos cornos, entrava a bandarilhar e simulava a sorte mostrando á rez a saída por um terreno e fazendo-a occupar o contrario; e de tal sorte consentia os toiros e os castigava, que os animalitos seguiam-n'o como mansos borregos, como se estivessem hypnotisados e elle fosse um domador.

*
* *

Guerrita manejava com primor o capote. Desenhava com elegância todas as sortes que a arte indica. Opportunissimo nos quites salvou muitas vezes a vida dos seus collegas. O seu trabalho de muleta era, geralmente considerado, elegantissimo, variado, cheio de garbo nos toiros nobres; de grande defesa e de muito castigo com os tunantes. Com os cornupetos, que se agarravam ao solo e desafiavam, empregava um re-

curso inventado por elle, os meios passes seccos, imprimindo á muleta um movimento rapido, nervoso, de cima abaixo, que coincidia com a arrancada do toiro e o obrigava a deter-se enquanto dava o derrote. D'este modo submettia-os a um castigo durissimo, que trazia sempre a quadra-tura do animal.

*
* *

O grande toireiro praticou todas as sortes de matar, intentou levar a cabo a mais difficil, a de receber, guiado só pelo instincto, e logrou consummal-a muitas vezes; e chegou, nas estocadas a volapié, arrancando e a passo de bandarilhas, a executal-as de tal modo, mercê das suas poderosas faculdades, que n'ellas não tinha rival.

*
* *

Tal era o insigne artista, que ha um anno abandonou as luctas do redondel, para se dedicar exclusivamente á sua familia e aos negocios da sua grande casa.

Alfredo Tinoco

Mais um artista portuguez foi empolgado pelas garras sinistras da morte, na terra que tem sido o sorvedoiro de tantos compatriotas nossos. N'um dos dias do mez de setembro de 1899 falleceu no Pará, victimado pela febre amarella, o cavalleiro Alfredo Tinoco da Silva, que completara havia pouco 44 annos de idade.

O finado artista percorreu toda a escala do toireio. Começando por desempenhar o papel de neto n'uma corrida effectuada no Campo de

Sant'Anna, em 14 de agosto de 1873, foi successivamente forçado, bandarilheiro e cavalleiro. Mas foi no toireio a cavallo, que elle se tornou notavel.

Devem estar na memoria de todos os aficionados aquellas corridas memoraveis do Campo de Sant'Anna, em que Alfredo Tinoco, alternando, ora com Manuel Mourisca, ora com Luiz do Rego, farpeava com suprema galhardia, cavalgando com requintada gentileza os seus magnificos corceis de combate.

Nas arenas de Hespanha, onde rejoneou toiros desembolados, e nos redondeis de França, onde toireou com Luiz do Rego, os espectadores admiravam não só a sua esbelta e imponente figura, mas a sua temeridade; a sua valentia e a sua pericia.

Regressando a Portugal aqui se demorou algum tempo, tomando parte em algumas corridas no Campo Pequeno, mas dentro em pouco embarcou para o Brazil, onde continuou a serie de triumphos, e onde finalmente encontrou a morte, em toda a pujança da vida e no meio dos esplendores da gloria.

A praça do Campo Pequeno

Desde 18 de agosto de 1892 até 18 de dezembro do mesmo anno, primeira epoca do Campo Pequeno, effectuaram-se 16 corridas n'este circo tauromachico.

Na primeira, verificada na quarta feira 18 de agosto, lidaram-se 12 toiros de Emilio Infante da Camara, que foram farpeados e bandarilhados por Alfredo Tinoco, Fernando de Oliveira,

Vicente Roberto, Roberto da Fonseca, José Joaquim Peixinho, João do Rio Sancho, João Calabaça, Raphael Peixinho, João Roberto, Pescadero e Minuto.

Na 2.^a já entrou o elemento hespanhol, representado pelo espada Valentin Martin. Os toiros eram de Paulino da Cunha e Silva e os cavalleiros foram Alfredo Tinoco e Manuel Casimiro.

No domingo immediato, 28 de agosto, os espectadores tiveram o prazer de ver a *pose* do diestro Luis Mazzantini, que teve de se haver com toiros do dr. Maximo da Silva Falcão, alguns dos quaes foram farpeados por Alfredo Tinoco e Fernando de Oliveira.

Como o enthusiasmo do publico ia sempre n'um grande crescendo, a empreza organisou uma boa corrida no dia 4 de setembro com toiros do sr. D. Caetano de Bragança, que deram occasião a que o espada Cara Ancha podesse brilhar com as bandarilhas e a muleta. Toirearam a cavallo Fernando de Oliveira e Manuel Casimiro.

Nos dias 11 e 12 de setembro effectuaram-se duas grandes corridas com o concurso do grande espada Guerrita. Na primeira lidaram-se toiros de Carlos Augusto Marques. Cavalleiros: Alfredo Tinoco e Manuel Casimiro de Almeida; bandarilheiros: Miguel Almendro, Antonio Guerra, João Calabaça, João do Rio Sancho, Minuto, Raphael Peixinho e João Roberto. Na 2.^a toirada os cornupetos pertenciam a Emilio Infante da Camara. Cavalleiros: Alfredo Tinoco e Fernando de Oliveira; bandarilheiros, os mesmos da corrida precedente; picadores: Antonio Pegote e Paco Fuentes.

Foi no dia 18 de setembro que se verificou a

7.^a corrida, em que tomou parte o mallogrado Espartero. O curro foi fornecido pelo ganadero Estevão de Oliveira. Toirearam a cavallo Alfredo Tinoco e Manuel Casimiro.

A 8.^a corrida foi abrilhantada pelo festejado espada Angel Pastor, pelo sobresaliente Joseito, e pelos cavalleiros Manuel Mourisca e Manuel Casimiro. Se a memoria me não falha pertenciam ao sr. J. Antonio Fernandes os toiros lidados n'esta tarde.

Eram propriedade dos lavradores Emilio Infante da Camara, Carlos Augusto Marques e Luiz Patricio os 12 toiros que vieram ao Campo Pequeno no dia 2 de outubro de 1892. N'esta corrida, que foi dedicada a Fernando de Oliveira e promovida por uma commissão de aficionados seus amigos e admiradores, tomaram parte os srs. D. José Manuel da Cunha e Menezes, Jorge Rebello da Silva, Antonio Perestrello, Fernando de Oliveira e Manuel Casimiro e o espada Torerito.

Os alfacinhas tiveram o gosto de ver pela primeira vez o espada Antonio Reverte na 10.^a corrida, a 9 de outubro. O valente diestro fez trabalhos primorosos com os toiros do conde de Sobral, sendo quatro farpeados pelos cavalleiros Fernando de Oliveira e Manuel Casimiro.

Os quaes cavalleiros tambem entraram na corrida effectuada na sexta feira seguinte, 14, em que tornámos a ver o espada Mazzantini, a quem largaram, assim como aos outros artistas e picadores, 11 toiros do lavrador Paulino da Cunha e Silva.

Reapparece na corrida de 23 de outubro o sympathico Antonio Reverte, que, acompanhado de Manuel Rodas e José Moyano, bandarilhou

e passou de muleta alguns toiros do dr. Manuel Duarte Laranja, o 1.^o e o 6.^o dos quaes foram farpeados por Fernando de Oliveira e o 4.^o e 8.^o toirados por Manuel Casimiro.

Na 13.^a toirada effectuada a 1 de novembro entrou o seguinte pessoal: Guerrita, Fernando de Oliveira, Pegote, Paco Fuentes, João Calabaça, João do Rio Sancho, Pescadero, Minuto, João Roberto, Raphael Peixinho, Jorge Cadete, Primito e Almendro, que teve de ajustar contas com dez toiros de 6 lavradores.

Ainda me lembro como se fosse hoje da 14.^a corrida, que se verificou no dia 9 de novembro, e que começou ás 2 horas e 3 quartos. Foi o sr. Antonio José da Silva, de Salvaterra, que forneceu os dez toiros, que foram farpeados por D. Antonio de Siqueira Freire e visconde de Varzea, bandarilhados por D. Diogo de Pina Manique, D. Raphael Manique, Antonio Perestrello de Vasconcellos, Duarte Pinto Coelho, Pedro de Figueiredo e Ernesto de Mendonça, e pegados por Manuel Lopes, Pedro de Oliveira, D. Simão de Sousa Coutinho, Narciso de Oliveira David, Antonio Dias, D. Luiz da Cunha Menezes e A. Sirgado. Os moços de curro eram Manuel Novaes Sotto Mayor e Athayde, Antonio da Cunha e Silva, José Gonçalves de Freitas, J. Damaso de Moraes, Libanio Monteiro Grillo, Fernando Mendonça e Manuel Mendonça. O neto era o sr. José Luiz da Cunha e Silva.

Do sr. José Palha eram os 10 toiros que vimos no Campo Pequeno, no dia 20 de novembro do anno da graça de 1892. A *pose* formidavel de Luis Mazzantini tornou a apparecer aos nossos olhos pela terceira vez. Fernando de Oliveira e Manuel Casimiro foram os cavallei-

ros da tarde. Pelo menos das 2 ás 4 e um quarto. Se não estiver certo queiram rectificar.

Finalmente, no dia 18 de dezembro, com uma corrida extraordinaria, que começou ás 2 horas da tarde, fechou a epoca taurina. O gado era de Emilio Infante da Camara e os cavalleiros Alfredo Tinoco e Manuel Casimiro. Rafael Molina, uma sombra do que tinha sido, um sol quasi no seu occaso, elle, que fôra um colosso da tauro-machia, fez o que as suas faculdades em decadencia lhe permittiram.

*
* *

Os maiores accionistas da praça do Campo Pequeno são os seguintes senhores: Sua magestade el-rei, 67 acções; Manuel Joaquim Alves Diniz, 39 acções; Albino Herculano Sequeira Sepulveda, D. Andrelina Gomes dos Santos, Antonio Centeno, Antonio Hygino de Queiroz, Centeno & C.^a, conde do Paço do Lumiar, Francisco Isidoro Vianna, Henrique de Mendia, João Bregaro, dr. José Joaquim da Silva Amado, José Maria do Espirito Santo e Silva, Marianno de Carvalho, marquez do Fayal, marqueza de Pomares, Thomaz Gonçalves, 25 acções; Albino José Baptista, Alfredo de Ascenção Machado, Joaquim Antunes dos Santos, 20 acções; Alexandre José de Abreu, Alfredo de Oliveira Sousa Leal, Antonio Ferreira Lopes, conde da Guarda, conde do Lavradio, Domingos Esteves Gouveia, Frederico Biester, Frederico Collares, Frederico Ressano Garcia, João Henrique Ulrich, Jorge O'Neill, José Albino Pereira de Carvalho, José da Costa Pedreira, Manuel Affonso Espregueira, Manuel de Castro Guimarães, Manuel

José Monteiro, Manuel Pereira Rego, D. Maria das Dores Ferreira da Silva, Pedro Antonio Borges Flores, D. Virginia Ferreira Teixeira, visconde de Varzea, 18 acções; Antonio Anastacio Gomes, Raymundo da Silva Leal e Thomaz Garcia Puga, 16 acções; Antonio Cardoso de Oliveira Junior & Irmão, Antonio José Dias da Silva, Guilherme Aurelio Bisarro da Silva, Joaquim Pedro Monteiro, José Antonio Fernandes Junior, Manuel Luiz Fernandes, 14 acções; Duarte Correia Pinto da Silva, Francisco Barreiros Cardoso, José Rodrigues Pinto Junior, José Rodrigues Pires, dr. Manuel da Silva Franco, 12 acções.



Lucta de chavelhudos

Na manada o *Bonito* era temido pela sua força extraordinaria. Era o rei d'aquelle povo de chavelhudos. Uma occasião, por ciumes, zangou-se com os seus subditos, jogando a bordoadá com tres d'elles. Estes não levaram a melhor, mas juraram vingar-se em tempo opportuno. Um dia, quando o *Bonito* passeava pachorrentamente em companhia d'uma vaquita branca e preta, dá de frente com os seus vassallos insubordinados, que bruscamente caem sobre elle, dando-lhe uma tarefa de alto lá com ella. Durante alguns segundos sentiram-se os estalidos de pitones contra pitones, e a breve espaço as hastes, agudas como punhaes, de dois dos antagonistas, enterravam-se com furia indomita no corpo do *Bonito*, que, exangue e esphacellado, pouco depois exhalava o derradeiro alento. O seu mais

temível adversario, o que brigara com elle cara a cara — emquanto os outros, quaes fadistas, o anavalhavam traiçoeiramente — ao vel-o morto, deu um mugido de satisfação, e, pondo a pata direita sobre o corpo inanimado do *Bonito*, assim se quedou por algum tempo, dando signaes de alegria, como querendo mostrar por esta forma, que era o herdeiro incontestado do seu chefe extincto. E assim foi, porque d'ahi em diante todos os cornupetos e cornupetas prestaram a devida homenagem ao seu novo rei.

O *Rouxinol*, que assim se chamava, veiu algumas vezes á praça do Campo de Sant'Anna, e deu agua pela barba, ou pelo bigode, do Manuel Mourisca e do Antonio Monteiro. Um toiro de respeito, como se usa dizer em linguagem taurina. A estas horas, pela certa, não sabe a quantas anda. E é possível, que ainda seja vivo, e que tenha netos e bisnetos. Reformado é que deve estar e com o ordenado por inteiro. E d'ahi talvez não esteja reformado. Pode ser que faça parte de algum quadro auxiliar. O progresso esfusiando pelas lezirias!



Borlistas de dois e quatro pés

Na rua do Oiro, em fins de dezembro de 1896.

— O' José, quando me dás o teu livro?

— Não posso, porque não tenho nenhum. Todos os que o editor forneceu foram para os jornaes e para pessoas muito intimas. Não lhe peço mais nada.

O homem fez beicinho e rodou.

Mais abaixo, á esquina da rua dos Retrozeiros, encontro o Julio Alvarim, que me diz, todo sorridente :

— Já sei que publicaste um livro, intitulado *Toireiros e Toiradas*, com um lindo prologo do dr. Trindade Coelho. Não me offereces um exemplar ?

Respondi-lhe o que tinha dito ao outro. O Alvarim lá enguliu a pilula com certa difficuldade e foi-se embora com cara de poucos amigos.

N'aquelle dia vi-me grego, ou turco, para me livrar dos que gostam de ler de graça.

Pensava eu que, de noite, estaria livre dos taes pedintes, mas achei-me enganado.

No theatro Avenida, onde assisti á representação do *Miguel Strogoff*, fui abordado, nos intervallos, por alguns pandegos, que me elogiaram muito (podera!), perguntando com vivo interesse pela minha saude (que ratões!) e finalizando a cavaqueira por me pedirem o livro.

Ficavam desapontados como os outros.

Tempo depois, no Leão de Oiro, onde fui retemperar as forças perdidas com o trabalho de pronunciar centenas de — «Não» — a «coisa não me pertence» — fui assaltado pelo Bernardo Campeão, 2.º official do ministerio dos cultos, que entabolou commigo a conversa, que os senhores vão ver:

— Os meus parabens, caro José, pela sua obrasinha. Já ouvi dizer, que está muito catitinha.

— Agradecido, querido Bernardo.

— Não ha de quê. Tambem me disseram, que o prefacio do Trindade Coelho é interessantissimo.

— E', não ha duvida. O meu amigo serve-se d'um bocado de lingua com cebolinhas ?

— Não, obrigado. Estou seguindo o tratamento do grande Kuhne. Mas, voltando á vacca fria, ou quente, desejava immenso possuir, com dedicatória, o seu livro. Era um grande obsequio. Os tempos estão tão bicudos !

— Tenho immensa pena de não o poder servir ; mas por ora é impossivel. Talvez lá mais para diante alguma coisa se arranje.

— Não se esqueça.

— Fique descansado.

E lá se foi, escamado como uma barata.

*

* * *

De noite, seriam 3 horas. Sonho. Acho-me n'um campo para mim completamente desconhecido. Vagueava por ali havia minutos quando avisto dois soberbos suínos, que, ao verem-me, estacam. Eu tambem parei, afim de admirar tão bellos exemplares. Um d'elles, creio que o mais velho, começa a grunhir. O companheiro avança, levanta o focinho, e articula as seguintes palavras :

— Não me dás um livrinho, ó Salsa ?

Não quiz ouvir mais nada. Desatei a fugir e fui dar a uma charneca, no meio da qual deparei com uma manada de toiros. Fiquei estarrecido, como os leitores podem calcular.

Um d'elles destaca-se do grupo, avança para este seu criado e muge :

— Com que então nem aos homens nem aos animaes offereces o teu livro ? E's um ingrato. Devias ter trazido alguns exemplares para distribuires cá pela rapaziada. Lembra-te, meu pe-

queno, que nós, os chavelhudos, temos feito a tua gloria (?) litteraria.

— Perdão — retorqui — não é tanto assim. Se realmente sou algo conhecido no mundo tauro-machico, em compensação tenho gasto muito dinheiro com as toiradas e soffrido muitos dissabores.

— Não de nós — objectou o capirote.

— De vocês, effectivamente, pouca rasão tenho de queixa. Os emprezarios, ganaderos e artistas, é que me teem dado agua pela barba. Só uma vez, em Villa Franca, na festa artistica d'um bandarilheiro extincto, é que um toiro da Companhia das Lezirias me ia dando cabo do canastro. Por um pouco não me põe a cara n'um figo. Quem pagou as favas, porque estava ao pé de mim, foi o Antonio do Couto Guerra, um bom homem, gordo, estabelecido na rua do Poço dos Negros.

— Bem sei; aquelle que vende palitos de La Reine, que são uma delicia.

— Justamente.

— Mas voltando á vacca ou boi frio — berrou o galhardo cornupeto, — dás ou não dás o teu livro?

E eu, com receio de alguma amabilidade cornea, respondi exhibindo o meu melhor sorriso:

— Bem, quando chegar a Lisboa, mando o livro pelo correio.

O capirote meneou a cabeça como quem agradece, bufou e em dois saltos poz-se junto dos companheiros.

Segui por ali abaixo e fui dar a uma clareira. Empoleirado n'um monte de pedras, de espada em punho (que sonho tão bisarro) vejo um «endireita» de bigode façanhudo. Acerco-me do bru-

tamontes, que me agarra pelo pescoço e brandindo a espada me diz :

— Se não me dás o teu livro, racho-te de meio a meio.

— Não dou, gemi eu. Não tenho nenhum. Os que o editor me deu foram para os jornaes. Só um apanhou quatro.

— Pois vaes ter morte horrivel, regouga o phantasma ; e ao expectorar a sandice atira-me uma espadeirada, que me fez acordar aos saltos.

*

* *

Onze horas da manhã. Entra no meu quarto o preto Jacaré, de chavena de café em punho.

— Senhor, diz o preto, aqui tem o café.

— Vae-te para o diabo. Não tenho. São do Manuel Gomes, berrei.

E o Jacaré muito atrapalhado e deixando cair a chavena :

— O senhor está enganado. Este café não é do Gomes ; é do Figueiredo cá de baixo da mercaria.

*

* *

De entre as cartas de varios patuscos, que me pediam o livro de borla, destaco a seguinte, do escrivão e tabellião d'uma das comarcas do norte do paiz :

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—A minha loucura por possuir bons escriptos leva-me a ter o atrevimento de me dirigir a V. Ex.^a, esperando na magnanimidade de V. Ex.^a que me ha de saber desculpar. Tenho-me esforçado para ver se conseguia comprar o volume de que V. Ex.^a é tão digno auctor, *Toireiros e Toiradas*, mas a comarca não me rende

sequer para o pão nosso de cada dia, quanto mais para sustentar caprichos, por isso vinha pedir a V. Ex.^a a alta fineza (ou esmola) de satisfazer o meu desejo, dando-me um exemplar d'aquella publicação, mesmo velho que fosse, porque para eu ler (pobre escrivão de direito) tudo serve. Estou certo que V. Ex.^a não deixará de contentar-me porque á alta posição em que V. Ex.^a está não lhe fazem falta os tostões que eu lhe poderia dar por um volume. Perdõe-me a franqueza. Com a maior estima e distincta consideração subscrevo-me, etc., etc.

Segue o nome do sujeito e o da terra, em que elle tem a desdita de ser escrivão e tabellião. Apezar dos 31 verbos e pico, que me engasgam n'esta missiva, e da «alta posição em que v. ex.^a está», que me deu que scismar, enviei o livro ao homem. Mas não recebi a esmola (pobre amanuense!) d'um «muito obrigado, menino.» E d'ahi, talvez o meu escrivão e tabellião não recebesse a obra. Naturalmente ficou pelo caminho. Tem-se visto muitas vezes. Não é dos livros, mas é da época. Antigamente as unhas nasciam nas pontas dos dedos; agora apparecem nas palmas das mãos.



Sonhos

Era uma noite chuvosa de novembro de 1898. Deitei-me eram 5 e meia horas. Passados minutos o meu espirito, ou como melhor deva chamar-se, dá entrada no mundo dos sonhos, e vejo o seguinte:

Um vasto campo cheio de gente. Fogos de artificio cortam o ar. Uma musica, n'um coreto, toca trechos bisarros e estranhos. Junto do coreto, moças e donzeis dançam polkas e mazur-

kas. A' esquerda do coreto veem-se uns palanques, onde se ostentam muitas damas, algumas formosas, outras formosissimas.

Um arrayal monstro !

*

* *

Quando eu estava junto dos palanques admirando o soberbo espectaculo, uma das damas desce e travando-me do braço leva-me rapidamente pelo meio d'aquelle oceano de pessoas de ambos os sexos e de todas as edades. Eu, aturdido, seguia-a sem objecção.

Era uma mulher deliciosa. Alta, magra, branca como o papel d'este livro, de olhos azues e cabellos fulvos. Despedia clarões dos seus olhos avelludados, a par e passo que da sua pessoa se evolava um perfume suggestivo, que me embriagava.

— Amo-te, segredou-me ella n'um tom breve e imperativo. E eu, ao aspirar o seu halito perfumado e ao sentir a pressão da sua na minha mão, confessei-lhe, tremulo de commoção :

— Sim, eu tambem te amo profundamente. Sinto por ti o que nunca senti por outra mulher. (Os homens são sempre assim).

Ao dizer isto produz-se um forte borbórinho, tudo corre, atropellando-se, a minha gentil companheira é empurrada brutalmente, sou envolvido n'uma onda e de repente apanho um bofeu formidavel, que me fez acordar aos saltos.

*

* *

Abro os olhos e vejo tudo no seu logar. Accendi um charuto e em quanto saboreava o ha-

vano (?) ia pensando nas fragilidades humanas e no mysterio do somno, uma coisa que ainda ninguem me soube explicar. Queimado o charuto, virei-me para a parede, a ver se gosava o resto do estranho sonho. Fui feliz.

O mesmo scenario. Lá estava a minha gentil companheira em doce cavaco com o toiro, que me tinha ferrado o bofeu. Em voz melliflua o cornupeto queixava-se á juvenil mulher de que eu o tinha enganado. Que promettera mandar-lhe os *Toireiros e Toiradas* pelo correio, mas que faltara á palavra dada.

Tratei de metter o nariz na conversa, esclarecendo que tinha deitado á rua, perdão, que tinha offerecido aos jornaes de Lisboa e da provincia 40 volumes (alguns d'elles, por signal, que não tinham chegado ao seu destino) e perto de 20 a parentes e a amigos intimos; que a edição estava esgotada e que eu até ficara sem nenhum na minha estante.

O bello animalejo rendeu-se ás razões adduzidas por nós e disse:

— Bem; quando publicar outro não se esqueça de mim. Gosto muito de leituras amenas. Lá na ganaderia costumo entregar-me á leitura, nas noites invernosas, em quanto a minha companheira, uma vaquinha linda como os amores, faz meia ou remenda as piugas do maioral. Lembrese mais, meu amigo, que eu sou aquelle toiro cuja lide magnifica tão festejada foi nas columnas do jornal onde você escreve. Recordase? Foi no Porto, na serra do Pilar. Aquelle magico do Fernando de Oliveira metteu-me no cachaço quatro farpas superiores. Uma d'ellas offendeu-me um pouco um ossito; mas foi coisa passageira...

Repentinamente acordo sobresaltado. O meu criado Jacaré, que se tinha chegado ao pé de mim para me acordar e dar o café, ferrara com o precioso liquido por sobre o meu rosto.

Dois dias a pão e agua foi o castigo, que infligi ao negro filho dos sertões africanos.



Toirear de bicycleta

Era no Mexico. Um diestro hespanhol, por nome Manuel Garcia, vendo que as poucas sympathias que gosava iam dando em droga, annunciou, em cartazes vistosos, que mataria, em bicycleta, o toiro mais bravo e de mais poder do mundo! Pum! Arreda, que te espeto, ó Salsa!

O valente, que vestia um trajo precioso, foi recebido pelo publico com grandes applausos e aclamações. Durante as cortezias o publico delirou.

Abre-se a porta do curro. O toiro apparece, dá dois passos e estaca. E ao ver Manuel Garcia tão luxuosamente vestido, montando com altivo arreganho uma Raleigh, diz de si para si: «Espera, que eu já te arranjo, meu neurone». E em duas pernadas lançou-se sobre o pobre espada, que ficou com a vestimenta esfrangalhada e a bicycleta em estilhas.

O publico premiou o arrojo de Manuel Garcia dando-lhe uma pateada monumental!



Entre dois toiros

Ha tempos, depois d'uma corrida no Campo Pequeno, deixei sair toda a gente e fiquei para ver a desembolação e curativo dos toiros. Havia annos, que não presenceava aquelle trabalho.

Quando saiu do toiril, já desembolado, o primeiro cornupeto, os sete cabrestos achavam-se no ruedo, n'uma grande immobibilidade, ruminando pacatamente. A chegada do bravo levou o sobresalto ao meio dos mansos, cujos chocalhos se fizeram ouvir.

Cada toiro, que chegava, cumprimentava os collegas e sacudia ao mesmo tempo o cachaço, onde, pouco antes, a bandarilha ou a farpa fizera sangria. Um d'elles, porem, ardia em tal sede, que, ao presencear um cabresto verter aguas, acercou-se pressuroso a deliciar a lingua ressequida no liquido espumante.

Dois d'elles, o *Papagaio* e o *Periquito*, convergiram para defronte do sector n.º 2 e tiveram o seguinte dialogo:

— Com que então saltaste tres vezes as taboas, meu patife?

— E' verdade. A morenita, que eu beijeiquei, era um primor. Macia como velludo, exhalava da sua pessoa aromas deliciosos. Infelizmente estas divindades não são para os nossos dentes. Pertencem, isto é, são esposas ou amantes de sujeitos, que na sua maioria deveriam andar com as mãos pelo chão, como nós outros.

— Estás hoje com uma lingua viperina, acudiu o *Periquito*, que n'aquella tarde tinha dado bordoadas de cego nos forcados.

— E' a verdade, meu amigo, retrucou o *Papagaio*. Tenho ouvido coisas a collegas nossos, que é de tremer.

— Lá pelas lezirias ha um pouco mais de honestidade, esclareceu o *Periquito*.

— Hum! duvidou o *Papagaio*. O que nos vale é não haver lá jornaes e senhoras visinhas. Se tivessesmos lá femeas de dois pés e essa praga a que chamam *reporters*, que mettem as ventas em toda a parte, muita coisa se saberia. Tudo passa no escuro, porque não ha linguas damnadas.

— Tambem me parece, condescendeu o *Periquito*. Nas cidades se a uma dama lhe escorrega o pé, cae-lhe tudo em cima, com a lingua, já se deixa ver. Fica uma mulher completamente desacreditada. Nas lezirias não succede assim. Porque a verdade é esta: nós, os chavelhudos, que desafiamos o mar, a terra, os nomes por dá cá aquella palha, somos de gesso quando se trata de questões de honra.

— Perdão! objectou o *Papagaio*. Quanto a mim não consinto patifarias, e . . .

O dialogo ficou por aqui, porque um dos da manada, que parecia um cubano desenfreado, poz ponto na discussão, separando desabridamente os dois conversadores.



Toiros e lobos

De dia chovera torrencialmente. A noite apresentara-se agreste em demasia. De espaço a espaço ouviam-se os chocalhos dos cabrestos, que se impacientavam com as rajadas do nordeste desabrido, e algum ouvido bem apurado poderia ter distinguido, quando mestre Boreas soprava com menos força, o uivo do lobo.

N'aquelle dia o maioral completara 64 annos. O valente e sympathico velho convidara os campinos para uma modesta refeição, que foi servida n'uma especie de arribana. Como o frio fosse muito, accenderam uma fogueira para se aquecerem. A qual fogueira aqueceria d'ahi a pouco tambem um toiro, como se vae vêr.



Um dos cornupetos, apezar do vendaval, saiu da manada á bocca ou á porta da noite e marchou por aquelles campos fora a espairecer maguas. Poucas horas antes uma vaquita, que elle apreciava muito, tinha-lhe faltado á fé conjugal. Vê-se d'isto muito a miudo. E como o seu rival fosse de muitas arrobas, com um promontorio de lenha na cabeça, o desventurado houve por bem não tirar uma vingança tesa e apropriada. Tambem se vê d'isto a cada passo. O medo guarda a vinha... e as infidelidades.

Mas voltemos ao toiro vilmente enganado.



N'um certo ponto, o cornupeto viu brilhar na escuridão os olhos de tres ou quatro lobos, que uivavam lugubrememente. Estacou, da sua bocca saiu um mugido doloroso, como quem diz — estou filádo! — e, voltando-se rapido, veio por ali abaixo n'um carreira vertiginosa. Os lobos, velozes, foram-lhe no encalço. O toiro dirigiu-se para a arribana, onde a fogueira crepitava. Chegando á porta, parou, e com dois meneios de cabeça dir-se-hia que pedia a protecção dos homens de pampilho e barrete. Os campinos fallaram-lhe e o toiro deitou-se entre portas.

E assim esteve, até que a claridade do dia fez afugentar os carnivoros, que umas poucas de horas e a certa distancia estiveram prelibando um banquete opiparo. Quando os lobos já iam muito ao longe, o cornupeto levantou-se, e, correndo e aos *mús*, lá seguiu para a manada, onde foi recebido com algumas caricias dos seus companheiros mais pimpões.

A vaquita desleal assim que o viu fugiu a sete pés, e o tal, o Mr. Alphonse cornudo, fez-se de manto de seda, metteu o focinho á terra e fingiu que estava a comer. Estava mas era a amolar o caso. Este toiro veiu algumas vezes á praça do Campo de Sant'Anna. Era valente como um tagalo e n'uma tarde de agosto de 1878 deu uma ensaboadella no cavalleiro Batalha, que chegou a perder a côr. Parece que os estou ainda a ver. O toiro e o Batalha! Bons tempos, em que os amanuenses, mesmo que fossem addidos, recebiam os seus ordenados em libras, que então custavam 4\$500 réis.



O Palmella

O Palmella era um grande ratão. Já o perdi de vista ha muitos annos. Naturalmente a thesoura sinistra cortou-lhe as voadeiras. Mas era um pandego, o Palmella, antigo empregado da praça do Campo de Sant'Anna. Nas vespervas de corridas lá o viamos, de noite, de guarda a uma portinha, que dava para a sombra.

Antes dos toiros entrarem a gente batia á porta e dizia: «O' Palmella, deixa-nos entrar; somos só tres ou quatro». O Palmella tossia, entreabria a porta, perguntava quantos eram e estendia a mão para um charuto ou para um pataco. Era no tempo dos patacos. Recebido o charuto de vintem ou a massa bronzea, o Palmella abria a porta para entrarem os tres ou quatro; mas uns quinze ou vinte cafres, que no escuro aguardavam ensejo para darem entrada na praça; seguiam atraz dos outros, derrubando o pobre Palmella, que via Braga por um canudo. O pobre diabo berrava, barafustava, que era uma pouca vergonha, que não tornaria a cair n'outra, mas d'ali a pouco repetia-se a mesma scena e dentro em quinze minutos achavam-se lá dentro 500 ou 600 creaturas, que se conservavam ali até de madrugada a ouvir tocar e cantar differentes fados, em quanto os toiros, já então no ruado, tambem prestavam ouvidos attentos ás vozes algo avinhadas da Thereza do Lumiar e da Catharina das Picôas, que cantavam a primor os fados do conde de Vimioso e de outras figuras do alto banzé.

A mesma scena repetia-se todos os sabbados, mas o Palmella, o pandego Palmella, levava para casa um fornecimento de charutos e um sacco de patacos. Convem dizer, para desdoiro de aficionados de meia tijella, que alguns eram falsos como o Judas da Biblia. Para não fallar de outros Judas de chapéu alto ou de côco, que a gente vê todos os dias ali no Chiado e na rua do Oiro.



Nas arvores do Campo de Sant'Anna

Em outros tempos, meia hora antes dos toiros chegarem ao Campo de Sant'Anna, viam-se empoleirados nas arvores alguns rapazolas. De entre elles, uns casaram-se e estão cheios de filhos; outros estão nos Prazeres e no Alto de S. João, e ainda outros foram para longes terras em busca do que a patria, descaravel, lhes não podia dar. D'esse grupo — que no verão ia sempre esperar os toiros, e no inverno ia todos os sabbados ao linguado do Dáfundo ou ao coelho da Porcalhota — só resta, tem-te não caias, o auctor d'estes casos veridicos. Que saudades que elle tem d'aquelle tempo! Contava menos 20 annos e ainda acreditava no amor das mulheres. Hoje anda pelas immediações dos 40 e está completamente desilludido das coisas d'este mundo.

*

* *

Ora n'uma das noites de julho de 1878 o grupo achava-se empoleirado, na forma do costume, no arvoredado do Campo. De repente ouvem-se ao

longe os chocalhos dos cabrestos. As embocaduras das ruas já tinham os tapumes. Mas um policia, que lobrigara aquella pardalada de nova especie, correu, e, de sabre desembainhado, ordenou aos passarões, que saltassem cá para baixo. Os chocalhos ouviam-se mais distinctamente. Parlamentou-se com o guarda: que nos deixasse, que não faziamos mal ali; mas toda esta arenga para ganhar tempo. Porém quando o agente da auctoridade, já zangado, ordenava aos passarões que descessem, senão iam para o xadrez, ouve-se um grande borborinho. O policia não quiz saber de mais nada, senão pernas para que vos quero!

Rapidamente o gado passou n'um grande turbilhão, e todos nós, com a maxima agilidade, descemos das arvores e voamos para a praça. Assim que a manada deu entrada no redondel, o policia correu para a arvore afim de nos ensinar a regra do bom viver, mas já não deparou com ninguem. Viu apenas um pardal, que houve por bem esterocar-lhe o bonnet. O agente da auctoridade rogou uma praça, respondendo lhe o pardal com um assobio significativo, que ainda mais fez arreliar o mantenedor da ordem publica.



Uma corrida no Campo Pequeno

Horas depois da toirada que se realisou n'aquelle dia no Campo Pequeno dizia no Leão de Oiro o commendador Alfazema á sua mais que tudo:

— Desengana-te, querida Felismina, as toiradas deviam principiar no domingo de Paschoa,

por dois motivos. Primeiro, porque era sempre n'esse dia festivo, que as diversões taurinas começavam; segundo, porque comendo os bois de magro, não estão ainda em condições para serem corridos.

E o Alfazema dissertou por um longo espaço de tempo a respeito de toiros e toiretes. E enquanto o commendador dava á lingua, a Felismina ia ingerindo alguns filetes de linguado, que regava com vinho verde, bebida que ella muito aprecia. A' sobrezeza perguntou ingenuamente ao seu companheiro de pezâres e alegrias se os bois comiam peixe na quaresma.

O Alfazema com olhos ternos, mercê de fartas libações, accendeu um charuto e esclareceu:

— Sim, rica filha; os toiros comem peixe na quaresma e carne no outro tempo. N'estas sete semanas de quaresma, que vão quasi decorridas, não levam um naco de carne á bocca. E' lhes isso defeso. Os lavradores não querem maus costumes nas suas ganaderias.

— E eu que imaginava — acode a Felismina— que os quadrupedes não comiam senão palha e herva.

— Engano, adorada Felismina, comem peixe e carne como nós outros. Tudo isto é progresso. Ainda has-de de ver os cornupetos sairem ao redondel de luvas e chapéu de coco.

— Ah! fez a gentil senhora, ao mesmo tempo que levava aos labios um copinho de Chartreuse.

— E' como te digo, encanto da minha vida. Olha, ali vem o meu compadre Mathias Salgado.

O recémchegado abancou junto do ditoso par e mandou vir meio bife com batatas.

Perguntando-lhe o Alfazema, que tal tinha

achado a corrida, o Salgado fallou d'est'arte, enquanto engulia o meio bife com batatas.

— Eu lhes digo, compadre amigo e minha boa senhora. A corrida não me agradou nem me desagradou. Teve coisas boas e coisas más. Os toiros não cumpriram bem a missão, que foram chamados a desempenhar. Resentiam-se evidentemente da comida de magro (a Felismina fez beicinho). No entanto, cinco cornupetos deram um jogo muito rasoavel, e mais dariam se os homens de montera não estivessem, sem motivo justificado, tão receiosos. (O Salgado n'esta altura esvasiou um copo de Collares).

«Continuando, direi, compadre amigo e minha boa senhora, que o Antonio Reverte não estava nos seus dias mais felizes. Tirante o trabalho da muleta no 2.^o toiro, o resto não mereceu as minhas palmas. A mania que aquelle homem tem de fazer quiebros, á moda d'elle, em todos os toiros! Um dia vê a Giralda e a Mesquita por um canudo. Contra a minha expectativa, o Conejito conduziu-se melhor. Collocou bem alguns pares, entrando e saindo da reunião com todo o preceito, e no 3.^o chavelhudo tirou um passe de peito e um natural, que fez babar de contentamento a lua, que lá no alto espreitava com curiosidade as differentes phases da lide. (O Salgado esvasia outro copo de vinho).

— Continue, compadre Mathias, rogou o Alfazema.

O Salgado pediu mais meia garrafa de vinho e queijo da Serra, e continuou a narrativa.

«Os bandarilheiros de Conejito nada fizeram digno de menção. Os de Reverte portaram-se bem. Currinche teve um excellente par, e Blanquito, que é um bandarilheiro distinctissimo,

cravou tres pares monumentaes, que fariam a reputação d'um artista. Uma belleza, querido Alfazema. (Salgado bebe outro copo de vinho). Fernando de Oliveira toireou com bravura e arte. (N'esta altura o Salgado pede fructas; o Alfazema reaccende o charuto, e a Felismina, sentindo-se feliz n'aquelle meio, leva aos labios purpurinos o calice de Chartreuse).

«Concluindo direi, compadre amigo e minha gentil *donzella* (o Alfazema deixou cair o charuto e a Felismina fez-se purpura) que os peões portuguezes, que eram João Calabaça, Raphael Peixinho, Theodoro Gonçalves e Jorge Cadete, cumpriram o seu dever.

O Mathias Salgado mandou servir o café e cognac. O commendador accendeu terceiro charuto e a Felismina delicia-se com outro golinho de Chartreuse.

— Amigo Salgado, diga mais alguma coisa da corrida, pediu o Alfazema.

— Os forcados executaram poucas pégas, mas n'essas mesmas que realisaram apanharam o seu piparote. Deixaram de pegar toiros, que podiam ser facilmente subjugados, e foram para a cara de alguns, que jogavam o pau como uns catitas.

Outra pausa e novo copo de vinho.

— A praça estava cheia. Nos camarotes alguns rostos gentis. Nas bancadas da sombra a rapaziada fina e raparigas elegantes; nos logares do sol, muito cocheiro, muito soldado, muito gallego, muito padeiro, perdão, manipulador de pão; muito sapateiro, perdão, manipulador de botas; destacando-se aqui e ali os chales de côres variegadas de muitas tabaqueiras, perdão, manipuladoras de tabaco.

Dito isto, o Salgado pediu contas, pagou e despediu-se do Alfazema e da sua gentil companheira e tomou o caminho do theatro da rua dos Condes, onde foi ver pela terceira vez uma revista do anno.

Nada tenho a acrescentar á narrativa do Mathias Salgado, que foi ouvida religiosamente por mim e por outros individuos, que se achavam n'aquella occasião no Leão de Oiro.

A caminho de casa, o commendador ia pensando na narrativa do seu amigo e compadre Mathias Salgado.

Quando chegou á palavra *donzella*, estremeceu e olhou de soslaio para a Felismina, que meigamente lhe perguntou se estava incommodado.

— Estou bem disposto. O que se me não tira da mente é uma injuria, que o Salgado te dirigiu.

— Não tens razão de fallar. O teu amigo e compadre não me injuriou. Não disse senão verdades.

— Talvez, pode ser, concordou o Alfazema. E não mais fallaram no Mathias.



O Saragoçano

Quando este homem annunciava ás gentes, pelas guelias de bronze do *Seculo* e do *Diario de Noticias*, que em tal e tal dia faria um calôr de rachar; que a tantos e tantos do mez cairia a chuya em catadupas; n'esses dias o astro do dia arrancava scintillações abrasadoras das pe-

dras das calçadas e as nuvens mandavam cá para baixo toneis de agua, que molhava até á medulla os que por dever de officio tinham de transitar, apesar do tempo, pelas ruas da capital.

Raras vezes se enganava o sr. Leon Hermoso.

No pino do verão a gente tencionava ir por ahi fora, a uma feira, a um arrayal, a uma toirada, a uma corrida a Aldeia Gallega, ás festas da Agonia a Vianna do Castello, a uma digressão ao Bussaco. Uma bella manhã os jornaes publicavam os famosos boletins, que davam chuva nos dias da pagodeira. E o caso é que a agua caia, que era uma consolação. . . fria.

— «Mas antes d'este sujeito apparecer em scena não chovia de verão!» berravam os que se enfeitavam para sair da capoeira.

— «Má bicho lhe dê», gemiam sogras adiposas, olhando meigamente para os genros desempenados.

E á bocca pequena «endireitas» ferozes asseveravam aos amigos, que só com a morte do homem as coisas entrariam nos eixos. Não entram, como se tem visto. Quando o barometro sóbe, chove que é um regalo . . . molhado; quando o supradito instrumento desce, o sol rutila, acariciando meigamente os rostositos de gentis donzellas.

Isto está tudo perdido, como costuma dizer um funcionario do ministerio das obras publicas, que foi do respectivo quadro desde agosto de 1886 até julho de 1892, em que o fizeram addido, depois de ter pago direitos de mercê e emolumentos e sêllos.

Por estas e por outras é que uns dizem que o seculo XIX acabou no dia 31 de dezembro de 1899 e outros affirmam, com sete pedras

na mão, que o seculo das luzes finalisa a 31 de dezembro de 1900.



Talvez hoje succeda o mesmo

Ha annos tres cavalleiros, que já não são do numero dos vivos, fizeram o seguinte accordo: nunca toirearem na praça do Campo de Sant' Anna por menos de 20 libras.

Dias depois um d'elles procurou o Victorino Marques e disse-lhe que toirearia pelas 16 libras da praxe, desde o momento em que tivesse mais corridas do que os seus dois collegas. O empresario nada respondeu na occasião; que havia de ver, que estudaria a questão. Apoz alguns dias era abordado por outro dos tres cavalleiros, que lhe fez identica proposta. Depois veiu o terceiro com equal offercimento.

O resultado foi não poderem alcançar o que desejavam, pois que continuaram a ganhar as 16 libras e ficaram de mal uns com os outros.

Modernamente succedem casos analogos em varios ramos da actividade humana. A carne é fraca e o juizo não abunda.

Por mais que os «endireitas» barafustem não ha dar-lhe remedio.



Manuel Botas

Alto, gordo, de suissas quasi brancas, pernas algo arqueadas, arrastando um pouco os pés, chapeu alto ou de côco, ninguem dirá, quando elle passa pela rua do Oiro, cumprimentando

para a direita e para a esquerda, que vae ali um homem, que tem passado metade da sua vida a ser apostrophado com rudeza e descomposto violentamente.

Manuel Botas, que vae fazer 76 annos, e que devia estar reformado, ou, quando muito, no quadro auxiliar, com o ordenado por inteiro, foi toireiro, e hoje é director de corridas, o emprego mais bubonico que se conhece, porque é raro agradar a tantos paladares.

O velho bandarilheiro começou a toirear nos bons tempos em que não havia maximbombos nem bicycletas, duas pragas medonhas, que ameaçam dar cabo das costellas de varios portuguezes, que não podem levar á paciencia que este paiz, que produziu os melhores cavalleiros do mundo, esteja reduzido a macaquear os nababos americanos e as misses diaphanas ou piteireras da nação, que teve a audacia de convidar o almirante Cervera para assistir ás festas commemorativas da destruição da esquadra hespanhola.

A vida accidentadissima de Manuel Botas dava para um romance. Ha annos que dirige corridas, sendo o actual intelligente da praça do Campo Pequeno. Apesar de pôr todo o cuidado no desempenho do seu cargo, tem apanhado mais descomposturas do que contos de réis deixou uma mundana, que durante a sua longa vida capitaneou varios batalhões de gallegas elegantes e de sevilhanas já muito fanadas.

Mas cá fora todos apertam a mão ao Botas, inclusivamente os que mais o increpam, porque a final de contas o Botas é um bom velhote e digno de protecção, porque lhe falta aquillo com que se compram pepinos.



N'outro tempo

Não é raro ouvir-se dizer a sujeitos algo entrados em annos: — «No meu tempo é que eram toiradas. Saia a gente satisfeito do Campo de Sant'Anna».

Não deixam de ter uma boa dóse de razão os sobreditos marmellos. Quem escreve estas linhas assistiu a muitas corridas no Campo de Sant'Anna e ficava quasi sempre tão contente como os americanos depois de fazerem ir pelos ares, ou para o fundo, os navios do almirante Cervera.

Os ganaderos esmeravam-se então, mais do que hoje, no apuramento do gado bravo e apresentavam geralmente curros de primeira ordem. Os artistas tambem contribuiam para que as toiradas fossem boas.

Havia os Robertos, dois bandarilheiros de grande vigor e pericia; os dois Peixinhos, muito sabedores e brilhantes; e mais o João Calabça, o Sancho, o Pontes, o Loureiro e outros, que pareciam com desafogo e arte, e que estavam então na força da vida.

Manejavam a muleta o Roberto da Fonseca e o José Peixinho, e se ambos estes artistas não agradavam tanto com a flammula como as sumidades taurinas do paiz visinho, muleteavam um toiro melhor do que os actuaes bandarilheiros portuguezes.

Em quites aos cavalleiros todos se lembram da forma como eram executados pelos irmãos Robertos.

Finalmente, havia forcados de pulso rijo e perna teza.

Isto não fallando nos amadores: no conde de Vimioso, no marquez de Bellas, no marquez de Castello Melhor, no Diogo, Antonio e Raphael Manique, no Frederico Ferreira Pinto, Manoel Ferreira Pinto Basto, no Ernesto Calleya, no Alexandre Villa Real e outros.



Castanholas

A uma novilhada, que houve no Campo Pequeno, veiu tocar a banda dos bombeiros da Figueira da Foz.

Ora no sector n.º 2 achava-se um homemsinho, algo burriciego, que queria por força que lhe dissessem, que instrumento tocava o bombeiro, que empunhava o estandarte.

Uma alma caridosa esclareceu por fim o cafe dizendo-lhe que o homem do estandarte tocava castanholas com os pés. O homemsinho riu-se e acreditou, e á noite contou á sogra, que havia homens, que tocavam castanholas com os pés. A qual sogra tem por varias vezes tocado a pavana nas costellas do senhor seu genro. Ha quem diga que é por elle não ir muito á bola da respeitavel matrona, que os jornaes ás vezes calunniam, chamando-a virtuosa.



Verdades como punhos

A's vezes os artistas trabalham mal por causa das pessimas condições das rezes, e em certas occasiões estas não cumprem como deveriam por causa da inaptidão dos homens de esporas e de montera.

*

* *

Se é doloroso ver, por exemplo, um toiro receber ferros em toda a parte do corpo, é acabrunhador ver um bom artista defrontrar-se com um cornupeto ordinarissimo, que lhe inutilisa todas as sortes.

*

* *

Em todo o trabalho d'um artista e no jogo d'um toiro pode-se sophismar muita coisa.

*

* *

Se o crítico diz bem dos empregarios, ganaderos e artistas, é um sabio; se diz mal é um analfabeto.

*

* *

Não é raro ouvir-se dizer a um lavrador: o meu curro, se fosse bem aproveitado, daria melhor jogo.

*

Por seu turno alguns artistas usam dizer: se os toiros fossem bons, o meu trabalho sobresairia muito mais.



A ultima corrida de Salvaterra

A' saida d'uma toirada no Campo Pequeno, um velhote e uma velhota, que estavam á espera d'uma typoia, discutiam com vivacidade. Dizia o homemsinho:

— E' como te digo, querida Mimi. Li isso n'um livro muito antigo, do seculo passado.

— E eu que imaginava que a «Ultima corrida de toiros em Salvaterra» era uma verdade verdadeira.

— Engano adorada (?) Mimi. O conde dos Arcos não morreu ás mãos, perdão, ás hastes do fero cornupeto, mas sim espetado pelo arção da sella do seu cavallo.

N'esta altura chegava a typoia, onde os dois se encaixaram regaladamente.

E nós mais nada ouvimos.



Uma piada do Reverte

O mau tempo nem á mão de Deus Padre consentia, que se realisasse a 24.^a e ultima corrida d'aquella epoca. A' terceira transferencia perguntando alguém a Antonio Reverte se os espadas ficariam em Lisboa até o bom tempo se dignar apparecer, o bravo matador respondeu: «Nos quedamos, porque ahora es una cuestion personal entre nosotros y la lluvia.»



Frascuélo e Gayarre

Frascuélo enviou um dia a Gayarre, que se achava em Roma, o seguinte telegramma depois de haver alcançado um verdadeiro triumpho n'uma corrida realisada no circo de Sevilha:

«Sinfonia estupenda. Opera cantada de verdá. Di el dó de pecho».

O grande tenor, que na vespera tambem tinha alcançado uma ruidosa ovação, respondeu com o telegramma seguinte:

«Ganaderia Donizzeti. Plaza gentio immenso. Segundo acto maté recibiendo».



Cavalleiros de malta

N'uma casa de malta da rua da Rosa tem domicilio certo e indiscutivel 11 cavalheiros, que vendem azeite por essas ruas. Na vespera d'uma loteria compraram um bilhete, mas um d'elles, o mais velho, não quiz entrar na pandega. Ficaram os 10 com o bilhete a 600 réis por cabeça. Sae a sorte grande e cabe 1:200.000 réis a cada um. Ao saber isto, o que não quiz entrar no jogo deu por paus e por pedras e ia tendo um chelique. Mas os companheiros não se comoveram nem se cotisaram para dar alguma

coisa ao pobre diabo. Magnanimamente deram-lhe um bilhete de sol para a primeira corrida no Campo Pequeno.

Perfeitamente uns «cavalleiros de malta».

Ora succedeu que o terceiro toiro da corrida saltou a trincheira no sitio onde os dez azeiteiros estavam abancados. Foi uma poeirada medonha. Nem quando o Dias Ferreira tirou 30 p. c. ás incripções succedeu escarceu igual.

Os supraditos «cavalleiros de malta», ao verem o cornupeto ás marradas e ao coice áquella gente toda, começaram a gritar como damnados e atiraram-se d'ali abaixo cegos de raiva e de medo. Sete d'elles partiram as pernas, o 8.º deslocou um braço e rachou a cabeça, o 9.º partiu a canna do nariz e o 10.º espetou uma farpa na barriga.

E o outro, ao presenciar esta scena, commodamente sentado n'um sector do sol, philosophou d'est'arte, exhibindo um sorriso sinistro:

E' muito bem feito. Foi o castigo de não terem feito caso de mim. Agora aguentem-se Quem tudo quer, tudo perde.



Guerrita e Espartero

Em 1894, n'uma das toiradas da feira de Sevilha, Rafael Guerra matou um toiro *recibiendo*.

— Adió, Cotiyare! disse-lhe Espartero, rindo-se.

— Hombre! Cotiyare no; contestou Guerrita, rindo-se tambem — ese fué er que inventó er volapié. Di José Reondo, que é er que resibia.

— E' verdá. Adió, José Reondo, respondeu Manuel Garcia.



O toiro Gordito

No dia 26 de julho de 1869 correram-se no circo do Porto de Santa Maria 6 toiros da afamada ganaderia de D. Juan Lopez Cordero, que foram lidados pelas cuadrillas de Antonio Carmona e Rafael Molina.

O primeiro cornupeto, chamado *Lobito*, tomou 12 varas; o segundo, de nome *Finito*, chegou-se á gente montada nove vezes; o terceiro, conhecido na manada por *Jeguerino*, recebeu oito puyas; o quarto, que dava pela alcunha de *Gato*, arrimou-se dez vezes aos picadores.

Aberta a porta do curro, apparece o quinto, o heroe da tarde, um formoso toiro de pelle negra e de muitissimas libras. Chamava-se *Gordito*, e tomou trinta varas, sendo 9 de Onofre Alvarez, 8 de Antonio Calderon e 13 de Juanesca, dando nos tres picadores bordoadada de cégo, mandando para o guano 18 cavallos e deixando 3 muito mal feridos. Quando se passou ao segundo tercio, apesar de deitar muito sangue pelo morrillo, estava fresco como uma alface. Dir-se-hia, que nada se tinha passado com elle.

O publico, entusiasmado, levanta-se e pede a vida de tão bravo animal, accedendo o presidente immediatamente ao desejo dos espectadores. Sairam os cabrestos, que levaram o *Gordito*, tributando o publico uma delirante ovação ao ganadero, que assistia á corrida n'um camarote.

Difficilmente se encontrará nos annaes taurinos um cornupeto, que inutilisasse 21 cavallos, sendo a sua valentia tanto mais de apreciar quanto foi castigado por picadores de tão pujante braço, como Onofre, Calderon e Juanesca.

A cabeça de *Gordito* foi embalsamada. Possue-a a sr.^a D. Maria del Carmen Lopez y Ramos, neta do famoso ganadero



Por um triz...

Era no Cartaxo. No velho circo tauromachico da antiquissima villa, que produz um summo de uva capaz de fazer perder a cabeça de todos os «endireitas» d'este mundo e do outro e com o qual os francezes fabricam varios typos finos de vinho, realisou-se n'aquelle dia uma toirada, na qual tomou parte o valente e destemido cavalleiro José Bento de Araujo.

O impavido toireiro farpeou com denodo tres ou quatro cornupetos, que pertenciam a um ganadero, cujo nome não vem agora para o caso.

Finda a corrida, o lavrador pediu a José Bento que toireasse, á porta fechada, um cornupeto, que elle queria lançar ás vaccas. O sympathico cavalleiro accedeu do melhor grado e experimentou o tunante. Este, que não era para graças, depois de receber o ferro carregou com uma furia indomita, atirando o cavallo, com estrepito, de encontro ás taboas. O cavallo ficou magoadissimo e José Bento enterrou n'uma das pernas uma lasca enorme de madeira, que lhe produziu um grande ferimento. Conduzido ao

hospital quizeram amputar-lhe a perna, mas José Bento oppoz-se tenazmente a isso. Lá se curou, e um mez depois andava como se nada fosse. Rijo homem!

Se os alveitares do Cartaxo, perdão, os medicos da laboriosa villa levassem a sua por diante, lá andaria o José Bento por essas ruas, de perna de pau. Perdia elle e perdiam os seus amigos e a tauromachia nacional.

PARTE III

VARIETADES

Rafael Molina

Dos tres colossos, que nos modernos tempos elevaram o toireio á maior altura,—Lagartijo, Frascuelo e Guerrita - só resta um, mas esse, infelizmente, já retirado das lides, que lhe proporcionaram innumerados triumphos e um grande caudal de duros.

O primeiro a succumbir foi Salvador Sanchez, esse formidavel matador, que, com o chefe da escola cordoveza, que acaba de desaparecer da scena da vida, empunhou, perto de 30 annos, o sceptro, que fora legado, a um e outro, pelos grandes mestres seus antecessores.

Poucos annos depois do passamento de Frascuelo deixou de existir Lagartijo, que com Salvador Sanchez compartilhou, durante um longo espaço de tempo, das ovações mais frementes, mais sinceras, que se teem tributado a um artista tauromachico.

Mas entre o desaparecimento dos dois famosos diestros, que a doença empolgou, deu-se um facto, que deixou bastante desolados os aficionados. Foi a retirada de Guerrita, na força da vida e quando a tauromachia ainda muito tinha a esperar dos seus recursos inexgotaveis. A falta d'estes tres celebres artistas deixa uma lacuna insubstituivel no toireio moderno.

*

* *

Rafael Molina, o gentilissimo toireiro, o diestro predilecto do publico hespanhol, que impri-

miu um cunho artistico a todas as sortes da tauromachia pela suprema elegancia e naturalidade com que as praticava, falleceu no dia 1 de agosto na sua casa de Cordova, apoz uma prolongada doenca.

Ao seu funeral, que foi imponentissimo, concorreram gentes de todas as classes da sociedade, que assim quizeram prestar homenagem ao eminente toireiro extincto.

*
* *
*

Lagartijo nasceu na cidade dos kalifas em 27 de novembro de 1841. Aos 11 annos figurou pela primeira vez como bandarilheiro n'uma corrida de toiros realisada n'aquella cidade, em setembro de 1852, e durante nove annos bandarilhou em novilhadas, até que, em 8 de setembro de 1861, entrou para a cuadrilla do espada Pepete. No anno immediato passou para a cuadrilla dos irmãos Carmonas, com quem veiu a Portugal. A 15 de agosto do mesmo anno foi colhido em Caceres ao entrar a bandarilhar o terceiro cornupeto da tarde, que pertencia ao ganadero Benjumea. Dias depois, a 24 de setembro, n'uma corrida effectuada em Bujalance, matou quatro toiros de Rafael y Barbero. Seguiu toireando nas praças de segunda ordem, até que, a 13 de setembro de 1863, appareceu na praça de Madrid como bandarilheiro. No 3.º toiro, que pertencia á ganaderia de Miura, e que foi estoqueado por Antonio Carmona, Rafael Molina collocou um par monumental a quiebro.

No anno seguinte, Cuchares, Tato e Gordito foram contractados para a praça de Madrid, fi-

gurando Lagartijo como bandarilheiro na cuadrilla do ultimo d'estes espadas. A 23 de maio apresentou-se como sobresaliente, e a 13 de junho, por cessão de Cuchares, matou o 5.^o toiro da tarde, de Antonio Miura, empregando oito passes naturaes, tres cambiados e dois de peito para uma estocada magistral. A 3 de julho matou o 7.^o e 8.^o toiros, sendo colhido sem consequencias ao tentar dar um recorte ao ultimo.

No mesmo anno bandarilhou ainda vinte e quatro toiros em 18 corridas, e matou em cinco dez animaes, empregando dez estocadas e dois pinchazos.

Finalmente, no dia 15 de outubro de 1865, recebeu Raphael Molina a investidura de matador de toiros das mãos de Caytano Sanz, na praça de Madrid, matando depois de onze passes cingidos e parando muito, com uma boa estocada arrancando, um toiro chamado *Barri-gón*, da ganaderia de D. Gala Ortiz. Em 1866 tomou parte, em Madrid, em 20 corridas, bandarilhando cinco toiros e estoqueando trinta e cinco; a 20 de outubro de 1867, ao fazer um quite, foi colhido sem consequencias; em 1868 toireou em 50 corridas nas provincias; em 1869 trabalhou em 24 certamens taurinos; em 7 de julho coube-lhe terminar com a vida de *Peregrino*, toiro de Vicente Martinez, que inutilisou para sempre o celebre Tato. Em 1870 não trabalhou em Madrid, soffrendo em Cadiz uma colhida ao tentar pôr bandarilhas a quiebro. Em 1871 entrou em 23 corridas e seguiu toireando de 50 a 60 corridas por anno até 1875, em que foi novamente colhido em Saragoça, nas festas del Pilar. E d'ahi até 1 de junho de 1893, em que cortou a coleta, foram innumeradas as corri-

das em que tomou parte e as faenas magistraes, que executou.

*

* *

Rafael Molina foi o toireiro que exerceu por mais tempo a sua profissão, pois desde setembro de 1852 até ao 1.º de junho de 1893 trabalhou durante 40 annos, e d'estes, 28 como matador.

Desde que recebeu a alternativa até que cortou a coleta tomou parte em 1:632 corridas, estoqueando 4:687 cornupetos.

Lagartijo deu a alternativa a Jaqueta, Hermosilla, Cara Ancha, Angel Pastor, Manuel Molina, Luis Mazzantini, Paco Frascuelo e Guerita.

Em 1893, falto já de faculdades e com o peso de 52 annos, retirou-se do toireio, depois de se ter despedido dos publicos de Saragoça, Bilbao, Barcelona, Valencia e Madrid, a 7, 11, 21 e 28 de maio e 1 de junho.

*

* *

Lagartijo era em Cordova a providencia dos pobres. Todos os que batiam á porta da sua luxuosa habitação não se iam embora sem dinheiro ou roupas.

—Não tenho com que pagar a casa este mez. Minha mulher presenteou-me com mais um filho e acho-me sem cinco réis; choramingava um pobre diabo.

E Lagartijo pagava a casa, dava roupas para o recém-nascido e assegurava por bastante tempo a subsistencia d'aquella misera gente.

—Disse-me o medico que, se minha mãe não for passar algum tempo na provincia morrerá ao cair da folha; soluçava um infeliz rapazola.

E o gran kalifa custeava a viagem da mulherita e no seu regresso punha a casa em condições para que a doente passasse um bom inverno.

O famosa Tato, o idolo da aficion quando Lagartijo começava a toirear, ficou inutilizado para os duellos tauromachicos em consequencia d'uma grave colhida, que determinou a amputação da perna direita.

Tato fixou a sua residencia em Sevilha onde viveu muitos annos com o producto das suas economias. Porem um dia acabaram os recursos e a miseria bateu á porta do que fora um toireiro insigne.

Tato recorreu a alguns amigos, porem nenhum d'elles abriu os cordões á bolsa. Mas no dia em que o ex-espada tinha de sair de casa á força, por falta de pagamento da renda, apresentou-se de manhã cedo um cavalheiro desconhecido, que pagou tudo, deixando em cima d'uma meza um masso de notas de banco. Interrogado o mysterioso personagem por Tato, mostrou um telegramma expedido de Cordova, que dizia: «Apresenta-te em casa de Tato, paga todas as suas dividas, e deixa-lhe duas mil pesetas. Enviarei mais. — *Lagartijo*».

De rasgos como este está cheia a vida de Rafael Molina.

Em uma occasião dizia um seu amigo intimo:

— Se se formasse um exercito com os rapazes, que Rafael tem livrado da vida de soldado, poderíamos muito desafogadamente conquistar uma parte do mundo.



Rafael Molina era homem de escassa instrução, porém dispunha d'uma argúcia de primeira ordem e d'uma perspicácia muito grande. Com os seus ditos e phrases engenhosas podia-se formar um livro de muitas paginas.

Em certa occasião perguntou-lhe o antigo ministro Romero Robledo:

— Vamos a ver, Rafael, dize-nos o que é o toireio, porem em poucas palavras, e que se entenda claramente.

Lagartijo poz-se de pé e disse:

— Mu sencillo, don Paco. Aquí se pone osté, allí er toro. Viene er toro, se quita osté...; Que no se quita osté?... Pues le quita á osté er toro.

Esta definição foi acolhida com gargalhadas; mas, pensando n'ella—dizia Romero Robledo—convenci-me de que era absolutamente exacta.

Uma tarde tinha de matar 6 Veraguas em Aranjuez o famosa kalifa. Entre os muitos aficionados, que foram de Madrid assistir á corrida, encontrava-se o então presidente do Congresso, D. Christino Martos.

D. Christino almoçou no hotel Pastor e antes de ir para a praça quiz cumprimentar D. Rafael I. Entrando no quarto onde Lagartijo se estava vestindo, perguntou-lhe:

— Que ha de novo, Rafael?

— Naa, don Cristino. Preparándonos pá *ezo*.

— Tú empeñao en hacerte immortal.

Lagartijo, que não conhecia o significado da palavra, e que acreditou que Martos o animava para a corrida, respondeu:

— Zi zeñó... se hará lo que se pueda.

Em Bilbao, depois d'uma corrida formidavel, Lagartijo foi procurado no hotel por um inglez tão curioso como riquissimo, que lhe pediu uma recordação, fosse o que fosse.

Lagartijo arrancou uma borla do seu trage bordado a oiro e deu-a ao inglez, que, louco de contentamento, apertou effusivamente a mão do maestro, ao mesmo tempo que lhe dava uma nota de 1:000 francos.

Lagartijo, sorrindo-se, perguntou :

— ¿Es usted casao ?

— ¡Oh, si !

— Güeno. Pus con eso le compra usted de mi parte una capota á la madama.

Em Sevilha jogava o dominó com seu irmão João e o antigo bandarilheiro Villaviciosa. N'uma meza proxima tomavam café dois casadinhos de fresco. A rapariga, que era uma belleza de alto lá com ella, estava sentada com a frente para Rafael, que começou a fazer signaes á rapariga, para tactear o terreno.

N'este momento vem um criado avisal-o de que alguns individuos o procuravam.

Rafael Molina respondeu ao criado:

— Diles que cuando estoy cumpliendo con mi obligación, no oigo á nadie.

— No entiendo...

— ¡Que estoy toreando, home, que estoy toreando !

Lagartijo era a antithese de Frascuelo. Calado, alguma coisa timido, philosopho e observador á sua maneira; mas sempre digno, sem commetter incorrecções.

Em seu favor teve sempre as mais prestigiosas pennas taurinas (condição que, sem duvida,

é de herança para a Cordova toireira); porem, quem não commungava na sua egreja era tratado com todo o genero de respeitos.

No *Toreo Comico*, o distincto escriptor tau-rino, Barquero, tratava-o com justo rigor, e uma noite, no Circulo Nacional, deu de cara com Rafael Molina, que ia acompanhado do seu amigo e apoderado D. Fernando Garcia.

— Ora ainda bem, disse Garcia. Aqui tens o sr. Barquero. Este é que é o critico que no *Toreo Comico* te sacode o pello de vez em quando.

Rafael, sério, encolheu os hombros e respondeu:

— Er senó es mu joven, y de chico me atre-via yo con tóo er mundo. De moo que es mu dueño de desí lo que quiera, que yo no me en-fao.

E estendeu a mão a Barquero, que não teve outro remedio senão corresponder á amabilidade do eminente diestro.

Lagartijo e Frascuelo tinham que toirear em Valencia toiros de Pérez de la Concha. Rafael Molina deitou-se cedo, mas Salvador Sanchez recolheu de madrugada. Quando este tratava de se deitar, apparece-lhe o de Cordova, que lhe diz:

— No sabes que pa mañana nos esperan los Conchas?

— ¿Qué van á esperarnos? — respondeu Frascuelo. — El uno está en Madrí y al outro lo ma-taron en la guerra.

— Güeno — acudiu Lagartijo sentenciosamen-te; — pero estos son los herderos.

*
* *

Raphael Molina possuía uma espada, que tinha gravada na folha a seguinte legenda:

«Se, como dizem os philosophos, a gratidão é o tributo das almas nobres, acceita, querido Lagartijo, esta dadiva, conserva-a como deposito sagrado, que symbolisa a recordação das minhas glorias e é ao mesmo tempo um testemunho vivo da minha desgraça.

«Com este estoque matei o meu ultimo toiro chamado *Peregrino*, de D. Vicente Martinez, 4.º da corrida verificada a 7 de junho de 1869, em cujo acto recebi a ferida, que me produziu a amputação da perna direita. Ante os designios da Providencia nada pode a vontade dos homens. — (Tato)».

* * *

Lagartijo veiu por varias vezes a Portugal. Vimol-o em algumas corridas no Campo de Sant'Anna, contractado por Victorino Marques e pelo Antonio da Costa Guerra.

Tambem veiu ao Campo Pequeno uma vez, tomando parte na toirada de 18 de dezembro de 1892. Mas já estava velho e achacado, e pouco ou nada brilhou, elle que tinha sido uma estrella de primeira grandeza no ceu da arte.



Variando . . .

EM BELLAS E CANEÇAS

Na epoca de 1898 faltei a duas corridas no Campo Pequeno, porque n'esses dias fui ao Senhor da Serra e a Caneças.

Uma bella manhã d'um dos ultimos dias do mez de julho d'aquelle anno recebi uma carta perfumada, em que se me dizia, pouco mais ou menos, o seguinte :

«No dia 29 de agosto vou a Bellas e no dia 4 de setembro a Caneças. Quer ir? Se fôr, lá nos encontraremos».

A tal missiva perfumada era d'uma dama, como os leitores terão adivinhado. Uma senhora formosissima, muito aficionada, e que por mais d'uma vez tenho apresentado aos leitores nas minhas chronicas tauromachicas insertas nas *Novidades*.

Será escusado dizer, que accedi ao convite da juvenil mulher. Fui ao Senhor da Serra, onde passei um dia esplendido, e fui a Caneças, onde tive um almoço delicioso e um jantar pantagruelico.

De volta a Lisboa pediu-me com instancia, que publicasse n'este livro alguma coisa sobre Bellas e Caneças. O que faço com o maior prazer.

EM BELLAS

Disseram-me um dia que houve um servente no ministerio das obras publicas, que durante cincoenta annos foi á romaria do Senhor da Serra.

Não tenho ido lá tantas vezes, porque pouco mais conto de 40; porém ha um bom par de annos, que no ultimo domingo de agosto faço o caminho, que vae de Lisboa á outr'ora famosa quinta, propriedade d'um titular illustre e grande amator de toiros, que já foi riscado do numero dos vivos.

Ainda me lembro, com saudade, d'um toiro, vareiro, negro e bem armado, que o marquez de Bellas ali possuia. Fóra da arena era tão manso como o *Playero*, que ha annos vimos no redondel do Campo Pequeno. Era gadiço, comia da mão do marquez e de toda a gente.

Uma vez, porém, na improvisada arena, crescia para o cavallo furiosamente, recebendo, com todas as ganas, seis ou sete farpas, que o marquez, galhardamente, de cara e á estribeira, lhe collocava no amplo morrillo. Depois do curativo voltava á mansidão, e os circumstantes, attonitos, lá tornavam a ver o famoso cornupeto comer da mão do inolvidavel fidalgo. As lagrimas chegavam então aos olhos de matronas respeitaveis e de cavalheiros com dinheiro no monte-pio geral.

*

* *

Morreu o marquez, mas a concorrência continuou todos os annos a ser enorme. Para uns é uma devoção, para outros é um passeio, uma

distracção; mas para o maior numero é motivo para fallar com as namoradas e para dar ás gambias, dançando ao som de guitarras umas polkas sertanejas, que fazem o desespero do Justino Soares, o grande maestro coreographico, que tem ensinado, com uma paciencia benedictina, umas poucas de gerações de costureiritas. Com isto não quero dizer—Deus me defenda de tal indiscrição—que o apreciado dançarino ande perto dos 70.

*

* *

Como toda a gente sabe, a quinta, que annualmente chama milhares de individuos, e pertenceu ao marquez de Bellas, é hoje propriedade do sr. José Borges de Almeida. O seu primitivo possuidor foi o celebre Diogo Lopes Pacheco, um dos assassinos da infeliz D. Ignez de Castro, cuja enorme desventura ainda arranca lagrimas como punhos dos corações sensiveis.

Segundo os calculos de emeritos estatisticos, n'aquelle dia vão a Bellas mais de 15:000 pessoas. A' segunda feira vão os pacatos, os que se presam, os que gostam de menos barulho.

A ida para Bellas começa por volta das 5 da manhã. Vehiculos de toda a especie transportam ranchos de romeiros e dezenas de comboyos vão abarrotados de gente de todas as classes e condições. Uma pandega e um delirio! Mas felizmente a chronica não regista desastre de maior, ou homem morto. Antes assim, para honra da cordura nacional. Alguns callos é que veêm as estrellas ao meio dia. E' encontrão que ferve. A eterna mania de todos quererem ser servidos em primeiro logar.



No adro da igreja da Misericórdia um grupo musical afinou e desafinou em algumas peças do seu repertório. Nem todos são maestros. Tal a opinião, aliaz auctorisadíssima, d'um sujeito, que anda a massar todos os amigos e conhecidos, perguntando-lhes o que são neurones.

O qual sujeito viu-se em calças pardas para poder entrar na quinta. Foi empurrado tão rudemente, que pediu pelo amor de Deus, que não lhe dessem cabo da sua rica fatiota. Uma vez dentro da quinta, fartou-se de comer pão e queijo, um par de peras, um melão, regando tudo com 4 $\frac{1}{2}$ litros do Cartaxo. D'ahi a bocado, aos zigue-zagues, perguntava a toda a gente o que eram neurones. Lá topou com um pingui-nhas, que lhe explicou a coisa, e que estava tão torto como elle: «Hom'essa! Neurones são dois *tachados* como nós».

O homemsinho dos 4 $\frac{1}{2}$ litros fez uma careta, virou as costas ao companheiro e grunhiu: «Arre, diabo, que grande bebedeira tem aquelle selvagem!» E continuou aos bordos pelo meio de toda aquella gente.

O «Zé do Capote», da rua dos Condes, não tinha mãos e pés a medir. Fez um negociarrão em vinho. Dizia horas depois, todo ufano, que ia comprar um predio na Avenida das Picôas. Os outros commerciantes e vendilhões tambem recolheram bastos cobres. «E' justo, que todos façam negocio». Tal o conceituoso dizer do regedor da minha freguezia, que é sapateiro. Perdão: manipulador de botas.

EM CANEÇAS

O dia 4 de setembro de 1898 appareceu fresco e suave como uma noiva, que se dirige aos pés do altar para ligar para sempre os seus destinos aos do eleito do seu coração.

Eram 6 horas da manhã. Famílias de varias classes da sociedade, sobraçando farneis, tomavam a direcção dos campos, aproveitando o fresquinho da manhã. O commendador Anastacio Alfazema tambem aprecia muito o ar matutino. Assevera o conspicuo e alambazado varão, que o ar da manhã faz bem aos pulmões.

Por volta das 9 horas já o sol rutilava alegremente, tirando scintillações das pedras das calçadas e das cupulas de varios edificios monumentaes, que, na opinião do supradito Alfazema, é pena não serem seus. Ha muitos marotinhos que pensam assim.

A'quella hora já era grande o movimento nas ruas d'esta diabolica e cara cidade. Uma parte da população tratava de se pôr ao fresco, e a breve espaço invadia os comboyos e vehiculos, dirigindo-se para Linda a Velha, Oeiras, S. Domingos de Rana, Sacavem, Almada, Villa Franca, Algés, Cintra e Cascaes, afóra outras terras mais miudas e onde o bulicio do mundo não chega.

E ás 2 horas da tarde a cidade parecia um deserto. Quasi tudo tinha abalado. E dizem que não ha massas!

*

* *

Tive immenso desgosto de não poder assistir a qualquer das toiradas levadas a effeito no dis

tricto de Lisboa n'aquelle dia; mas a tal carta perfumada tinha mais poder do que todos os cornupetos e cornupetas d'este mundo e do outro. E já veem vossellencias, que por este motivo não pude ver os toiros do dr. Manuel Duarte Laranja, em Algés; o toireio a cavallo, em Almada, do Diamantino Pontes; e a *morte*, em pleno redondel, d'um toiro macanjo, na praça de Villa Franca de Xira, onde florescem o Tapa... e o Topa.

*
* *

Quando, dois mezes antes, uma angina negrada ia dando, muito amavel, á gentil aficionada, um passaporte para o reino dos ceus (é muito possivel que lá fosse cair por ser muito bonita) ou um passe para o principado de Lucifer (é muito provavel que lá fosse ter por não acreditar nos protestos do meu amor) ella prometteu á Senhora da Atalaya, se a salvasse das garras da morte, uma arroba de cêra. A mãe dos anjos ouviu os rogos da afflicta rapariga e a angina fugiu a pés de cavallo. Ou a rodas de comboyo expresso. E a promessa foi cumprida.

*
* *

A ermida da Senhora da Atalaya fica no ponto mais alto de Montemor, uma aldeiola encantadora, encravada entre montanhas, e dominando a pittoresca povoação de Caneças.

No adro da egreja rapazes e raparigas dançavam, com bravura e enthusiasmo, varios chifarotes populares; os olhos das mães, sentadas nos bancos de pedra, iam-se nos meneios das

moças e dos donzeis; e os homens graves e velhos, conversavam animadamente, dizendo todos á uma, que Montemor depois de Lisboa e Porto é a melhor terra do paiz. Um velhote, de nariz rubicundo, denunciador de fartas libações, contradictou asseverando que a Moita é superior a Montemor.

Cumprida a promessa, e provadas a aguas que são boas como o bom melão, fomos para Caneças, onde nos esperava um succulento jantar. A' meza, onde por tal signal havia umas senhoras elegantissimas, discutiu-se modas entre estas, litteratura entre o Eduardo de Noronha e o dr. Manuel Penteado, emquanto eu, nos intervallos de prato para prato, devorava com o olhar os formosissimos olhos da graciosa e esbelta aficionada, que até hoje ainda não amou ninguem. Um coração de pedra n'um corpo esculptural. Quero crêr.

Como os senhores sabem, pelo menos por o terem ouvido dizer, Caneças é uma bella terra, de magnificas aguas e de ares purissimos.

No estio vae para ali varia gente de Lisboa retemperar as forças perdidas n'este inferno da capital. No anno de 1898 estiveram lá umas carinhas capazes de fazer perder o juizo a um santo.

A respeito de homens havia lá cada ginja, que mettia medo. «Nem todos podem ser bonitos; nem todos podem ser formosos» Tal a opinião, que eu acho muito acceitavel, do commendador Onofre Camello, que é feio como um macaco. O qual Camello, que orça pelos 65 janeiros, diz ás pessoas das suas relações, que no seu tempo foi muito linda pessoa.

O idiota do velho!



A temporada de 1900

NO CAMPO PEQUENO

Magnifica a corrida do dia 8 de julho em festa artistica do laureado e sympathico cavalleiro Manuel Casimiro de Almeida, que teve mais uma occasião de ver quanto é querido e estimado por Capulettos e Montecchios, mercê dos seus altos merecimentos como artista e das suas bellas qualidades como homem. Durante a corrida o distincto cavalleiro foi alvo, por vezes, de calorosas ovações, recebendo no fim da lide do seu segundo toiro muitos e variados presentes dos seus amigos e admiradores.

Casa á cunha. Nem um lugar devoluto. Ao principiar o certamen o vasto circo apresentava um aspecto deslumbrante. Centenares de formosas mulheres ostentavam garridas toilettes, a par e passo que refrescavam os gentis bustos com ventarolas de todos os tamanhos e feitios. Com isto não quero dizer, que alguns homens não se abanicassem com phrenesi, tal era o calor que reinou durante toda a tarde.

Os toiros corridos pertenciam aos abastados ganaderos Emilio Infante da Camara e Estevão de Oliveira. Excepção feita de dois cornupetos, que saíram algo brandós, os dez restantes deixaram em bella situação os pavilhões de Pancas e de Valle de Figueira.

Manuel Casimiro, que ao apparecer no ruedo foi saudado com uma prolongada salva de palmas, rejoneou dois toiros da primeira parte e

um da segunda. O notavel cavalleiro executou uma lide primorosa nos tres cornupetos, que lhe largaram, collocando ferros largos muito bons e ferros curtos soberbos.

Seu filho José Casimiro, que se apresentou vestido á Marialva, defrontou-se com dois chavelhudos dos campos de Pancas. Sereno, impavido, como se já tivesse entradō em mil combates d'aquella ordem, farpeou com aprumo, cravando excellentes ferros largos e curtos. Muito applaudido o joven toireiro.

Os dois espadas, que se apresentaram na festa de Manuel Casimiro, se não são duas notabilidades do toireio, não se pode dizer que sejam dois maletas, como alguns que ahí teem vindo e outros que por mal dos nossos peccados vegetam todo o anno por essa cidade. Nem todos são Guerritas, nem todos são Fuentes. Tal o parecer, que eu acho auctorisadissimo, d'um homem que tem percorrido meio mundo á procura da pedra philosophal.

Os dois hespanhoes, que se apresentaram modestamente e bem postos, trabalharam muito e fizeram por agradar. Na minha opinião, e na de muita gente boa, cumpriram o seu encargo. Bandalilhando e passando de capote e de muleta revelaram habilidade e valentia, demonstrando que não era a primeira vez, que viam pitones a um metro da cara. Uma parte do publico, que ainda não está suggestionada pelos anti-ibericos, applaudiu, com justiça, os dois muchachos. E a que o está não tardará a fazer a justiça devida a quem trabalha com correcção e possui meritos, a despeito de quaesquer campanhas, que são como os fogos de vistas: muito barulho no momento e effeito nenhum; e isto com pistolas e

sem ellas. Nós cá somos pela união iberica no que se relaciona com chicas cariñosas e chicos no redondel.

Theodoro Gonçalves, um peão infatigavel e que maneja os palitroques como um catita, bandarillhou com bravura, desenhou bons capotazos e executou quites vistosos e muito opportunos, sendo um superiorissimo. Bravo pelo da Gollegã! Jorge Cadete, que se achava com dois dedos ainda molestados por causa d'um percalço que soffrera n'aquella mesma praça, collocou dois ou tres pares muito acceitaveis. Francisco Saldanha, que não trabalhou tão bem como das outras vezes, teve no emtanto alguns pares razoaveis. Carlos Gonçalves, a quem pedimos que endireite mais o busto quando vae para a cabeça dos toiros, cravou as bandarilhas com desafogo; e Luiz Homem, um peão baixo e gordo, prendeu uns tres ou quatro pares excellentes, que fizeram arregalar os olhos de muitas pessoas, que não esperavam que o rapaz se saísse tão bem do commettimento.

Os forcados portaram-se com pundonor, executando boas pégas, em cambio de algumas boladas, que felizmente não metteram as costellas dentro d'aquella boa gente. Um d'elles fez uma péga, que lhe rendeu muitas palmas, muitas moedas de cobre e alguns charutos de vintem. O pobre rapaz chorava de commoção, e horas depois, entre a pera e o queijo, bemdizia as almas caridosas, que tinham concorrido para que elle tivesse um jantar mais lauto.

A direcção da corrida, confiada ao velho Manuel Bottas, muito discreta.

Quando um dos hespanhoes estava passando de capote, alguns cafres do sol assobiaram. Uma

mulhersinha scandalisou-se com a assobiadella e disse para o marido: «Isto está tudo perdido, não ha que vêr. O governo acabou com as academias de bilhar, pelo que foram as pobres hespanholas escorraçadas; agora são os jornaes e os vatuas a dizerem mal dos hespanhoes, que por seu turno serão votados ás feras. Por este andar d'aqui a pouco já não veremos o trabalho dos espadas, que é uma coisa que eu aprecio no mais alto grau».

O marido ouviu a perlenga e segredou com os seus botões: «Se soubesses quanto perdi nas academias de bilhar, até tinhas um cheli-que».

Mas a cara, ou barata, metade não ouviu o monologo do homemsinho; senão, ao jantar, ou á ceia, era um sermão, que duraria até altas horas da noite.



No dia 16 de julho lidaram-se na praça da capital só dez toiros para haver tempo para os marroquinos exhibirem um trabalho, que, segundo os dizeres de varias gazetas, agradou muito em algumas terras de França e Hespanha Nada posso dizer, porque não vi o supradito trabalho.

Os dez cornupetos corridos eram propriedade do sr. Correia Branco, de Coruche, que, como de outras vezes, mandou um curro que cumpriu no geral, porque abstraindo umas tres rezes, que saíram brandas, as restantes deram bom jogo. Houve mesmo alguns toiros bravos e nobres.

Manuel Casimiro farpeou o 1.º e o 6.º toiros.

No primeiro, que começou por lhe dar uma recarga formidável, collocou tres ferros largos muito bons; o segundo foi enfeitado pelo sympathico cavalleiro com 6 ferros largos de lei e um ferro curto superior.

Fernando Ricardo Pereira rejoneou o 4.º e o 9.º toiros. Collocou boas farpas e mais lusiria o seu trabalho se os seus cavallos não fossem tão rebeldes.

Os dois diestrinos hespanhoes agradaram incondicionalmente. O publico, tanto do sol como da sombra, applaudiu-os com calor e enthusiasmo. São dois rapazes valentes e sabedores do seu officio. Collocaram excellentes bandarilhas, entrando sempre de frente e saindo com todo o preceito; com o capote executaram boas largas e recortes; e com a muleta — apesar de mestre Boreas assoprar fortemente — tanto Corsito como Chicuelo desenharam bons passes em dois palmos de terreno. Bravo pelos dois muchachos!

Parearam com bravura, collocando bons pares, os nossos bandarilheiros Theodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Francisco Saldanha e Carlos Gonçalves.

O bandarilheiro Luiz Homem não fez a bonita figura de outras vezes. Com as bandarilhas não passou de mediocre e com a muleta ainda coxeou mais.

Os moços de forcado realisaram algumas pegas, dando tambem trambolhões assaz espalhafatosos. Um rapaz da Goltegã fez uma péga de costas archi-superior, que lhe valeu muitas palmas e lhe rendeu bastos cobres. Ha muito tempo que não viamos uma péga tão bem feita. Foi uma péga ideal.

O Manuel Botas dirigiu a corrida sem protestos de ninguém.

Alguem notou que á musica faltava o trombone. E' um caso serio.

*

* *

Acabada a corrida, o cornetim deu signal para sair a *troupe* marroquina, que ia exhibir as suas habilidades.

Assim que os homens appareceram no redondel, o commendador Alfazema, que se sentava junto de mim, tornou se pallido e começou a tremer como uma bonina açoitada por uma nor-tada bravia.

Convidei o Alfazema a sair e dando-lhe o braço levei-o d'ali para fora. No bufete o commendador tomou um copo de genebra, recobrou a côr habitual e pareceu mais socegado. E explicou:

— Meu amigo, quando vejo marroquinos não sei de que terra sou, porque uma vez, em Mar-rakesk, por uma questão insignificante, por causa d'uma marroquina a quem eu queria fazer a côrte, deram-me uma tarefa, que me deixou os ossos n'um feixe. Mas não fallemos mais n'isso. Para variar, e emquanto aquellas almas damnadas estão lá dentro aos tiros, vou-lhe contar tres anedoctas, que me foram narradas pelo distincto engenheiro Jacintho Ignacio Cabral.

· Era em Ponta Delgada, ha um bom par de annos, no tempo dos morgados.

Um dia o morgado André recebeu a visita d'um rendeiro, que lhe ia entregar dinheiro, um conto de réis. O morgado contou a massa, mas faltavam cinco réis. Olhou fitamente para o ho-

mem do campo, declarando-lhe que não passava recibo sem lhe pôr para ali a pequenina moeda. O lapuz saiu e depois d'uma demora de alguns minutos appareceu com os cinco réis. O morgado, então, passou o recibo.

E, como era costume da casa, mandou dar alguma coisa de comer ao homem. A criada trouxe uma garrafa de magnifico vinho, uma pão de trigo enorme, metade d'um queijo colossal e uma grande tigella de marmellada. O Affonso Antonio começou por espetar a faca na marmellada com todas as ganas. Observa-lhe o morgado:

—O' Affonso, faze isso com mais limpeza.

—Deixe estar, morgado, que fica tudo limpo.

E se melhor o disse melhor o fez. Ferrou com aquillo tudo na barriga.

Os cinco réis saíram bem caros ao morgado, que recommendou á criada, que d'ali por diante servisse ao Affonso Antonio só um cangião de vinho branco e metade d'um pão de milho.

*

* *

No escriptorio do morgado. Sentados a uma meza acham-se este e o seu guarda livros, um sujeito de meia idade, bem vestido e muito senhor do seu nariz.

Entra um homem do campo, que vem propôr um negocio ao morgado, que elle não tem a honra de conhecer. O de fóra da cidade estaca ante os dois, e não sabendo qual d'elles é o morgado, dirige-se ao guarda livros nos termos seguintes:

—Sr. morgado, eu desejava, eu...

O André levanta-se e berra para o atarantado pacovio:

—Esse senhor é o meu caixeiro. O morgado é eu!

*

* *

Uma vez o morgado—que tinha occasiões em que não ouvia nada—ia pela rua da Arquinha acima cavalgando uma linda egua. A' janella d'um dos predios achava-se sua irmã, que, ao vel-o, lhe gritou:

—Adeus, mano, como estão as manas Marianna e Francisca?

O André, que imaginou que a irmã lhe perguntava pela saude da egua, respondeu acariciando o pescoço da montada:

—E' muito meigasiinha; custou-me um sacco de patacas.

E todo delambido ficou a olhar para a mana.

A qual mana, quando elle ia a dobrar a esquina, articulou as palavras seguintes:

— Talvez te escreva...

*

* *

Quando o Alfazema chegava a este ponto, ouviu-se novamente o cornetim dando signal para os marroquinos sairem da arena.

Por isso, meus senhores, nada posso dizer a v. ex.^{as} sobre o trabalhinho a polvora secca dos subditos do imperador de Marrocos.



Devem ter ficado satisfeitos com a corrida os distinctos bandarilheiros Theodoro Gonçalves e

Jorge Cadete, que no dia 22 de julho passado realisaram no circo tauromachico da capital a sua festa artistica.

O gado lidado, e que cumpriu no geral, pertencia aos srs. Emilio Infante da Camara, Estevão de Oliveira e Luiz Patricio.

Ao executarem-se as cortezias, Manuel Casimiro foi alvo d'uma ruidosa e espontanea manifestação de sympathia de todo o publico; manifestação que se tornou mais ruidosa ao receber o primeiro ferro das mãos do espada. Se a alguem restasse alguma duvida das innumeradas sympathias que o publico em geral dispensa ao destro cavalleiro, ficaria n'aquelle dia completamente desenganado.

Manuel Casimiro farpeou o 1.º e o 7.º toiros, cravando, tanto n'um como n'outro, magnificas farpas e um curto soberbo no primeiro. De ambas as vezes foi chamado, sendo applaudidissimo por todos os espectadores.

Joaquim Alves continuou a demonstrar as suas bellas faculdades de cavalleiro e de equitador, enfeitando o 3.º e o 10.º com primorosos ferros largos e um curto muito bom.

A José Casimiro destinaram tambem dois toiros, que o juvenil e sympathico cavalleiro rejeoneou com valentia e donaire, recebendo no fim do seu trabalho muitas palmas, não só dos homens, mas de muitas damas, que assistiam ao torneio.

Chicuelo, que tem tomado parte esta época em tres ou quatro corridas, agrada cada vez mais. Está ali o arcaboço d'um grande artista. Trabalhou brilhantemente, o demonico do rapaz! Pareando metteu alguns pares de frente, saindo com toda a guapeza da cabeça dos toiros. Com

o capote foi extraordinario e incansavel, e toirando de muleta arrimou-se o mais possivel ás rezes, tirando bons passes. O publico demonstrou o seu agrado, tributando-lhe por vezes calorosas ovações. Justo. Não ha nada como premiar o merecimento, quer se seja hespanhol quer se seja portuguez.

Theodoro Gonçalves e Jorge Cadete parearam com bravura o ultimo toiro da primeira parte. No 8.º, Theodoro fez uma sorte de gaiola sentado na cadeira, prendendo em seguida alguns pares bons. Cadete, no 9.º, collocou alguns ferros de palmo, tambem bons. Os dois artistas foram applaudidos, recebendo muitos brindes dos seus amigos.

Como o espada Algabeño não pôde vir, em virtude de se achar enfermo, mandou os seus bandarilheiros Rodas e Patatero, dois peões de boa escola. Como se sabe, Patatero fez parte, durante muitos annos, da cuadrilla de Guerrita. Rodas aproveitou um bom par, e Patatero, entrando de frente, deixou no morrillo do cornudo dois grandes pares, d'aquelles que fazem enthusiasmar. Este mesmo artista manejou o capote magistralmente; com a muleta não foi tão feliz.

Silvestre Calabaça e Carlos Gonçalves executaram boas sortes de gaiola. Francisco Saldanha e Luiz Homem conduziram-se regularmente; Guilherme Thadeu não estava com a mascotte. Deixou-a ficar em casa.

Os moços de forcado realisaram quatro pegas, sendo tres de cara e uma de costas; as tres philarmonicas tocaram com afinação, e o director da corrida não descarrilou, como ás vezes succede.



Appareceu com cara de poucos amigos, ou amigas, o dia 4 de junho. Um ventosito impertinente reinou durante o dia, enfunando as calças — quando largas — dos homens, e batendo desalmadamente as plumas dos chapéus de gentis raparigas, que deram o diabo á cardada, jurando pela pelle do terrível Boreas, que as inhibiu, em grande numero, de irem ver as prendas dos toiros do sr. José Fernandes Orvalho, de Alpiarça, que foi quem forneceu n'aquella tarde o curro para a praça do Campo Pequeno.

Ou com receio da ventania, ou com medo de alguma grossa batega de agua, muita gente deixou-se ficar em casa ou preferiu andar por essas ruas a patetar ácerca dos destinos da patria e sobre as consequencias de varias tramoias, que andam em gestação n'alguns clubs de «sol e dó» d'esta zaragateira e sellada cidade. Por este exordio os senhores estão a ver, que a praça da capital não se encheu. Não quero dizer com isto, que estivesse ás moscas, mas tinha menos de meia casa. A corrida, que começou ás 5 horas, mais minuto menos minuto, o que não faz ao caso, teve coisas agradaveis e outras algo desagradaveis, como é da praxe.

O 1.^o toiro, que pisou o chão do redondel, era preto, cornialto, bem posto, bravo e nobre, e que o programma destinava a Manuel Casimiro. Mas este, depois de obtida a devida permissão do presidente, sr. Manuel Bottas, deu a alternativa a João Arnaldo, que foi aguardar a saída da fera, que recebeu na sorte de gaiola um ferro rasoavel. Em seguida João Arnaldo, que es-

tava visivelmente nervoso e commovido, collocou quatro ferros á meia volta, sendo colhido duas vezes sem consequencias de maior. No fim da lide foi chamado e applaudido, recebendo dos seus amigos *bouquets* e ramos de bellas flores.

Recolhido este — o toiro — saiu o 2.^o, negro, listão, de cornamenta larga, e que cumpriu. João Calabaça collocou $\frac{1}{2}$ par trazeiro e cuarteou um par muito accetavel, e Theodoro Gonçalves meteu 3 pares, sendo um superior e dois bons. Lancado de capote pelo espada, foi pegado valentemente de cernelha.

Foi bem bandarilhado por Jorge Cadete e Francisco Saldanha o 3.^o, negro, lombardino, cornialto, cantador e bravo. Cadete cravou tres bons pares e Saldanha dois muito bons e um bom. Dominguin, pegando no percal, refrescou a cara do nobre animal com algumas veronicas, que satisfizeram a assistencia. Boa pega de cara, sendo palmeados os forcados.

Para Carlos Gonçalves e um dos bandarilheiros do espada foi o 4.^o, bravo, negro, lombardo, e aberto de paus, e que recebeu do primeiro um par bom, um rasoavel e um mediano e do hespanhol um par rasoavel. Dominguin, agarrando na flammula, desenhou cinco naturaes, quatro de peito e dois em redondo, soffrendo dois desarmes e uma colada. Boa pega de cara.

Sau manso o 5.^o, preto, lombardo, e que foi destinado a Manuel Casimiro. Procurado denodadamente pelo cavalleiro, entrou uma unica vez em sorte, recebendo um ferro á estribeira. Apesar de bem citado e melhor esperado, não se dignou acudir ao chamamento. O sr. Orvalho deve mandal-o sem perda de tempo para o matadoiro. Se a sociedade protectora dos animaes der li-

cença, porque isto de matar um chavelhudo d'aquella laia é uma barbaridade. Manuel Casimiro foi chamado e appauido pela diligencia que empregou para castigar o seu adversario.

Bem armado, cardeno escuro, salpicado dos quartos trazeiros è bravo era o 6.º, que teve de ajustar contas com o espada Dominguin, que prendeu um grande par a quiebro, $\frac{1}{2}$ par mau, sendo volteado, e um par de frente, bom. Com a flammula tirou sete naturaes e dois de peito, sendo victima d'um desarme e d'uma colada. Entrando os moços de forcado no ruedo. executaram uma valente pega de cara. Palmas.

Depois do intervallo regulamentar, deu entrada no coso o cavalleiro Adelino Raposo, a fim de farpear o 7.º toiro, preto, muito bem parecido e algo vareiro. N'uma recarga formidavel o cornupeto colheu o cavallo, atirando fora o cavalleiro, que depois de se agarrar ás taboas caiu desamparado no solo. Saindo e apparecendo novamente no ruedo, mas com a cilha do cavallo mal apertada, n'outra recarga do toiro a sella resvalou pela garupa do animal, que, sem governo, começou n'uma correria doida á volta da praça, a par e passo que o cavalleiro se estatelava de novo no solo. Cavallo e cavalleiro foram para dentro para se comporem, mas quando Adelino Raposo tornou a apparecer já encontrou o toiro defendendo-se nas taboas, pelo que nada pôde fazer.

Manso como um boi de charrua, e consequentemente de lide difficil, era o 8.º, negro, aberto de pitones e com vóz de barytono. A muito custo chegou-se ao castigo, recebendo de Theodoro Gonçalves um par e de Jorge Cadete outro par.

Recolhido este tunantão, appareceu o 9.º, da

côr da maioria dos seus collegas, com lista, e malhas na bragadura, e que saiu tambem um manso de lei. Bandarilhado pelos peões do espada, um d'elles aproveitou 1 $\frac{1}{2}$ pares e o outro 2 pares. Passado de capote por Dominguin, foi pegado de costas á quarta tentativa. Os tres primeiros forcados foram a terra.

Bravo e voluntario era o 10.^o, que foi farpeado por Manuel Casimiro e Adelino Raposo. O primeiro cravou no morrillo da rez 3 bons rojões e o segundo outros tantos.

Cumpriu o 11.^o, que era preto, listão e gravito. Carlos Gonçalves sangrou-lhe as pendolas com dois pares, sendo um na sorte de gaiola, e Saldanha com $\frac{1}{2}$ par. Capotazos de Dominguin.

Saiu a passo do chiqueiro o 12.^o, que era preto, bem armado, gordo e manso, e que foi bandarilhado por João Calabaca e um dos hespanhoes, os quaes pouco ou nada fizeram.

Resumindo: houve cinco toiros bravos, tres que cumpriram, e quatro que saíram mansos.

Manuel Casimiro rejoneou com arte e valentia os toiros que lhe couberam. Adelino Raposo, que esteve infeliz no seu primeiro, desforrou-se no segundo, collocando alguns rojões com desafogo. João Arnaldo não fez trabalho luzido, attendendo ás razões que acima apontamos.

O espada Dominguin continuou a demonstrar que é de boa escola. E' intelligente, arrima-se aos toiros e é muito trabalhador. Em quites foi muito opportuno, adornando-se por vezes. Os seus bandarilheiros conduziram-se com acerto. Os peões portuguezes diligenciaram agradar, o que conseguiram.

Os forcados portaram-se melhor do que de outras vezes, executando muitas e boas pegas.

A musica afinada e a direcção discreta.



EM ALGÉS

Com cinco toiros do sr. Faustino da Gama e outros tantos do sr. Lobão Rasquilha, de Santa Eulalia, realisou-se a 3o de julho d'este anno, no circo tauromachico de Algés, a festa artistica do estimado cavalleiro Francisco Simões Serra. A casa não estava á cunha, mas achava-se lindamente guarnecida de individuos de ambos os sexos e de todas as edades, desde o garotinho de 10 annos e menos até ao vegete de 70 janeiros e mais.

Dos garraiotos do sr. Lobão Rasquilha tres cumpriram a missão, que foram chamados a desempenhar; os dois restantes não estiveram para grandes fadigas. Dos cornupetos do sr. Faustino da Gama, que se apresentaram bem postos e bem tratados, tres eram bravos e deram bom jogo; os outros dois difficultaram bastante a lide.

Vimos n'aquella tarde pela primeira vez toirrear a cavallo os srs. Alberto O'Neill e D. Nuno Almada, e com franqueza gostamos do trabalho dos dois gentilissimos cavalleiros.

O sr. Alberto O'Neill, que cavalgava soberbamente um esplendido corcel, cravou quatro ferros largos em outras tantas sortes soberbas. O publico, entusiasmado, fez uma ovação calorosa ao sympathico amator.

D. Nuno Almada, um rapaz muito novo e tambem muito sympathico, apresentou-se montando primorosamente um magnifico cavallo. Em va-

rias saídas deixou no cornupeto, que lhe largaram, alguns ferros largos, que lhe valeram uma ovação.

Feitas as honras da casa aos amadores, tratemos dos nossos profissionaes. Em primeiro logar Fernando de Oliveira, que farpeou magistralmente os toiros que lhe destinaram. Pondo em jogo as suas grandes faculdades de equitador e de toireiro, demonstrou mais uma vez que é um mestre na nobre arte de farpear, iniciando e rematando sortes archi-superiores, que levaram ao rubro o entusiasmo da assistencia, que fez ao notavel artista uma prolongada manifestação de agrado.

Joaquim Alves, sempre sereno, sempre correcto, sempre bem montado, farpeou com arte e frescura um dos toiros, collocando excellentes ferros; no segundo nada pôde fazer, porque o animalito não queria cavallo. Naturalmente, estava com appetite mas era a alguns filetes de linguado com molho de ostras.

Francisco Simões Serra, que foi muito applaudido pelo publico, recebendo no intervallo valiosos presentes dos seus amigos e admiradores, rejoneou com bravura e intelligencia os toiros que o programma lhe marcou, adornando o morrillo dos seus antagonistas com bellas farpas.

Pelo que deixamos exarado, a cavallaria portou-se galhardamente. O mesmo não podemos dizer da infantaria portugueza, que, nem a tiro nem á bayoneta calada soube ou quiz escalar aquelle reducto corneo. Um par de Torres Branco, dois de Manuel dos Santos, alguns lances de capote d'este, e dois magnificos pares de Thomaz da Rocha, e mais não disse. E' pouco para uma tarde. O serviço de capotes foi detestavel. Não

houve um unico peão, que soubesse ou quizesse arrancar os toiros das taboas. Uma perfeita e acabada nephelibatice.

Realisaram-se algumas pegas regulares, e a direcção da corrida, confiada ao cavalleiro João Marcellino de Azevedo, digna de elogios.



NO BARREIRO

Pertenciam á companhia das Lezirias os 10 toiros lidados no dia 15 de agosto na praça do Barreiro. Dos quaes cornupetos, que eram deseguaes em corpos, em lenha, e em genio, uns saíram mansos como borregos e outros cumpriram o encargo, que foram chamados a desempenhar no circo barreirense. A casa não se encheu. Tinha—salvo melhor calculo— 55 p. c. da lotação. Da localidade e outras terreolas proximas viam-se muitos bipedes de ambos os sexos; mas quem deu maior contingente foi Lisboa. O que não é de admirar.

O primeiro toiro, que pisou o chão do redondel, e que por nome não perca, era negro, cornialto e bem posto. Offerecida a primeira sorte por Manuel Casimiro ao sr. conde de Mesquitella, o destro cavalleiro foi esperar a accommettida da rez, que na sorte de gaiola foi sangrada com um ferro soberbo. Seguidamente, Manuel Casimiro adornou os rubios do seu antagonista com uma farpa á meia volta, boa; outra á tira, primorosa; e dois curtos, á tira, de alto lá com elles. Applausos. O toiro, que se fartou de barbear as taboas, entrou de vontade com o capote de Theodoro

Gonçalves, que refrescou, com algumas veronicas e navarras, a cara do quadrupede, que proporcionou uma boa péga de costas.

Tambem era preto o 2.^o, cornilargo, que saiu brando. José dos Santos consummou a sorte de gaiola com felicidade, collocando depois um par a cuarteo e $\frac{1}{2}$ a toiro parado. Theodoro Gonçalves aproveitou 1 $\frac{1}{2}$ pares bons e lanceou de capote a aprazimento da parte macha e femea da assistencia. Bôa pega de cara, que rendeu ao forçado muitas palmas e alguns charutos de 20 réis. E' possivel que tambem fossem de cambolhada alguns de 10 réis.

Recolhido este saiu o 3.^o, negro como um tição, gravito e lombardo, e que se apresentou manso como um cordeiro. Carlos Gonçalves fez a sorte de gaiola, mas, perdendo o equilibrio, foi cair junto das taboas, não soffrendo mais do que o susto. Antes assim. O animal, que começou por barbear a trincheira, desandou n'umas correrias de perfeito alienado, e em um dos saltos quiz safar-se por uma portinha, que encontrou aberta, por baixo da «intelligencia», mas não logrou o seu intento, porque mãos possantes o obrigaram a retroceder. Claro, que o bicharoco não deu jogo algum e entrou no curro, a laço, só com um par de bandarilhas. O membro d'uma sociedade de maduros rejubilou com o facto.

Para José Casimiro de Almeida foi o 4.^o, da côr da tinta com que se escreve, e bisco do direito. Como não queria brincadeiras, Carlos Gonçalves despertou-lhe os brios com $\frac{1}{2}$ par. Procurado diligentemente por José Casimiro, recebeu no morrillo cinco ferros largos, bons, e um curto ainda melhor.

Foi destinado a Guilherme Thadeu e Fran-

cisco Saldanha o 5.º, negro, de boas armas, e que saiu como um furacão do toiril. Mas as fúrias passaram-lhe a breve espaço, porque de prompto se tornou manso como as pombas, que se acoitam nas platibandas do theatro normal. Ainda assim foi brindado com um par de Thadeu e 1 1/2 pares, bons, de Saldanha. Viu-se que o toirete não desejava muito voltar para o curro, porque deu que fazer aos homens de pampilho, que por fim lá o encurralaram depois de varias correrias.

Abriu a segunda parte da corrida com um berrendo em preto, rabalvo, que foi farpeado por Manuel Casimiro, que embebeu nas pendolas do malhado quatro ferros largos magníficos. Palmas. O animalejo foi subjugado de cernelha á segunda tentativa.

Berrendo em preto e rabalvo tambem era o 7.º, que largaram a Theodoro Gonçalves, que prendeu no cachaço d'este manso dois pares de sarzillos. O tunantesito saltou uma vez ás taboas, com a idéa, é de presumir, de ir até ás barracas de comes e bebes, que se topavam no largo proximo, mas encontrou todas as saidas fechadas. Por causa da integridade da pelle dos feirantes.

O 3.º cavalleiro da tarde era João Arnaldo, a quem coube o 8.º quadrupede, que cumpriu menos mal a sua obrigação. Sem espalhafatos, João Arnaldo procurou o cornudo, que foi sangrado com tres ferros largos á meia volta, sendo dois bons e um rasoavel, e um curto, bom.

Movimento de attenção, porque apparecem no ruedo dois curiosos, que se propõem bandarilhar, toirear de capote e de muleta, e matar o 9.º toiro. Mas não passaram das bandarilhas, que espetaram sem tom nem som, apanhando em

cambio bordoadada de crear bicho. Em todas as sortes (?) que executaram morderam o pó da arena. Iamos jurar que á noite disseram a quem os não viu, que tinham toireado com todas as regras da arte!

Mas se esta scena, que fez rir a bandeiras despregadas os assistentes, foi engraçada, muito melhor foi a que se deu no 10.^o e ultimo toiro. Quando este appareceu, saltam á arena uns quarenta ou cincoenta cafres, que tratam de bandarilhar, passar de capote com os casacos e de muleta com os lenços a fera, que, investindo para a direita e para a esquerda, dá uma tosa tremebunda n'aquella horda de selvagens, que são agarrados pelas costas, pelos peitos, pelas pernas, atirados ao chão, e arremessados a uma grande distancia. O terror, então, invadiu as fileiras dos menos pimpões, que saltam á trincheira para salvar a pelle. Alguns dos mais afoitos tratam de pegar de cara o cornupeto, que fica completamente coberto pela malta. Ainda se viu brilhar a lamina d'um punhal, mas o boi não morreu ás mãos dos seus algozes, porque a estocada deu em osso, isto é, furou a embolação do pau esquerdo. Mas se o toiro não morreu, ia marchando d'esta para melhor um rapazola, que foi alcançado por um cabresto, que lhe deu uma marrada. . . homérica! O pobre diabo foi levado em braços para fóra e conduzido á pharmacia mais proxima. Evidentemente não se mette n'outra. E d'ahi talvez se metta. Tem-se visto. O endiabrado cabresto tem tres mortes ás costas. Já deu cabo de tres individuos. E ainda o deixam andar á solta pela leziria.



Romão Gomes

Após uma ausencia de dois annos no estrangeiro, regressou no mez de julho d'este anno a Portugal o illustre aficionado Romão Gomes, que todos os amadores de toiros conhecem desde a praça do Campo de Sant'Anna.

Quer em gazetas diarias, quer em jornaes da especialidade, Romão Gomes tem evidenciado os seus profundos conhecimentos tauromachicos. Intelligente e muito lido e sabedor, o distinctissimo aficionado discorre proficientemente sobre assumptos taurinos, sendo a sua conversação muito attrahente e instructiva.

Nas praças do Campo de Sant'Anna e do Campo Pequeno seguia sempre com olhos de vêr o que se executava na arena, applaudindo com enthusiasmo o trabalho dos bons artistas e apostrophando com vigor os maletas e os dilates de espectadores com pouco lume nos miolos.



Joaquim Manuel Picão Fernandes

Estudante do 1.^o anno do curso de agronomia e filho do sr. Amaro José Fernandes, importante lavrador de Elvas, tem tomado parte em varias corridas, como cavalleiro, em companhia de Manuel Casimiro, de quem é amigo dedicado, nas praças de Elvas, Portalegre, Arronches, Santa Eulalia, Niza e outras.

E' um bom equitador, possuindo sempre muito bons cavallos, descendentes de eguas hespanholas e d'um cavallo da raça de Alter real, chamado *Jarro*, propriedade de seu pae. Tambem tem toireado a pé, revelando muita habilidade para os adornos com a muleta. E' muito sereno e muito arrojado.

O anno passado, na praça de Portalegre, com um toiro do lavrador José Antunes, soffreu uma recarga de tres voltas á roda da praça. Salvou-se d'uma colhida certa e perigosa não perdendo o sangue frio e fazendo uma passagem de mão tão rapida, que deixou o toiro sem vontade de perseguil-o. Talvez o cornupeto ficasse admirado de tanta destreza. E' o que foi.



Jornaes tauromachicos

De tempos a tempos apparece um jornal tau-rino, que não chega a fazer a fortuna e a gloria dos seus proprietarios, porque pouco mais vive do que as rosas. Refiro-me ás rosas dos canteiros, porque as outras, as Rosas que por ahi abundam, chegam, na sua maioria, a celebrar as bôdas de prata no José dos Pacatos ou no Retiro do Gungunhana.

Ao cabo de meia duzia de numeros, se tanto, o dono da prenda, que vê a tiragem a diminuir, põe ponto no deboche, acabando com o periodico. Os amadores, indifferentes, encolhem os hombros, porque, se lhes apraz ir todos os domingos aos toiros, não gostam de ler. Aversão á letra redonda.

São muitos os jornaes tauromachicos, que teem visto a luz em Lisboa, mas todos elles morreram em tenra idade. Deficiencia de tratamento, talvez.

A' hora em que isto lerdos, senhores, publica-se n'esta endemoninhada cidade *A Arena*, de que é director o conhecido e apreciado critico João Barata e proprietario o sr. Henrique Pinto de Amaral, um bom aficionado, um typographo distinctissimo e um trabalhador incansavel.

Os meus votos são para que *A Arena* festeje as suas bôdas de prata, se não no José dos Patos ou no Retiro do Gungunhana, pelo menos no Antonio das Caldeiradas.

Ou no Braganza Hotel, se houver dinheiro para tal patuscada.



Praças de toiros

Actualmente existem no paiz as seguintes praças de toiros:

No Minho: Vianna do Castello, Vizella e Braga.

No Douro: Pova de Varzim, Espinho, Mealhada, Figueira da Foz e Villa do Conde.

Na Beira Alta: Lamego.

Na Beira Baixa: Guarda.

Na Extremadura: Lisboa, Algés, Cascaes, Setubal, Moita, Aldeia Gallega, Barreiro, Almada, Alhandra, Villa Franca, Cartaxo, Santarem, Rio Maior, Barquinha, Abrantes, Nazareth, Leiria,

Alcobaça, Caldas da Rainha, Torres Vedras e Azambuja (em construcção).

No Alemtejo: Portalegre, Arronches, Santa Eulalia, Elvas, Evora, Cuba, Azaruja, Villa Viciosa, Arrayolos, Vidigal, e a do Cabeção, que foi inaugurada, no dia 26 de agosto d este anno, por amadores

*

No Porto havia as praças da Bôa Vista e da Serra do Pilar, que foram demolidas ha tres annos. Como se vê, os circos taurinos duram pouco na cidade da Virgem, porque os portuenses apreciam mais os passeios campestres do que os torneios tauromachicos.

*

Ha dois ou tres annos tem sido arrasadas pelo tempo ou pelo incendio as seguintes praças: Chamusca, Torres Novas, Thomar, S. Pedro do Sul, Vouzella, Tondella e Salvaterra.

*

Localidades onde se levantam as praças na occasião das corridas: Coruche, Vizeu, Abiul, Aviz, Galveias e Niza.

*

No Algarve houve ha annos uma praça, a de Olhão, que pouco tempo durou, porque n'esta caiada e piscatoria villa tem em mais apreço as escamas do peixe do que os pitones dos tiros.

*

Fóra do continente temos as seguintes praças:

Na Africa oriental: as de Lourenço Marques e de Ponta Gêa, na Beira.

Na Africa occidental: a de Loanda.

*

Em Angra do Heroismo ha duas praças: a de S. João e a do Espirito Santo. A primeira foi inaugurada em 24 de junho de 1870, e a segunda no dia 3 de maio de 1894.

São profundamente aficionados os habitantes da ilha Terceira, essa pequena e encantadora terra, onde passámos os dias mais ditosos da nossa infancia. Não ha festa nem divertimento, que mais attráia e enthusiasme os terceirenses do que uma corrida de toiros.

Não se sabe com certeza quando principiaram as toiradas; julga-se, porém, que começariam no tempo do dominio castelhano.

Consta, no emtanto, que em 1666 se effectuaram na praça do castello de S. João Baptista tres magnificas corridas para solemnisar o casamento da princeza D. Catharina com Carlos II de Inglaterra.

Por vezes, depois d'isto, verificaram-se na praça da Restauração magnificentes corridas, a que assistiam centenares de habitantes das ilhas vizinhas.



Frascuelo

Registando n'este livro a morte de Lagartijo e a retirada de Rafael Guerra, não podia deixar de mencionar o passamento de Salvador Sanchez, que com aquelles dois formou uma constellação radiosa, que illuminou durante tanto tempo o ceu da arte.

Frascuelo, que falleceu no dia 8 de março de 1898 em Madrid, foi victimado por uma pneumonia, que se declarou no dia primeiro d'aquelle mez, depois de dirigir uma tienta de bezerros e vaccas da ganaderia de D. Esteban Hernandez.

Luctou com a morte, como outr'ora tinha luctado com rezes formidaveis das primeiras ganaderias hespanholas; mas, se venceu então, abateo a seus pés, depois d'uma faena assombrosa de valor e audacia, ferozes cornupetos, coube-lhe agora a vez de se declarar vencido. E elle, o phenomenal e grande matador, que nunca soube o que era medo; que na arena era d'uma severidade extraordinaria para com os seus bandarilheiros; que nas temerosas colhidas que soffreu mostrou sempre o maior sangue frio, chorou quando pela ultima vez se despediu da familia, que tanto estremecia.

*

* *

Não ha aficionado que não conheça a biographia de Frascuelo. Nascido n'uma pequena povoação da provincia de Granada, a 21 de de-

zembro de 1844, dedicou-se desde muito novo ao officio de forrar casas. Mas a tauromachia seduzia-o irresistivelmente, e assim o vemos na epoca de 1862 toirear bois embolados, que eram destinados aos que queriam saltar á praça. No anno immediato, em 8 e 13 de dezembro, appareceu como bandarilheiro da *cuadrilla* de Villaverde, tomando parte nas novilhadas effectuadas em Madrid. Desde 1863 toireou em varias corridas, até que em 27 de outubro de 1867 recebeu a alternativa, que lhe foi dada por Cuchares, na praça de Madrid. Depois de receber a alternativa começou a vestir luxuosamente, montando cavallos de preço, e comprou predios rusticos e urbanos. Em 1 de agosto de 1868 casou-se com D. Manuela Alvarez, filha d'um riquissimo negociante.

Salvador Sanchez, que frequentou os salões da aristocracia e sentou á sua mesa ministros e grandes de Hespanha, entrava a toda a hora no paço real. Podia percorrer todos os aposentos do regio alcaçar. Affonso XII recebia-o a qualquer hora do dia e da noite. Só havia uma excepção n'esta grande intimidade: era quando o monarcha estava presidindo a algum conselho de estado.

Em 12 de maio de 1890 despediu-se do toireio, que tanto tinha engrandecido. N'esta corrida, a que assistiram centenaes de portuguezes, deu a alternativa a Lagartijillo e estoqueou tres cornupetos, que foram bandarilhados primorosamente pelo Guerrita.

*

* * *

Desde que tomou a alternativa até que cortou a coleta, Frascuelo matou, termo medio, em

60 corridas por anno. Durante a sua longa carreira recebeu as ovações mais ruidosas, mas também as apostrophes mais violentas. Os adeptos de Lagartijo não lhe perdoavam o mais pequeno attentado contra a arte. Por seu turno os frasquelistas eram d'um rigor implacavel para com Rafael Molina.

Pela sua temeridade e arrojo inaudito, Frasuelo soffreu muitas colhidas. O seu corpo era um crivo de punhaladas corneas. Em 27 de outubro de 1867, no 1.º toiro da corrida, ao executar um *volapiè* como determina o alcorão taurino, foi enganchado e arrastado até que o fato se rasgou. Levantou-se sereno como se nada fosse com elle e descabellou ao primeiro intento. Em 19 de setembro de 1869 tirou as redeas do cavallo de Calderon do pescoço do 3.º toiro da tarde, que n'ellas havia ficado enlaçado. Em 13 de novembro de 1887, ao lidar um toiro de Antonio Hernandez, recebeu uma ferida profunda na parte esquerda e inferior do ventre, com fractura da 6.^a, 7.^a e 8.^a costellas.

Depois de colhido levantou-se e matou o toiro d'uma estocada!

E ao exhalar o ultimo suspiro, o formidavel artista balbuciou nos arrancos da morte:

— Agora sim; d'esta colhida é que não escapo!

E os milhares de pessoas, que o applaudiram phreneticamente quando elle desdobrava, perante as multidões suggestionadas, os requintes do classicismo taurino levado á maior altura, ao saberem a triste noticia verteram lagrimas de saudade pelo grande matador extinto.



No botequim da Cabeça de Vitella

N'este botequim, situado n'uma das ruas mais concorridas do bairro de Esfollabodes, costumam reunir-se todas as tardes alguns bandarilheiros, que espetam ferros, e varios forcados, que pegam pessimamente, de cara ou de cernelha, os bois, que o intelligente acha dignos d'essa honra.

No dia 17 de agosto d'este anno, por volta das 4 horas da tarde, abancavam a uma das mezas dois capinhas e tres pegadores. Bebiam aguardente de vinho, ou de figo, e passavam em revista as corridas, que se teem effectuado este anno por esse paiz fora.

Depois de pôrem pelas ruas da amargura os collegas, e mais os lavradores e cavalleiros, voltaram as furias contra os criticos tauromachicos.

— E' como lhes digo — berrou o bandarilheiro Athanasio — o critico do *Lagarto*, de Loures, não é mau rapaz, mas é faccioso. Escreve bem d'uns certos e determinados artistas, mas de mim diz sempre mal.

— E' verdade, — acudiu o collega, que por nome não perca — a mim tambem me acontece o mesmo. Apanho cada tarefa, que é uma dôr de alma.

Assim fallavam os dois sobaquilheiros, que nunca souberam pegar n'um capote.

E um dos forcados — que por tal signal é d'uma inaptidão pasmosa — metteu o bedelho na conversa, esclarecendo tão respeitaveis ma

rotos, que o critico do *Lagarto* não sabe nada de toiros, porque não distingue uma pega de cara d'uma pega de cernelha!

Os capinhas, ao ouvirem isto, entreolharam-se, e pensaram de si para si, que o homem estava bebado como um cacho.

N'esta altura entrou no botequim o critico do *Lagarto*, que ia comprar uma estampilha de 25 réis. Assim que o viram levantaram-se todos e correram ao seu encontro.

— Ora viva! saudou o mais velho dos cinco. Aqui está o critico mais intelligente, mais brilhante e mais justiceiro, que existe n'esta terra. Serve-se de alguma coisa?

— Não, muito obrigado. Estou com pressa.

E saiu, depois de apertar as mãos dos homens de montera e de barrete. Assim que o critico do *Lagarto* virou costas, um d'elles expectorou:

— O bom do escrevinhador acreditou o que nós lhe dissemos, e é capaz de, na primeira occasião, dizer bem da gente. Não ha remedio senão tratal-os com toda a amabilidade para sermos poupados.



Toireiros reflões e espectadores endiabrados

São os mesmos em toda a parte. Em toda a parte é um modo de dizer, porque esta raça só se encontra no paiz das castanholas e das pandeiretas e na nação, que nos ha dotado com alguns estadistas, que teem sido — no dizer concetuoso do meu visinho do 4.^o andar—uns ver-

dadeiros cavallos de estado. Felizmente, estes teem sido em numero limitado.

Fóra da praça, tanto os toireiros refileões como os espectadores endiabrados ejaculam varias tolices, e lá dentro, no ruedo, os segundos investem com os assistentes entendidos no assumpto, que lhes notam as asneiras.

Mas deixemos no escuro o que se passa entre nós — porque de todos é sabido, — e vamos ao que tem occorrido alem das fronteiras.

*
* * *

Em Hespanha temos visto os espadas serem assobiados, atirando-lhes á cabeça com projecteis de toda a especie e isto condimentado com uma linguagem digna de regateiras. O proprio Guerrita, a quem se exigia coisas impossiveis, e que só era applaudido quando executava algum lance extraordinario, ouviu por vezes descomposturas, que fariam corar de pejo certas moradoras da rua dos Malmequeres e do becco de Pisaflores. Mas nem elle nem os seus pares tiravam o minimo desforço dos seus detractores. E ai d'elles se fossem por esse caminho, porque então o Zé Pereira caia-lhes em cima e era uma vez um espada. O mesmo já não acontece com alguns toireiros de inferior cathegoria, que são capazes de furar o ventre d'este mundo e do outro.

*
* * *

Era em Hespanha, não me recordo em que praça e em que anno. Trabalhavam Lagartijo e Frascuelo.

Rafael Molina matou o 1.º toiro d'uma forma

aceitavel, o que não impediu que os seus numerosissimos amigos o acclamassem estrondosamente.

O 2.^o toiro, que appareceu no redondel, era um tuñante de marca. Frascuelo procurou-o em todos os pontos da praça, passando-o de muleta á má cara, pinchando ao encontro duas ou tres vezes, com o que o animalejo máis se descompoz, dando-lhe por fim uma estocada andando, dianteira e ladeada.

Ouviram-se poucas palmas e muita gente asobiou. Quando Salvador Sanchez entregou a muleta e o estoque a um dos seus bandarilheiros, chegaram-lhe aos ouvidos algumas palavras descortezes, saídas do sector n.^o 1. Frascuelo respondeu qualquer coisa, dirigindo-se em seguida para a porta dos picadores, a fim de se pôr a salvo da borrasca imminente.

Ao passar por defronte do sector n.^o 10, onde já havia chegado o texto da resposta, que elle dera aos do n.^o 1, estalou a tempestade, e uma grande codêa de pão duro veio bater-lhe na montera.

Salvador Sanchez fez-se livido, olhou para o sitio d'onde saíra a aggressão, e Deus sabe o que aconteceria se não fosse o velho Pablo Herreiz, que aconselhou a Salvador rapidamente:

— Continua a trabalhar e não digas nada.

— Tens razão; mas elles m'as pagarão.

Coube-lhe o 4.^o toiro, que saiu do curral como um raio, varrendo a praça n'um abrir e fechar de olhos. O publico, em massa, applaudiu o ganadero.

No 1.^o tercio o famoso cornupeto deu uma lide soberba, propinando bordoadas de tres em

pipa nas duas cuadrillas e mandando para a enfermaria dois dos picadores.

No 2.^o tercio houve-se com toda a nobreza e bravura, com o branco morrillo tinto de sangue, que lhe corria até ás mãos.

Chegada a hora da morte, Frascuelo tomou nervosamente a espada e a muleta, e ordenou :

— Venha o toiro para defronte do sector n.^o 10 e retire-se toda a gente.

O capote de Pablito levou a rez para o sitio indicado e o grande bandarilheiro quedou-se perto do bicho em attitude de ajudar o matador.

— Tambem tu fóra d'aqui — gritou o valentissimo espada.

Cumprida a ordem, Salvador avançou desde os medios até os tercios do sector n.^o 10, com a muleta na mão esquerda. Alegrou o cornupeto com a voz e endireitou o busto anti-artístico. O toiro fixou a sua attenção n'aquelle homem, que se acercava dando uns passos, tornando a parar, avançando novamente, e detendo-se, emfim, a dois escassos metros da cara da rez.

Esta não avançou, apesar de incitada pelo diestro, que pausadamente começou a abrir os dedos da mão esquerda, deixando cair prega a prega a muleta, que ficou estendida por ultimo ante o assombrado e aplomado animal, que arrancou então como uma panthera nos paroxismos da furia.

Oito ou nove passes foram necessarios a Frascuelo para cuadrar a fera. Realizado isto, perfilou-se, e voltando a cabeça para os seus detractores, perguntou :

— Está por ahi o homem do pão?

— Sim, está aqui! confirmou uma voz um tanto aggressiva.

— Pois guarde vocemecê todas as codeas para outro bicho, porque este toiro não as come, nem me obriga, a mim, a fazer testamento.

E, lançando se sobre o famosó jabonero, que, arquejante, olhava para tanta tranquillidade e audacia, n'um *volapié* immenso, colossal, enterrou o estoque até á empunhadura no morrillo do toiro, que tombou fulminado.

As lanças de agudos ferros transformaram-se em cannas inoffensivas e a ovação foi prolongada e delirante.

O que atirou o bocado de pão á cabeça de Frascuelo applaudiu tambem com todo o enthusiasmo e foi depois um dos frascuelistas mais acerrimos.

*

* *

Se isto acontecesse cá, o homem da codea tinha as tripas ao sol. Ou, pelo menos, um bengalada no bahu onde se geram todos os nossos pensamentos. Bons e maus, está bem de ver.



Dividem-se em tres classes

Creio que foi o auctor dos *Tres Mosqueteiros* que escreveu, que havia tres qualidades de republicanos: republicanos, republicueiros e rublicanistas. Os primeiros são os sinceros, os que se sacrificam pelo seu ideal; os segundos são os que, escorraçados de outros grupos, se acobertam áquella bandeira a ver se pescam al-

guma coisa; os terceiros são os parvos, os que, para se darem ares, proclamam por toda a parte, que commungam nas idéas do sr. Magalhães Lima.

*
* * *

Em arte tambem ha tres qualidades de melros. Sobretudo em tauromachia. Ha o melro n.º 1, que possui a grande aficção, que faz sacrificios de toda a ordem para não faltar a uma diversão taurina, e que, quer em conversação, quer nos periodicos, põe todo o enthusiasmo d'um crente. Estes são os verdadeiros republicanos.

Ha o melro n.º 2, o republicueiro, que assiste ás toiradas por não ter nada que fazer, por não ter outra distracção, e que, de regresso da praça, não falla senão na corrida, achando bom o que foi mau, e dizendo mal do que merece a approvação da critica justa e imparcial.

Ha, finalmente, o melro n.º 3, o republicanista, idiota de tres assobios, que vae aos toiros com o cheiro no escandalo, em algum desastre, e que se ri como um perdido quando um bandarilheiro ou forcado é levado em braços para a enfermaria. De inverno frequenta o Principe Real para se deliciar com as scenas lancinantes de dramalhões furibundos e no estio vae á Moita ou a Almada com a mira n'um trecho de tragedia, para satisfação do seu espirito derrancado.

*
* * *

Isto que digo dos homens pode-se applicar ao sexo fragil. Fragil no pulso, mas fortissimo na lingua. Em as damas se mettendo a fallar de

arte, mormente sobre tauromachia, é de a gente fugir a sete pés. Porque, como sabeis, senhores, não ha nada que bula mais com os nervos do que ouvir uma senhora discretear sobre coisas, de que não percebe. E ha ahi cada doutora, que é capaz de fazer d'um preto um branco. Ou mulato, pelo menos.



Fiem-se nas apparencias

Na villa do Cartaxo é costume, não digo desde a era dos Affonsinhos, mas desde ha muitos annos, dar-se corrida de toiros em 1 de novembro, dia de todos os santos. Mesmo que chova effectua-se a toirada.

Ora n'um anno, em que ainda não havia tunnel da Avenida, correram-se no velho circo doze ou treze toiros do conde da Atalaya. Eram feios, apresentavam poucas carnes e accusavam falta de pello em varias partes do corpo, em consequencia de se coçarem no arvoredado. Toiros de inverno — dirão os aficionados de 3.^a classe, isto é, os republicanistas.

De manhã, na embolação, o publico assim que os viu começou a berrar, a barafustar, que era uma ladroeira, uma pouca vergonha, que não prestavam, que eram mansos, a par e passo que apostrophava ruidosamente o promotor do certamen.

Este, que era o Calhamar Pinto e Silva — mais conhecido pelo Pintasilgo — encolhia os hombros, desdenhoso, e dizia de si para si, mas olhando de soslaio para os homens de varapau, que em

toda a parte são para temer: — «Pois sim, meninos, podem cantar, mas logo vão ver o que são toiros d'uma canna.»

E assim foi. Os do conde da Atalaya deram um jogo superiorissimo, fazendo brilhar alguns dos artistas e mandando para a enfermaria dois ou tres bandarilheiros e quatro moços de forcado.

O proprio Calhamar, ao farpear o segundo toiro, que lhe largaram, foi derrubado do cavallo, partindo um braço.

E á saída diziam os do Cartaxo uns para os outros:

— Mas que bellos animaes, e que lindos olhos de môcho tem o Pintasilgo para escolher toiros!



Pae e filho

Na praça de Santarem — ha um bom par de agostos — corriam-se toiros do conde de Sobral. Os lidadores eram todos amadores, vendo-se entre elles o sr. Joaquim Pedro, cavalheiro abastado de Salvaterra de Magos.

O sr. Joaquim Pedro, que montava um magnifico cavallo de Carlos Relvas, foi para a gaiola, na sua altura, esperar a rez, que, saindo como um furacão, deu uma recarga, colhendo ao de leve a montada. O cavallo, que era muito fino, ao sentir-se molestado começou ás upas. Como estas não tivessem fim, os forcados deliberaram entrar no coso na intenção de pôr termo aos saltos. Mas nenhum d'elles foi capaz de deter o fozoso corcel.

O pae de Joaquim Pedro, que assistia á corri-

da, ao ver a impotencia dos homens de barrete verde, desce á arena, e pondo em jogo a sua grande força e destreza, subjuga por completo o cavallo, que não foi capaz de deitar fora o cavalleiro.

Pae e filho — que se achavam um pouco indifferentes — abraçaram-se effusivamente, reconciliando-se, offerecendo aquelle a este uns botões de brilhantes para camisa.

Mas tão molestado ficou o sr. Joaquim Pedro em virtude dos saltos do cavallo, que esteve oito dias de cama em casa do commerciante sr. José Joaquim Antunes Guimarães, estabelecido na rua de S. Nicolau, d'aquella cidade.



Ha 26 annos

Entre as festas, que se costumam realisar no dia de Corpus Christi em Santarem, conta-se uma corrida de toiros, porque, como é sabido, se os habitantes da antiga Scalabis são tementes a Deus, tambem são muito affeiçãoados ás toiradas.

Ora quando, de madrugada, o gado vinha para a praça, os toiros, não se sabe por que motivo, tresmalharam-se e pozeram-se em debandada.

Os campinos, com grande custo, conseguiram agarrar sete, que foram amarrados em carros de bois, vindo assim para a praça. Aos outros seis não foi possivel pôr-lhes a vista em cima. Como a ganaderia estava perto foram para casa. Naturalmente tinham deixado inconsolaveis nos campos de Almeirim as suas companheiras de

trabalhos e prazeres, e como o ciume afistula não só o coração dos bipedes mas dos quadrupedes, d'ahi a sua fuga desordenada. D'est'arte livraram-se de algumas farpas no cachaço e de algumas facadas no contracto conjugal — como diria o Antonio da Silva Affonso, que é um piadista de marca.



Entrevista com uma senhora

Os senhores presencearam o que foi a temporada de 1900 n'esta cidade, que tem a ventura de possuir dentro dos seus muros uma legião enorme de doidos, que por fas ou por nefas se tem escapado das unhas do sr. dr. Miguel Bombarda e dos seus subordinados.

E tambem toda a gente assistiu á lucta entre as praças de Algés e do Campo Pequeno, as quaes, como os grilos da fabula, trataram de se comer uma á outra. Apezar de serem femeas!

E todos são concordes em affirmar, que nem uma nem outra foi abaixo, ou acima. Antes pelo contrario. O que não admira, porque ambas habitam o mesmo hemispherio, isto é, teem domicilio n'uma terra onde a maioria dos patriotas não estão dispostos a abrir os cordões á bolsa. Foi uma epoca muito tremelicante para ambos os lados.

*
* *
*

Ora como em machos não ha que fiar n'estes tempos bicudos, que vão correndo—em que os artistas, mercê das condescendencias da imprensa, não admittem que lhes dirijam uma facecia

justa — fomos entrevistar uma dama do nosso conhecimento, afim de que ella nos dissesse o que pensava d'este deboche, que invadiu não só os palcos da politica, mas as gambiarras dos theatros e as trincheiras dos redondeis.

E sem mais preambulos :

— O que pensa v. ex.^a da epocha de 1900 ?

— Eu lhe digo. Vi alguns toiros bons e outros maus no Campo Pequeno. O mesmo me aconteceu no circo de Algés.

— E dos artistas o que me diz ?

— A'cerca de cavalleiros, temos alguns muito bons, outros que são acceitaveis, e outros que não valem um nikel de meio tostão. A respeito de bandarilheiros possuímos alguns, que manejam os palitroques como mandam as regras taurinas; outros não passam de sobaquilheiros, com a aggravante, uns e outros, de não saberem pegar no capote e na muleta.

— Senhora, parece-me que não é tanto assim.

— Digo-lhe. e affirmo-lhe--retruca a minha doce entrevistada — que o meu asserto é a expressão da verdade. Quem tem ahi o senhor que saiba dar uma larga, fazer um recorte, tirar uma bôa veronica, executar uma bella navarra e, com a muleta, desenhar passes verdadeiros, parando-se e cingindo-se ?

— Mas, minha formosa dama. . . .

— Cale-se e escute. Um toireiro de terceira ordem em Hespanha, com o percal ou a flamula na mão, vale mais do que todos os bandarilheiros portuguezes juntos.

— Então na sua opinião os hespanhoes são indispensaveis nas corridas em Lisboa ?

— Justamente. No dia em que o elemento hespanhol deixar de collaborar nas nossas toira-

das, está chegada a hora da morte da tauromachia portugueza.

— Que me diz v. ex.^a d'essa intrigalhada, que por ali vae entre aficionados e artistas?

— Digo que é uma coisa ascorosa, e que os culpados são os srs. jornalistas, que a maior parte das vezes elogiam o que não merece uma simples referencia, pondo nos cornos da lua um principiante, que collocou um par de ferros accetivel ou fez um quite rasoavel. No dia em que o jornalista quizer fazer entrar na ordem o incipiente, este, cheio das antecedentes louvaminhas e acirrado pelos amigos — que, na maior parte das vezes bem se podem chamar de Peniche — refilará, levando a mão á faca de Cartouche...

— Segundo a opinião de v. ex.^a...

— Segundo o meu modo de ver, devia fazer-se o seguinte: todo o lavrador, empresario, cavalleiro, bandarilheiro ou forcado, que se portasse menos airosamente, bordoadada em toda a linha. Quando qualquer d'estas entidades se tornasse saliente em ameaças de scenas tragicas, mutismo em todas as gazetas. Nem uma palavra de censura ou de louvor. Fazer-se de conta que tal homem não existe. Veriam como o pimpão apparecia dentro em pouco, todo encolhido, a pedir a benevolencia da imprensa. Os maus costumes tiram-se, meu amigo. E para isso nada ha como a conspiração do silencio.

Ao dizer isto, a juvenil mulher estendeu-me a mão, que beijei respeitosaemente, e sai.

Não deixo aqui exarado o seu nome, para integridade da sua fina e avelludada pelle.

Eram capazes, os sicarios, de a desrespeitar por amor d'esta innocente entrevista.



Um afcionado corajoso

No nosso abençoado paiz — que de vez em quando é brindado com um adicional de 5, 15, e 20 p. c. — existiram e existem toireiros, que fogem dos bois como os ratos se escapam dos gatos. Mas parece-me que aqui nunca aconteceu o que vai ler-se, e que occorreu ha annos na praça de Guadalajara.

Era uma toirada de amadores, um dos quaes figurava de espada. Este, ao dar o primeiro passe, foi perseguido pelo toirete, percebendo logo que não nascera para aquellas danças. O pseudo espada, ao ver as intenções do animal, sentiu-se possuido d'um terror sem limites. Desorientado, começa a dançar o chifarote e a mandar estocadas para o morrillo da rez sem tom nem som. Depois de pinchar treze vezes sem resultado, lá cravou diabolicamente o estoque no animalito, que se foi abaixo. Mas as gargalhadas do publico foram taes, que lhe soaram aos ouvidos como clamores de morte. Perdeu então completamente a tramontana. Voar para a trincheira e fugir por uma porta, que estava aberta, e que dava para o exterior, levou menos tempo do que matar um mosquito ás escuras.

Quando se apanhou fora da praça começou a correr como um damnado, com o terror pintado nos olhos. E assim andou algum tempo, até que, repentinamente, esbarrou com um amigo, que lhe perguntou:

— Aonde vaes?

— Deixa-me, que vem ahi o toiro, ciciou elle estremecendo.

— Mas... qual toiro?

Então o valente olhou para traz, e, não vendo nada, perguntou:

— Pois onde está elle?

— Assado, e esperando que o vamos comer.

— Ah! isso agora é outra coisa. E quem matou aquelle elephante?

(O elephante era um utrero).

— Tu.

— Eu?

E o amigo explicou ao corajoso aficionado o que se tinha passado. Mas este, com medo de alguma troça, saiu n'aquella mesma noite de Guadalajara, onde só voltou passados seis mezes.



Um salto a trascuerno

A scena passa-se em Madrid no começo d'este seculo, que por um pouco está a sumir-se na voragem dos tempos. Questão de dois mezes, pois estamos nos ultimos dias de outubro.

O toireiro Lorenzo Baden era considerado pela policia do celebre Chamorro como um liberal dos quatro costados e como tal era perseguido.

Um dia, n'uma taberna, alguns adeptos do absolutismo trataram de promover uma desordem, para ver se entalavam Lorenzo Baden, que se achava presente. Este, que não era nada pécco, deu grossa pancadaria nos absolutistas, mas escapou de ser catrafilado porque se poz em fuga.

*

* *

Decorreu algum tempo. Um dia annunciou-se uma corrida de beneficencia. Um dos lidadores era Barden, que devia executar o salto de Martincho.

Tinhám acabado de collocar a meza em frente da porta do toiril e o saltador dirigia-se para o seu posto, quando um policia,—muito conhecido em Madrid pelas suas más entranhas e ainda pelos favores que a cara metade fazia a alguns estranhos e a varios conhecidos,—lhe poz a mão no hombro. O toireiro voltou-se rapidamente.

—Faz favor de vir commigo, grunhiu o agente.

—Aonde?

—A um sitio que em breve saberá.

—Mas você não percebe que vou trabalhar?

—O que é que vae fazer?

—Vou dar o salto da cabeça ao rabo.

—Tem você que dar outro salto maior.

—Qual?

—Da cabeça á cadeia.

—Já vou, respondeu Baden, e collocou se em cima da meza. Porém como o obstinado agente queria leval-o á força, sem contemplação para com o publico, o toireiro gritou-lhe furioso:

—Declaro-lhe que tenho de saltar forçosamente, e que, ou dou o salto de cabeça ao rabo, ou...

—Ou?

—O de trascuerno—e, dizendo isto, Baden saltou por cima do sicario de Chamorro, mas de tal maneira, que lhe deu com os pés na cabeça, indo o pobre diabo de ventas ao chão. O publico desatou n'uma gargalhada immensa e

a pepinou com toda a qualidade de vituperios o agente policial, que quando se repoz do abalo já não viu Lorenzo Baden, que tratou logo de se pôr ao fresco a fim de se livrar das garras do seu implacavel perseguidor.



Uma toirada carissima

Todos sabem que Carlos Relvas recebia principescamente os seus amigos no palacete da Gollegã, offerecendo-lhes, entre outras diversões, quasi sempre uma corrida de toiros.

Ora uma vez foram passar alguns dias no *chalet* do eminente equitador e brilhante toireiro duas notabilidades da politica, uma das quaes já passou mais d'uma vez pelas confortaveis cadeiras do poder.

Carlos Relvas, sempre bisarro, sempre grande senhor, cumulou os seus hospedes de finezas, em que elle era prodigo. Certo, que não podia deixar de lhes proporcionar uma diversão taurina.

*

* *

Para o effeito convidou Vicente Roberto, Roberto da Fonseca, José Peixinho e mandou vir de Hespanha um espada com a sua cuadrilla. A praça encheu-se litteralmente á cunha, com gentes da Gollegã, Santarem, Chamusca e outras terras, que gosaram o espectaculo de graça, na fórma do costume.

Carlos Relvas, montando com todo o garbo e pericia um dos seus magnificos cavallo de com-

bate, farpeou com a frescura, a finura e a distincção, que o caracterisavam.

O 2.º toiro, que pertencia á viuva Caldas de Santarem, tinha quatro annos, era boyante e se apresentou desembolado, estava destinado para o holocausto. Foi bandarilhado pelos Robertos, que mais uma vez affirmaram o seu vigor e saber. O quadrupede chegou muito cansado ás mãos do espada por ter sido lanceado de capote atrozmente. O diestro, apoz uns passes de peito e naturaes, mandou-lhe uma estocada de má lei.

Mais alguns passes e o hespanhol acabou, como pôde, com a vida do animalejo, cuja carne foi distribuida no dia seguinte pelos pobres da Gollegã, e cuja linda cabeça, embalsamada, vi annos depois.

E a corrida foi até ao cabo sem incidentes de maior.

*

* * *

Passados dois dias, Carlos Relvas achava-se com um processo ás costas por ter infringido as leis do reino e... as da Sociedade protectora animaes, que deixa, sem protesto, matar a tiro innocentes pombos, que habitam varias propriedades, que se encontram por esse paiz fóra. Para não fallar de outros animaes tambem dignos de commiseração.

*

* * *

Propunha-se deputado pelo governo o marquez de Castello Melhor e pela opposição o sr. Marianno de Carvalho.

Carlos Relvas, para responder ao processo que lhe impendia sobre a cabeça, declarou guer-

ra de morte á candidatura Castello Melhor e principiou a trabalhar de alma e coração pela victoria do candidato opposicionista.

Chega o dia das eleições, e, contra a expectativa de toda a gente, sae eleito o sr. Mariano de Carvalho.

*

* *

Perto de 20 contos custou esta eleição a Carlos Relvas. Entre as verbas de despeza ha uma de 1500000 reis, que foi quanto elle pagou á Companhia dos caminhos de ferro por uma machina, que foi do Entroncamento a Abrantes buscar um votante.

Mas o candidato governamental foi derrotado em toda a linha, e o celebre processo pela morte do toiro nunca foi discutido e julgado. N'este momento deve estar cheio de cabellos brancos como as farripas de alguns antigos amanuenses do ministerio das obras publicas, que teem sido preteridos na promoção por alguns meninos bonitos, vindos de algures.

Mas que connexão tem esta situação dos amanuenses com a corrida da Gollegã, com a morte do cornupeto e com os 20 contos que o inolvidavel cavalleiro gastou, com a habitual galhardia, da sua algibeira?

Não tem nada, e como nada tem, ponto no incidente.



Toiros ilheus

No dia 1 de outubro de 1900 realisou-se em Algés uma toirada com seis rezes da ilha Terceira e quatro do continente. Os promotores do certamen eram os srs. Francisco de Paula Mo-

niz Barreto, Jacome de Bruges (Praia da Victoria) Matheus José da Rosa, Gregorio Carlos Sanches Franco e João Francisco da Costa, distintos aficionados terceirenses, que foram coadjuvados no seu intento pelo esclarecido critico tauromachico Egydio de Almeida.

Dos toiros vindos da terra em cujo castello formidavel enclausuraram ha annos o terrivel chefe vatua, conhecido pelo lindo nome de Gungunhana, tenho a dizer, que se apresentaram falhos de carnes e com pouco morrillo. Exceptuando tres, que cumpriram com brio o seu encargo, os restantes saíram muito brandos, havendo um completamente manso. Sem a viagem a que os sujeitaram, e n'outra epoca do anno, em que os pastos mais abundam, é possível e provavel que dessem outra lide. A proposito vem dizer, que os bois das ilhas, que importamos para consumo, estranham muito o clima, e perdem de peso quando não são immediatamente abatidos.

N'esta corrida estreiou se, nas arenas de Portugal, o bandarilheiro Luiz Machado de Avila, *Canario*. Entrou com o pé direito, agradando sem reservas. É um excellente bandarilheiro, a quem está reservado, por certo, um largo futuro. Naturalmente para a proxima epoca temolo na praça de Lisboa. *Canario*, que tem bem pronunciada a linha de toireiro, pareceu com bravura e desafogo, entrando e saindo da reunião com todo o preceito e graciosidade. O publico, que o recebeu muito bem, applaudiu-o por vezes calorosamente.



Morte d'um espada

Depois das mortes tragicas dos espadas Espartero e Lesaca, que relatei no meu livro *Toi-reiros e Toiradas*, coube agora a vez ao joven e infortunado Domingo del Campo, mais conhecido no mundo tauromachico pelo apodo de Dominguin.

Mas, antes de noticiar o infausto successo, vejamos o que se passou na praça de Bayona no dia 3 de outubro de 1900, n'uma corrida, que fechou a representação, ao ar livre, da opera *Carmen*.

*

* *

No momento proprio, o primeiro Escamillo sumiu-se discretamente e entrou na arena a cuadrilla de Dominguin, em duas filas pintalgadas e arrogantes.

Este primeiro *gran paseo* não foi, para a maioria do publico que enchia o circo, destituído de novidade e grandeza.

Marchava impavido á frente, isolado, o matador; depois, em duas linhas, os bandarilheiros, picadores e monos sabios; por ultimo, entre um estridulo tilintar de guizos, o aparelho destinado a arrastar para fóra da arena os toiros mortos.

O primeiro toiro que appareceu no coso era um animal negro, de armação larga e anca vigorosa. Collocou-se nos medios, sem fazer caso dos capotes, rolando em torno os olhos pasma-

do. As capas continuam a estimulal-o, mas elle, desdenhoso, mal as afasta com as hastes ponteagudas, philosopho e sonhador. A turba asso-bia. Vem então um picador e fere-o de rojão na espadua. Ao contacto do ferro, o animal irrita-se. Dois pares de bandarilhas fixam-se-lhe ao cachaço pelos seus harpões de aço, dilacerando-lhe a pelle. E o nobre animal pula, ruge, esbraveja, tenta em vão sacudir da sua carne essas puas d'onde correm fios de sangue, ao passo que o publico, certo agora de que vae ter uma bella scena de carnagem, grita em delirio:

— *Duro! duro!*

É o momento em que a orchestra rompe com a entrada do *toreador*, e vem ao meio da arena, de muleta e espada, Dominguin. Mas estava escripto que o pobre espada não corresponderia á crua avidez do publico, ás exigencias solemnes da occasião. Parado em frente do toiro, a lamina relampeja um instante no ar e desaparece no coiro fumegante. Mas a estocada, dirigida muito longe, falhou. E o toiro, com o ferro enterrado junto aos rins, até parece que se sente agora melhor que d'antes. Arremette de salto contra o matador, que reclama, nervoso, uma espada. De uma cornada, derriba-o. Elle ergue-se, livido, quer continuar; mas, nova investida do boi torna a lançal-o por terra. E não ha então remedio senão leval-o em braços para fóra da arena, com a jaqueta rasgada e a meia branca manchada de sangue.

Então os da cuadrilla de Dominguin ficam-se a contas com o toiro, passando-lhe as capas pelos olhos, farpeando o, tentando exauril-o a golpes de punhal. Os figurantes da *Carmen*, enojados, pallidos, vão-se safando á formiga. Mas

já Dominguin reapparece, côr de cêra, com o olhar vitreo, os dentes cerrados, coxeando mas dominando a sua dôr, mais do que tudo sentindo a quebra do seu amor-proprio offendido. O toiro, que, dobrados os joelhos, não era já mais do que um farrapo vivo supplicando que o deixassem morrer em paz, mal que o vê ergue-se n'um supremo arranco de colera, e o golpe de morte torna a falhar...

Estabelece-se uma confusão indescriptivel. A turba prorompe em exclamações:

—Fôra! fôra! Basta!

O boi é á pressa arrastado para dentro; e logo outro entra na arena, lesto, vivo, de frente ameaçadora e terrivel. Agora n'este as bandari-lhas, para mais o exasperarem, conteem bombas, que ruidosamente se incendeiam e deflagram, ao contacto da carne, espalhando um cheiro embriagante de polvora, fumo e pello chamuscado. O toiro, furioso, agita se doidamente, escuma sangue, rasga as capas que lhe estendem. A banda dá o signal de morte. Abre-se um silencioso espanto na multidão.

Dominguin vae ter morte certa!

E era, com effeito, o que fazia recear, o aspecto d'este pobre matador, maltratado e coxeando, posto na frente d'um toiro, que ainda não chegara ao terceiro estado. Sem duvida os christãos lançados ás feras, nos antigos circos, deviam ter aquella mesma expressão, aquelle olhar parado, aquelles labios tremulentes, afilados no paroxismo das abnegações supremas.

Repete-se o terrivel duello entre o homem e a fera. Ainda uma vez mais Dominguin é derubado... Levanta-se, e de balde, n'um temerario exaspero, procura attingir no cachaço o toiro,

não conseguindo mais do que arranhar-lhe o focinho. Torna a cair, o ferro salta-lhe longe; é elle o primeiro que cança. E em meio d'um barulho ensurdecador, por entre as vaias e apupos da multidão, teve o animal de morrer cobardemente ás mãos dos *chulos*.

*

* *

Dias depois, no domingo seguinte, Dominguin vae toirear a Barcelona, alternando com Algabeño.

Quando o segundo toiro, que se chamava *Destructor*, saiu da segunda vara, Dominguin avançou para o quite, porem mediu mal o terreno, e, antes de ter tempo para abrir o capote, foi colhido. O toiro enganchou-o por uma das verilhas. O desgraçado artista ficou dobrado sobre a haste esquerda do animal, e caiu, depois, quasi de costas, no chão, enquanto Algabeño afastava o toiro com o capote.

Dominguin quiz levantar-se mas não o conseguiu. Tres monos sabios levaram-o em braços para a enfermaria, onde os medicos procederam ao exame da ferida, e encontraram já o espada em estado melindrosissimo, quasi sem pulso e de aspecto cadaverico.

A hemorragia era abundantissima. Lavada a ferida viu-se que a haste tinha penetrado na verilha, causando uma enorme chaga por onde o sangue saía em borbotões. A arma entrara até á fossa illiaca, sem interessar o peritoneo. Ligada a veia offendida esperou-se alguns minutos, parecendo que se havia interrompido a hemorragia. Foi depois cosida a ferida.

Entretanto Dominguin soltava gritos lancinan-

tes, torturado pelo soffrimento, e beijava dois medalhões de prata, que trazia sempre ao peçoço: um da Virgem del Carmen e outro da Virgem del Pilar.

A instancias da *cuadrilla* de Dominguin foi avisado o parochio da freguezia a qué pertence a praça de toiros para que o moribundo recebesse a Extrema-Unção.

Ao chegar o sacerdote ao leito em que estava Dominguin, este animou-se um pouco, mostrando que dispunha ainda de todas as suas faculdades mentaes, e commungou com o maior fervor. A sua *cuadrilla* e a de Algabeño assistiram á tristissima scena, de joelhos e chorando.

A pedido de Algabeño reuniu uma junta de medicos ás 7 horas da noite, assistindo os drs. Cardenal, Esquerdo, Raventes e Castro. Estes clinicos procederam a um novo exame, abrindo a ferida, e reconheceram que havia esmagamento total d'uma veia e ruptura longitudinal da arteria femural esquerda. A perna estava inerte e fria.

A impressão dos medicos foi desoladora. Mesmo que houvesse uma esperanza de salvação, seria preciso amputar a perna.

A's 8 horas e meia da noite o aspecto da ferida era melhor. Todavia, esses symptomas animadores duraram pouco. Dominguin voltou a dar gritos de dôr, caindo depois em grande prostração. Um dos medicos mandou chamar todos os companheiros do mallogrado diestro, que entraram na enfermaria chorando.

A's dez horas menos um quarto Dominguin teve uma ligeira convulsão e expirou. Entre as pessoas que assistiram aos seus ultimos momentos contam-se o picador Bronze, ferido na cor-

rida anterior, e outro artista que, horas antes, dera entrada na enfermaria, por ter sido atacado d'uma commoção na mesma toirada em que Domingo del Campo encontrou a morte.

O cadaver de Dominguin, vestido com o fato do toireio, foi collocado no centro da capella da praça convertida em camara ardente.

O espada Algabeño não quiz assistir ao soffrimento horrivel do seu desditoso collega. Quando lhe levaram a noticia da morte entrou na capella muito commovido e beijou o cadaver no rosto.

*

* *

Domingo del Campo nasceu em Madrid no dia 12 de abril de 1873. Tinha, pois, 27 annos apenas.

Seus paes destinaram-o ao officio de serralheiro. A aprendizagem foi feita n'uma officina da rua del Pazo, muito proximo do famoso armazem de vinhos chamado *La estufa*, muito frequentado pelo grande Frascuelo. Ali começou Dominguin a vêr e a ouvir os toireiros, e, sem dar por isso, foi-se affeiçoando ás maneiras e aos costumes d'elles. Contava, apenas, quatorze annos de idade.

O pae, prevenido d'essas disposições, mudou-o de officina, collocando-o n'uma serralheria da rua Hernan Cortez. Estava escripto, porém, que o rapaz havia de ouvir fallar, continuamente, de toiros e de toireiros, onde quer que trabalhasse. Era n'essa officina que se faziam as bandarilhas para as corridas semanaes da praça de Madrid. Algumas idas á praça para levar as bandarilhas e algumas corridas a que assistiu acabaram de convencel-o. Domingo del Campo

quize ser toireiro e foi toireiro, fazendo as suas primeiras provas em algumas aldeias dos arredores de Madrid e até em pleno campo, nas lezírias.

Um dia Candido Martinez, Manchito, matador de novilhos, reparou n'elle, viu que o rapaz tinha valor e era audacioso, e contractou-o como bandarilheiro da sua cuadrilla, cedendo-lhe, de quando em quando, um toiro para matar.

Depois de ter toireado na praça de Vallecas, como bandarilheiro, em muitas corridas, realizou o seu sonho doirado: figurar como matador de toiros na praça de Madrid, onde tomou a alternativa n'uma corrida em que toirearam, tambem, pela primeira vez, Léon, Segoviano e Salamancaquino. A partir d'essa data Dominguin teve excellentes contractos como espada., vindo, diversas vezes, a Lisboa.

Domingo del Campo, sem ser uma notabilidade, era um artista de merecimento. Guardadas, naturalmente, as devidas distancias, recordava, por vezes, a *maneira* de Frascuelo. O seu toireio era parado, sério, formal, consciencioso e tranquillo. Podia exigir-se mais d'elle nos diversos tercios da lide. Quando, porém, entrava a matar, poucos podiam egualal-o na bravura exaggerada com que se atirava, por assim dizer, para a cabeça do toiro, no desmedido arrojo com que cumpria o seu dever, sem se importar com a propria vida, tantas vezes arriscada, e finalmente perdida.

A valentia foi sempre o mais saliente distinctivo do pobre Dominguin. No dia em que tomou a alternativa o mallogrado *diestro* esteve infeliz. Chorou como uma creança, metteu-se em casa, envergonhado, e passou a sair só á noite,

consagrando o resto do tempo a pensar na desforra, como pensam os valentes: arriscando a existencia se tanto é necessario.

Chegou o momento. E para maior gloria sua em circumstancias de excepcional brillantismo. Dominguin teve que substituir o famoso Guerrita, na praça de Madrid. E substituiu-o briosamente. Esteve soberbo n'essa tarde. Taes arrosos fez que, se não fosse Juan Molina, o irmão de Lagartijo, não teria saído vivo da praça. Foi este artista que o salvou d'uma morte certa.

Domingo del Campo era um filho exemplar. Adorava sua mãe. uma pobre velhinha a quem entregava todo o producto do seu trabalho e que ficou immersa na dôr mais pungente e mais dilacerante. Foram os pregões dos vendedores de jornaes, annunciando a morte de Dominguin, que deram á desventurada mãe a noticia da tragedia de Barcelona.



Lavradores

O que se lê na primeira parte d'este livro a respeito de lavradores foi colhido *extra-officialmente*, porque suas ex.^{as}, devido aos seus muitos afazeres e a outras causas, são refractarios a dar apontamentos sobre as suas ganaderias. No entanto, tenho de fazer excepção para quatro ganaderos: o sr. Luiz da Gama, que promptamente respondeu ao meu pedido, fornecendo-me largas notas, que o leitor teve occasião de apreciar; e os srs. Estevão de Oliveira, Thomaz Piteira e dr. Manuel Duarte Laranja, que, n'um praso curto, satisfizeram os meus desejos.



Toireiros amadores e aficionados

Todos são concordes em affirmar, que em Portugal ha mais de 200 aficionados e toireiros amadores. Muitos mais até. Mas os que não são apresentados n'este livro sel-o-hão n'outros, que successivamente irei publicando, se alguma doença implacavel não me relaxar ao braço musculoso do coveiro; se alguma cacetada homicida não me turvar a luz da razão, ou algum tiro não me mandar para os Campos Elysios do Alto de S. João. Ou dos Prazeres, se algum coração sensível e amigo pozer á disposição dos meus tristes despojos um compartimento em elegante e solido jazigo.



Algumas anedoctas

O matador Labi toireava em Madrid n'uma corrida de beneficencia, a que assistia a familia real. Depois de lancear um dos cornupetos, arrancou-lhe uma esplendida moña, que elle ostentava arrogante. Subiu com o tropheu á tribuna real, e, dobrando o joelho ante a rainha, offereceu-lh'o por esta fórma:

—A sua real «majestá». Esta es la primera moña, que tiene sua «majestá» el «honó» de «recibi» de mis manos.

*

* *

Toireando uma vez em Bayona, e suppondo que estava sendo alvo da troça de alguns fran-
cezes, exclamou elle, dirigindo-se ao grupo:

—Sabem ustés lo que les digo? Pues que yo me c. . . em «tóos» los extranjeros que hay aqui.

E os francezes metteram a viola no sacco. . . sem ter percebido, aliás.

*

* *

Em outra occasião citava para «receber» um toiro da ganaderia do conego Hidalgo Barquero, mas como o animalito não estava pelos autos, Labi gritou-lhe com voz de baixo profundo:

—Arranca, presbytero de mis peccados!
E o animalejo avançou como um raio.

*

* *

Varios amigos aconselhavam uma vez a Lagartijo, que devia fazer uma excursão pela America, o que lhe daria muita gloria e muito dinheiro.

Rafael Molina sorriu-se, e disse, dirigindo-se a um d'elles:

—No creas tu eso; á mi lo que me cuesta trabajo es moverme de mi casa; pero teniendo que salir una vara fuera de Córdoba, voy yo, no digo á América, sino aunque sea hasta Roma.

*

* *

Quando, ha annos, os infantes D. Francisco de Paula e D. Maria Carlota visitaram Sevilha, effectuou se em honra de suas altezas uma corrida, em que figurava como primeiro espada Lucas Blanco.

Chegado que foi o momento de brindar, Blanco pronunciou as seguintes palavras:

—A mi señor infante don Francisco: va por la de Usia, por la mujer, por la familia de aqui y por la de allá.

Houve cafres que riram como perdidos com a piada de mestre Lucas.

*
* * *

Lagartijo souo uma tarde por todos os poros para acabar com um d'esses toiros, que desejam viver mais alguns annos. A' noite, em sua casa, alguns amigos discutiam a infelicidade do colossal diestro. Arreliado com tão larga discussão, Rafael Molina cortou-a, dizendo:

—Gueno, pues vamos á dejar eso, que el toro ya está muerto «pa sécula sin fin» y yo estoy aqui «sentao», «mu serrano».

Os amigos concordaram e fallaram de outros assumptos.

De contrario era uma má criação.

*
* * *

Um dia, na praça de San Sebastian, um picador soffreu uma tremenda caída, que lhe occasionou a fractura d'um dedo. Tão pouca importancia deu, sem duvida, o picador a este percalço, que o telegramma dirigido á sua familia, dando conta do occorrido, dizia textualmente:

—Sin novedad. Roto dedo gordo mano derecha:

Se isto acontecesse com uma pessoa do nosso conhecimento, era motivo para dizer a toda a gente, que estava... perdido!

Nem todos teem a pelle dura... dos picadores. Porque estes não sentem simples... picaduras.



Uma corrida em Cascaes

O comboyo rapido, que saiu da estação do Caes do Sodré ás 3 horas e 10 minutos do dia 7 de outubro, e que levou ainda centenaes de pessoas de ambos os sexos e de todas as edades para a corrida, chegou á *gare* de Cascaes ás 4 horas em ponto, hora a que começou a diversão taurina. E toda aquella gente lá marchou para S. Gião a pé, porque os cocheiros pediam uma exorbitancia para nos transportar. Por indicação d'um sujeito qualquer, fomos por um caminho, que encurtava a distancia, mas chegados a um certo ponto encontrámo-nos n'uma especie de barranco, com subidas e descidas, enormes pedregulhos e pedra solta, que nos fez vêr Braga por um canudo. Depois de muito trabalho lá conseguimos chegar á praça. Assim que tomámos o nosso logar começa uma chuva impertinente a pôr manchas negras nos fatos claros da maioria dos homens. Felizmente, quando entrou no redondel o 3.^o toiro, já a chuva tinha cessado de cair, e d'ahi até o fim o sol dignou-se acariciar uma parte do ruedo e as caras dos homens e das mulheres, que abancavam nos logares mais baratos.

Casa cheia e alegria em todos os rostos. Na tribuna real, suas magestades el-rei e a rainha, os principes e o sr. infante D. Affonso. Nos camarotes, que estavam todos occupados, e em varios pontos da sombra, todas as senhoras da aristocracia, que estavam passando o verão em

Cascaes. No intervallo de toiro para toiro podemos tomar nota dos nomes das seguintes damas:

Duqueza de Avila, marquezia de Guell, condessas da Guarda e filhas, das Galveias, de Villa-Verde, de Almedina e filha, de Molina, de Avila, de Bobone e filhas, da Anadia, viscondessas de Andaluz e filhas, de Alferrarede, de Santo Thyrso, de Wrem, baronesas do Jardim do Mar e de Hortega, D. Izabel O'Neill, D. Maria The-reza O'Neill de Avillez, D. Fanny Perestrello, D. Margarida Manuel Pinto Coelho, D. Margarida Queiroz Pinto Coelho, D. Maria Rita da França, D. Margarida e D. Maria de Jesus Salema, D. Leonor e D. Eugenia Manuel, D. Emilia Perestrello, D. Maria Perestrello, D. Margarida Mayer, D. Luiza Graça, madame de Alencar, D. Maria Helena Garcez Ferreira Pinto, D. Marianna Salema de Avillez, D. Emilia Arrobas, D. Augusta Castello Branco, D. Bertha Ortigão Ramos, D. Maria José da Costa Pinto, D. Maria Francisca da Costa Lima, D. Josephina Ribeiro da Cunha, D. Fernanda Bettencourt, D. Maria da Guerra Quaresma Vianna e filha, D. Maria de Mello da Costa e Silva, D. Maria do Castello Alves do Rio, D. Beatriz Greenfield, etc.

Correram-se dez toiros do afamado ganadero Estevão de Oliveira, que se apresentaram muito bem tratados e bem postos, dando excellente jogo, havendo alguns bravissimos. O publico fez justiça ao lavrador — que põe os maximos cuidados na sua ganaderia — chamando-o á praça e applaudindo-o.

Antonio Fuentes, o elegantissimo toireiro, actualmente o idolo da afición hespanhola e portugueza, confirmou mais uma vez os seus credi-

ditos de artista consummado. Com as bandari-lhas foi o primoroso pareador de sempre; com o capote teve lances soberbos, e se com a mula não levou o nosso entusiasmo ao rubro, como de outras vezes, desenhou, no emtanto, bons passes, toireando sempre com muita vista e intelligencia. O publico coroou a lide do gracioso diestro com grandes ovações.

Manuel Casimiro, que não vi no primeiro toiro por amor do percalço, que me aconteceu a mim e a outros, farpeou com bravura, segundo me contaram. O segundo toiro foi adornado com bons ferros largos e curtos.

Fernando Ricardo Pereira, que esteve infeliz no primeiro por causa do cavallo, desforrou-se no segundo, no qual collocou alguns ferros largos e um curto bons.

Os bandarilheiros de Fuentes prenderam pares de merito e bregaram com conhecimento de causa; os peões portuguezes, que eram Jorge Cadete, Carlos Gonçalves e Guilherme Thadeu, collocaram muito bons pares e estiveram attentos aos quites; os moços de forcado, que se apresentaram valentes e unidos, fizeram boas pegas de cara e de costas, e a direcção da corrida, confiada ao velho Manuel Botas, acertada.



Real Club Tauromachico

Foi inaugurado em maio de 1892, organisando desde então até hoje soberbas corridas de beneficencia nas praças do Campo Pequeno, Algés e Cascaes.

O Real club tauromachico, que é a unica casa

no seu genero que existe em Portugal, acha-se installado n'um primeiro andar do Chiado, com entrada pela rua Ivens.

A commissão organisadora do Club era composta dos srs. Victorino Froes, Duarte Pinto Coelho, Jorge Rébello da Silva, Ruy Rebello de Andrade, Ayres de Ornellas e Vasconcellos, Manuel Castello Branco, Manuel Figueira Freire da Camara, João Fletcher Junior, D. Simão de Sousa Coutinho, João Ferreira Pinto e Antonio Perestrello de Vasconcellos.

Os seus primeiros corpos gerentes ficaram assim constituídos :

Meza da assembléa geral, presidente Carlos Zeferino Pinto Coelho, vice-presidente Antonio de Abranches Queiroz, 1.º secretario João Fletcher Junior, 2.º secretario Manuel Maria da Silva Bruschy.

Direcção : presidente José Pinheiro, vice-presidente Carlos Pinto Coelho, thesoureiro Augusto Gomes de Araujo, vice thesoureiro Manuel Figueira Freire da Camara, secretario Ayres de Ornellas e Vasconcellos. vice-secretario José Ribeiro da Cunha, vogal Duarte Pinto Coelho.

Supplentes : D. Simão de Sousa Coutinho, José de Siqueira Freire, Francisco Figueira Freire da Camara.

Conselho fiscal : D. Fernando Luiz de Sousa Coutinho, Theodoro Ferreira Pinto Basto, José Augusto Alves do Rio.

Supplentes : D. Miguel Pereira Coutinho e Guilherme Augusto de Almeida.

Conselho technico : Victorino Froes, Antonio de Siqueira Freire, Alfredo Marreca, Salvador da França, Antonio Perestrello de Vasconcellos,

Ruy Rebello de Andrade, João Ferreira Pinto, Emilio Infante da Camara e conde da Guarda.

Supplentes: Reynaldo Ferreira Pinto, Faustino da Gama, Manuel Castello Branco, José Calazans e D. Antonio de Portugal.



Na Beocia

O que vae ler-se succedeu na Beocia, um paiz que vocellencias devem conhecer, pelo menos de tradição. Em Portugal é possível que se tenham dado factos analogos. Porque, cá e lá, ha gentes capazes de todas as villanias.

*

* *

Uma vez a empreza d'uma praça de toiros d'aquella nação presenteou o critico do *Echo das Lezírias* com um bilhete de camarote. Sendo o homem solteiro e tendo logar permanente na barreira do sector n.º 1, mandou o bilhete a uma familia das suas relações. Mas como a tal familia não podia utilizar-se do bilhete n'aquelle dia, porque tinha de sair da capital de manhã, offereceu-o por seu turno a pessoas amigas.

Estas acceitaram; mas, quando se dirigiam para a praça, entenderam por bem vender o bilhete e com o seu producto irem para as hortas. Na Beocia tambem ha José dos Pacatos e quinta da Assumpção.

*

* *

Em outra occasião o supradito revisteiro foi convidado para dirigir uma corrida, em que entravam seis toiros das ilhas Jonias. Accedeu; porém na vespera escreveu uma carta aos promotores da diversão taurina, dizendo-lhes que, não sendo sufficientemente teso para tal commettimento, declinava o honroso encargo. Os membros da commissão acquiesceram e arranjaram facilmente um «intelligente.»

E o critico, muito socegado da sua vida e com a consciencia tranquilla, foi assistir ao torneio, para, no dia seguinte, transmittir aos leitores do *Echo das Lezírias* as impressões recebidas.

*

* *

O critico deu entrada no edificio, e junto do botequim, rodeado de alguns amigos, encontrou um dos emperezarios da praça, que lhe disse :

— Ainda bem que vieste, porque ha minutos appareceu ahi um contractador, com um bilhete de imprensa na mão, e perguntando-lhe alguém quem lh'o vendera, o homem, olhando para todos os lados, e com tregeitos denunciativos de quem não se achava bem, respondeu que tinha sido o critico do *Echo das Lezírias*! Imagine-se a cara do revisteiro e a dos circumstantes.

*

* *

Os quaes circumstantes verberaram a patifaria, emquanto o critico se perdia em conjecturas sobre quem seria o cachorro, que induzira

o contractador a tal proeza. Comtudo, é convicção sua, que algum amigo (?) de Peniche, ou de algures, para o magoar, ou para se vingar de qualquer supposto agravo, abusara do seu nome.

*

* * *

Isto succedeu na Beocia; mas é provavel que em Portugal tenha acontecido o mesmo.



Litteratura tauromachica

Como deveis saber, senhores, a litteratura tauromachica portugueza reduz-se a muito pouco. Só de quatro livros tenho conhecimento: *Tauromachia*, de Zé Jaleco; *Perfis taurinos*, de Egydio de Almeida; *Historia das Toiradas*, de Eduardo de Noronha; e *Toireiros e Toiradas*, do auctor d'este modesto livro.

Como se vê, não é muito para um paiz que conta milhares de affeiçoados ás lides do redondel. Mas felizmente annuncia-se para o primeiro anno do seculo XX a publicação d'um grosso volume, devido á penna investigadora de Antonio Rodovalho Duro, o espirituoso critico taurino do *Seculo*.

O novo livro de Zé Jaleco intitular-se-ha *Encyclopedia tauromachica* e inserirá os retratos e biographias de todos os artistas portuguezes, historia das ganaderias portuguezas, vocabulario taurino e varios artigos respeitantes ao assumpto.



Um amigo de Peniche da tauromachia

Em tempos idos, que já não voltam, só os cavallos eram sellados. E eram-o para as guerras, para os torneios de amor, para as lides do redondel e para ajudarem o homem a angariar a vida.

Hoje, graças ao cyclismo e a varias outras causas, sellam-se poucos cavallos; mas, em compensação, sella-se quasi tudo, e dentro em pouco tempo tambem o carapau e a sardinha hão-de ter a mesma sorte mofina.



Um bello dia o sr. conselheiro Manuel Affonso Espregueira foi chamado aos conselhos da corôa. O presidente de ministros destinou-lhe a pasta da fazenda.

Não cômpe-te ao auctor d'estas ligeiras notas pôr em relevo os meritos ou demeritos do ministro, porque não está isso na sua alçada nem é o seu intento.

Dirá simplesmente—para edificação dos vindouros—que sua ex.^a, na furia de tudo sellar, sobrecarregou as praças de toiros com uma verba importantissima. Assim é, que a praça de toiros da capital paga de decima por cada mez a bagatella de 6807000 réis. Um pau por um olho!



Decididamente o sr. conselheiro Manuel Afonso Espregueira é um amigo de Peniche da tauromachia.



Não teem paes nem filhos

Os toireiros insignes—como os grandes estadistas e os capitães afamados—não teem paes nem filhos. Nascem—como do primeiro Bonaparte escreveu o famoso auctor das *Memorias d'um medico*—no crepusculo da manhã, atravessam d'um a outro lado o horisonte n'uma marcha triumphal e desaparecem no crepusculo da tarde.



Um toiro que falla

Na temporada de 1878, e na corrida effectuada no segundo domingo do mez das flôres em Cordova, com rezes de Miura, tomaram parte como matadores Lagartijo e Chicorro.

Entre os espectadores encontrava-se um jovem medico, que possuia o dom da ventriloquia, e que estava acompanhado de alguns aficionados seus amigos.

Instado por elles, o moço Hypocrates lançou mão, ou o pé, das suas habilidades para fazer

arrelhar o supersticioso Chicorro, que, como membro preclaro da antiga raça zingara, era muito impressionavel, acreditando em bruxas e bruxedos e nos «contos das mil e uma noites».

Chicorro dispunha-se a matar o 4.º cornupeto e estava ancioso para se desferrar da faena de-sastrada empregada no seu primeiro toiro (segundo da corrida). Quando, porem, depois de muleteal-o admiravelmente com passes naturaes, em redondo e de peito, ia entrar a matar, notou-se no diestro certa hesitação e desconfiança, não sabendo o publico a causa.

Lagartijo, que observava que o toiro era nobre, não havendo motivos justificados para tal desconfiança, e reparando que o publico começava a impacientar-se, approximou-se do seu collega e perguntou-lhe:

— Que é isso, José?

— É que este toiro falla!... Acaba de me dizer uma coisa em castelhano puro.

— Estás louco, homem!

— Disse-me—acrescentou o atrapalhado toireiro—que, se não o mato á primeira, com elle me hei-de haver.

Chicorro notou então que o toiro fallava novamente e lhe dizia:

— Não te aconselhes com Lagartijo. Dá uma estocada rapida e certa, que não me faça soffrer muito, porque não te colherei nem te farei mal algum.

Animado com a garantia, que lhe dava o seu adversario, Chicorro entrou a matar com toda a frescura e guapeza, abatendo o cornupeto com uma soberba meia estocada por todo o alto, *rafaelina*, que foi o preludio da ovação mais ruidosa, que alcançou na sua vida toireira.

Chicorro acreditou piamente até á hora da morte, que havia rezes que fallavam — pelo menos o idioma hespanhol — e d'aquelle dia em diante dirigia a palavra aos toiros, que tinha de estoquear, mas, com pezar seu, os animalitos não se dignavam responder ao que elle lhes perguntava.

Quanto ao medico ventriloquo morreu mezes depois n'um lance de caçada. Uma bala, de caçador pouco experiente, cortou-lhe o fio da pandeda existencia.



Torerito

Alguns dias antes de Lagartijo deixar este valle de lagrimas — algumas d'ellas motivadas por fortes libações — foi visitado por Torerito, conhecido tambem pelo nome de Rafael Bejarano.

A certa altura da conversa, Rafael Molina, que se achava no leito, olha fitamente para Torerito e diz-lhe :

— Vae para casa e prepara a maleta, porque dentro em pouco vamos fazer um viagem muito longa.

A celebre phrase de Largentijo seria um sentimento? Constituiria um d'esses phenomenos de *clarividencia* prophetica, de que nós fallam os discipulos de Frederico Klopstock? Quem o sabe! O certo é que Torerito, desde aquelle dia, não saiu mais da cama, e no fim de tres mezes morreu; emprehendeu aquella longa viagem, de que fallava Rafael Molina, e de que não mais se volta. O seu passamento occorreu

nos primeiros dias de novembro d'este anno de 1900, que está a sumir-se na voragem dos tempos.

*
* *

Rafael Bejarano, que contava apenas 40 annos de idade, começou a toirear muito novo, e successivamente fez parte das cuadrillas de Lavi, Bocanegra, Gordito, Frascuelo, Hermosilla, Manuel Molina, e Lagartijo, de quem tomou a alternativa em 29 de setembro de 1889. Era então um bandarilheiro consummado, passando de capote e muleta com valentia e sobriedade. Torerito aprendera a defender-se dos cornupetos, a medir os terrenos, a metter os braços, a cuadrar bem e sair limpo da sorte.

Como espada, porem, não chegou a passar da mediania; nunca foi matador de toiros; não encontrou, como dizem os technicos, o terreno de matar. Succedia-lhe o que acontece a tantos outros, que manejam a muleta como se fosse um capote e a espada como se levassem uma bandarilha na mão! Assim, não se chega jamais a ser matador de primeira cathegoria.

*
* *

Quando Torerito, por ordem superior, abandonou as luctas do coso pela quietação do tumulto, onde as paixões não chegam e a inveja não penetra, toda a imprensa castelhana e lusitana, como era de prever, noticiou o passamento do mallogrado toireiro.

Houve, no emtanto, alguns cafres, que apro-

veitaram a occasião para ferrar o dente em Rafael Guerra, primo do extincto. Deram a entender aquelles sepulchros caiados, como diria Pio ix, que o formidavel diestro cordovez não protegera Torerito como devia. Nunca o colossal toireiro fez monopolio do muito que sabia, porque não só o patenteava perante as multidões, mas junto dos seus collegas, entre os quaes se contava Rafael Bejarano, que alternou centenas de vezes com Guerrita. Que culpa tinha este de que o outro não nascesse com faculdades para estoquear como mandam os canones taurinos?

Apezar de retirado das lides do ruedo, ainda a cafraria vae procurar Guerrita no seu retiro de Cordova para o anavalhar, como ainda não ha muitos annos o apunhalava quando elle tinha o mais pequeno descuido, quando se mostrava um pouco receioso em frente d'um tunantão de marca, que sabia mais physica e chimica do que alguns brutos de dois pés, que por ali vegetam.

Para estes animalejos o completo desprezo ou então um pontapé nos quartos trazeiros. O diabo é se elles, revolvendo-se n'um palmo de terra, nos mandam uma facada ás tripas.



Estocadas y pinchazos

No dia 8 de dezembro fui a casa d'um querido amigo e antigo aficionado — que por tal signal é commendador — tratar da venda d'umas courelas, que possuo lá para as bandas de Condeixa. Encontrei sua ex.^a á mesa do escriptorio, tendo diante de si uma larga folha de papel. Depois da

saudação da tabella e do aperto de mão da praxe, o commendador poz-me diante dos olhos o papel, onde li, com certo espanto, os seguintes nomes: Virginia, Rosa Damasceno, João Rosa, Eduardo Brazão, Augusto Rosa, Lagartijo, Frascuelo, Guerrita, Pascual Millán e D. Luis Carmena y Millán.

— Não percebo nada, disse, entregando-lhe o papel.

O commendador deitou-me uns olhos de carneiro expirante, sorveu uma pitada de simonte, exhibiu um sorriso beatifico, de quem ouve missa todos os domingos e se confessa pela Paschoa da Resurreição, e esclareceu:

— Por que me tenho regalado com o trabalho dos cinco primeiros no palco; com as faenas dos tres immediatos nas arenas, e com os escriptos dos dois ultimos nos campos salutareos da litteratura, entendi dever exarar os seus nomes gloriosos n'este papel, que guardo religiosamente e leio todos os dias com tanto prazer como se fosse missiva perfumada de mulher muito amada.

Eu nada respondi, porque fiquei algo assarapantado com a explicação de sua ex.^a Bruscamente, o commendador perguntou-me se eu já tinha lido *Estocadas y pinchazos*. Disse-lhe que não, mas que ia tratar de arranjar o livro. E sai da casa da rua de Buenos Ayres com a idéa fixa no ultimo nome inscripto no papel.

*

* * *

Quando, horas depois, cheguei ao meu domicilio, encontrei sobre a minha tosca mesa de trabalho um livro e uma carta captivante de Segis-

mundo Costa, em que o meu dilecto amigo e distincto aficionado me offerecia da parte do pujante publicista madrileno a obra acabada de publicar por elle e intitulada *Estocadas y pinchazos*. Rejubilei e comecei a abrir as folhas com carinhoso cuidado, como se estivesse manuseando as cartas de alguma pessoa querida.

*

* *

Não ha nada que eu saboreie com mais prazer do que os lances culminantes d'um drama de auctor reputado; as faenas elegantissimas de diestro insigne e as paginas bem architectadas de escriptor consagrado.

E foi por isso, que li com todo o recolhimento e devoção a prosa suggestiva das *Estocadas y pinchazos*, onde encontrei coisas novas, interessantissimas, narradas com a fina graça e o bom humor, que fazem do illustre escriptor um dos primeiros homens de letras do seu paiz.

Esripto n'um estylo primoroso, o volume lê-se desde o principio ao fim com o mais vivo interesse e com um sorriso de sympathia pelo seu auctor.

O sr. D. Luis Carmena y Millán, que é tambem um bibliographo e bibliophilo de grande valor, e um critico musical abalisado, põe na sua derradeira producção todo o enthusiasmo d'um crente e todo o saber d'um professional.

O recente trabalho do brilhante escriptor tau-rino contém artigos doutrinarios e de polemica, lindas poesias e engraçadissimos epigrammas, que assentam á maravilha na cabeça de certas individualidades toireiras.

Diz duras verdades aos anacletos e maletas, aos impugnadores das corridas — porque os touros não teem culpa das desgraças da patria —, censura acrememente os que são revisteiros a par e passo que estão investidos no cargo de apoderados de certos diestros, mas tudo isto serenamente e de tal modo, que os proprios visados serão os primeiros a sorrir-se e a achar-lhe razão.

*

* *

Para fechar esta ligeira apreciação do livro do sr. D. Luis Carmena y Millán, peço venia ao dêstro escriptor para reproduzir aqui a seguinte poesia dedicada aos espadas em serviço activo.

De Luis Mazzantini escreve :

Fué muy corto en torear ;
 mas arrancando á matar
 valiente y habilidoso,
 logró en la lidia alcanzar
 com justicia un puesto honroso
 Hoy el peligro rechaza
 y no quiere hacer envites ;
 pero asegura su baza,
tapándose con los quites
 y la dirección de plaza.

Antonio Fuentes apanha este puxão de orelhas :

Fuentes sabe torear ;
 pero empuñando el acero,
 no pasa de regular ;
 es un buen bandarillero . . .
 y pare usted de contar.

A Bombita serve estes dois rebuçados de ovos moles :

Em 1896

Bombita busca la *guita*,
tiene amor propio y *aprieta* ;
llegará pronto á la meta
si no se tuerce Bombita.

Em 1900

Dióle un Miura una cornada
que le parecieron dos ;
y después de esta jornada
tan triste y tan desdichada,
no se arrima *ni pa Dios*.

A Conejito atira este piparote :

Está bravo ante las reses
y es un pálido reflejo
de los maestros cordobeses.
Presumo que este *Conejo*
se va á llevar los *parneses*,

O Algabeño ouve esta musica celestial :

Vino con mucha fachada
y entusiasmó á la afición ;
pero luego, oh decepción !
se ha visto que *no trae* nada.

Aos restantes applica esta vara de castigo:

Diré, por no ser prolijo,
que me quedo sin ninguno ;
y si he de elegir alguno,
es el nuevo Lagartijo.



Se isto fosse escripto n'esta cidade de marmore de Alcantara e de granito de Evora, era uma poeirada medonha. Não direi que caissem o Carmo e a Trindade, porque são de pedra e cal, mas é possível que tombasse o desgraçado, que ousasse tocar nas pessoas inviolaveis e intangiveis dos artistas portuguezes.

E' por estas e outras, que o commendador Alfazema costuma dizer amiudadas vezes :

— Portugal, n'outro tempo, era o primeiro paiz do mundo ; actualmente é o ultimo.

E se lhe retorquirem que a Turquia está peor do que nós, o commendador exalta-se e berra :

— Pois sim ; mas se em Constantinopla ha odaliscas, em Lisboa abundam os odaliscos.



Pascual Millán

No dia 25 de dezembro de 1900, por volta das 4 horas da tarde, fui, como de costume todos os annos, dar as boas festas á graciosa e encantadora aficionada, que as pessoas que me leem tão bem conhecem, e com a qual semanas antes eu tivera uma conversação acerca da epoca tauromachica passada, conversação que se lê n'outro logar d'este livro.

A juvenil senhora tinha sobre os joelhos o ultimo numero do *Sol y Sombra* e parecia meditar. Sentindo os meus passos endireitou o busto,

e, com um sorriso entre alegre e melancólico, designou-me uma cadeira próxima da sua.

Dadas mutuamente as boas festas, entablámos o dialogo seguinte :

— Já viu o ultimo numero do *Sol y Sombra*? perguntou.

— Recebi-o ha dias, mas ainda não tive occasião de o ler.

— Pois eu já o li e achei-o delicioso. Bellas gravuras, nitidos retratos, e um artigo magistral de Pascual Millán, em que o severo e inimitavel critico faz a historia do toireio n'este seculo, que está por poucos dias, e que foi tão abundante em acontecimentos mirabolantes.

— Effectivamente — interrompi — o Pascual Millán é um evangelho em assumptos do ruedo.

— Um grande artista da palavra escripta e um critico insigne. O seu estylo é quente, communicativo, instructivo.

— E brilhante e convincente.

— Justamente. Já li o artigo tres vezes e não me canço de o reler.

— Se v. ex.^a não se fatigasse, agradecia-lhe immenso se o lesse em voz alta.

E a formosa mulher, acquiescendo ao meu pedido, abriu a esplendida revista taurina, e começou a leitura com todo o enthusiasmo. Quando chegou á parte que se refere a Rafael Guerra, estacou, os olhos tomaram uma expressão singular, e lentamente, gravemente, com toda a devoção, como se estivesse percorrendo com a vista um precioso relicario, leu as linhas que o distinctissimo escriptor tauromachico dedicou ao maior toireiro, que tem apparecido nos cosos da peninsula.

Acabada a leitura, a interessante mulher calou-se e ficou pensativa.

Depois d'um curto silencio, inquiri :

— Naturalmente, está v. ex.^a pensando nas verdades, que esse magnifico artigo encerra ?

— Estou, ao mesmo tempo que pergunto a mim mesma porque é que um astro de tal grandeza, como o Lucano da Cordova moderna, se eclipsou antes de tempo, quando ainda se achava no goso de todas as suas potentes faculdades.

E a deliciosa creatura, ao dizer isto, ficou pensativa, um quasi nada pallida e com as commissuras dos labios a tremerem-lhe imperceptivelmente . . .



O reinado dos maletas

No dia em que Guerrita cortou a coleta, recebeu, entre outros telegrammas, o seguinte, firmado pelo illustre escriptor D. Luis Carmena y Millán :

Os meus parabens, a ti e á tua Dolores. Começa hoje o reinado dos *maletas*.

E foi tambem n'aquelle dia, que *las serpientes de tendido y las fieras de redacion* — como costumava dizer Rafael Guerra — principiaram a fazer a justiça devida ao incomparavel toireiro, que não deixou successor . . . artistico.



A praça do Campo Pequeno

No dia 29 de dezembro de 1900 — em que isto escrevo — ainda os povos não sabiam o nome do empresario na temporada de 1901.

Mas os senhores pouco viverão se não souberem dentro de curto praso qual é o piloto, que vae arrostar com tamanhos vendavaes.

Eu não, com toda a certeza. Ainda que tivesse muito d'aquillo com que se arranjam circulos eleitoraes e outras coisas, que, se enchem o olho da alma custam os olhos da cara, não era o filho de meu pae, que ia pilotar aquella colossal embarcação de pedra e ferro.

No emtanto, seja quem fôr o predestinado — ou saia da rua do Oiro ou da rua Nova do Almada — desejo-lhe de todo o coração mil e uma prosperidades, e que seja mais feliz do que o seu collega, que fechou o seculo das luzes. O qual seculo abundou tambem em grossas e variadas patifarias.



MANUEL GOMES, EDITOR

61, RUA GARRETT (CHIADO) — LISBOA

LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

Extracto do catalogo

ANTONIO FERREIRA BARROS

(José Pampilho)

Toireiros e toiradas, 1 vol. com 12 retratos de artistas portuguezes e hespanhoes..... \$600

EM PREPARAÇÃO :

Diccionario taumachico, 1 grosso vol. historico, biographico, critico, technico, etc.

VISCONDE DE CONDEIXA

O Mosteiro da Batalha, 1 vol. gr. in-folio, illustrado com 26 heliogravuras..... 13\$500

LUIZ OSORIO

Espirito Gentil, 1 vol. de versos..... \$600

HUGENIO DE CASTRO

Sylva, 1 vol. de versos, com retrato..... \$800

CLAUDIA DE CAMPOS

Rindo, 1 vol. de contos..... \$700

Mulheres, ensaios, 1 vol..... \$700

Sphinge, 1 vol..... \$700

ALBERTO BRAGA

Contos escolhidos, illustrados por Casanova, brochado..... \$800

Cartonado..... 1\$000

MACEDO PAPANÇA

(Conde de Monsaraz)

Poesias, O ultimo romantico — Paginas soltas..... 1\$000

Catharina d' Athayde, telas historicas, 1 vol..... 1\$000

GI

A fada tentadora, lindissimo livro para creanças, illustrado por M. San Romão, brochado 700 rs. Cartonado..... \$900

CONDE DE SABUGOSA E BERNARDO PINDELLA

De braço dado, contos, illustrados, brochado 800 rs. Cartonado 1\$000

AYORA

Contos azues, lindissimos contos para creanças, illustrados, brochado 500 rs. Cartonado..... \$700

FIALHO D'ALMEIDA

O paiç das uvas, 1 bello vol. illustrado..... 1\$000

CORRÊA GARCÃO

Obras poeticas, 1 vol. de 625 paginas, com introdução e notas de Azevedo Castro, edição primorosa..... 1\$500

CONDE DE BERTIANDOS

Lendas, 1 vol. illustrado..... \$600

SOROR MARIANNA

Cartas d'amor, traducção de Luciano Cordeiro, 1 vol. illustrado por M. San Romão..... \$500

GUILHERME GAMA

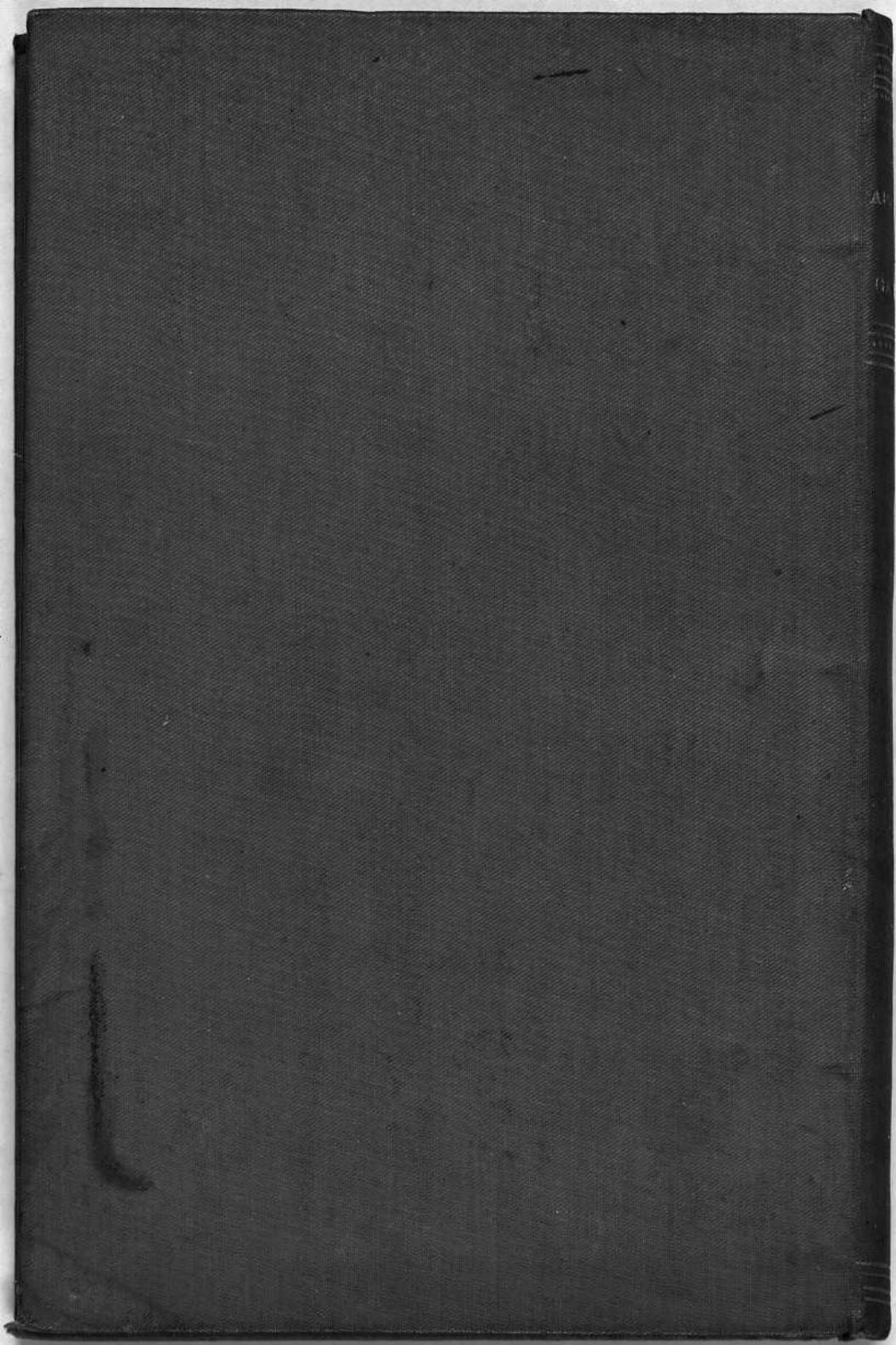
Prosas simples, illustrado, brochado 800 rs. Cartonado..... 1\$000

TEIXEIRA DE QUEIROZ

As minhas opiniões, 1 vol. de estudos..... \$600

MOURA CABRAL

Lisboa em flagrante, 1 vol..... \$400



ESTADO LIBRE RECONQUISTADO
DE CALIFORNIA

PEREGRINA

ENCICIONADO

E

GANADERO

ESTADO LIBRE RECONQUISTADO
DE CALIFORNIA